

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Cláudia Monti Duque Rodrigues

HERANÇAS INTERGERACIONAIS E O SIGNIFICADO E USO DO DINHEIRO

**Taubaté -SP
2019**

CLÁUDIA MONTI DUQUE RODRIGUES

HERANÇAS INTERGERACIONAIS E O SIGNIFICADO E USO DO DINHEIRO

Monografia apresentada para a obtenção do Certificado de Especialização pelo curso Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação do Departamento de Pós Graduação da Universidade de Taubaté.
Orientador: Prof^a. Adriana Leonidas de Oliveira.

**Taubaté-SP
2019**

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi/UNITAU
Biblioteca Setorial de Biociências

R696h Rodrigues, Cláudia Monti Duque
Heranças intergeracionais e o significado e uso do dinheiro
/ Cláudia Monti Duque Rodrigues – 2019.
93f. : il.

Monografia (Especialização) – Universidade de Taubaté,
Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.

Orientador: Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira,
Departamento de Psicologia.

1. Intergeneracionalidade. 2. Dinheiro. 3. Repetição de
padrões. I. Título.

CDD- 158.24

CLÁUDIA MONTI DUQUE RODRIGUES

HERANÇAS INTERGERACIONAIS E O SIGNIFICADO E USO DO DINHEIRO

Monografia para a obtenção do Certificado de Especialização pelo curso Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação do Departamento de Pós Graduação do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Data: _____

Resultado: _____

Profa. Dra. Adriana Leonidas de Oliveira

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Às famílias que descobriram seus valores como suas maiores riquezas!

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da vida que perpassa gerações.

Ao meu amado esposo, a quem a realização desta pesquisa não seria possível sem sua compreensão, cuidados, incentivo e dedicação ao nosso lar nos dias de minha ausência.

Aos meus antepassados que com suas vidas me inspiraram a esta pesquisa.

A minha amada família de origem, por minhas valiosas crenças, atitudes e valores.

Aos meus amados sobrinhos por me proporcionarem a oportunidade da construção de novos significados.

A psicóloga Maria José Lima que por longo tempo me acolheu em sua escuta ativa e incondicional proporcionando-me a resignificação da minha história e a encontrar caminhos à minha missão.

A minha orientadora Adriana Leonidas de Oliveira, a quem admiro pela competência em orientar, que sempre me amparou com entusiasmo, respeito e responsabilidade.

Aos meus queridos amigos deste curso pela confiança das intensas trocas de afetos e de nossas histórias familiares.

As minhas queridas professoras por suas competências, seriedade e compromisso na maestria de ensinar.

A família pesquisada pelo acolhimento e generosidade, pessoas que têm toda a minha admiração por suas histórias e valores.

“Sem perceber
A semente se transforma em árvore
A lagarta vira borboleta
E o vento vai contando a história”

Sem perceber - Música em Família
Paula Santisteban e Eduardo Bologna

RESUMO

A presente pesquisa de estudo de caso único fundamentou-se na perspectiva do Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático. O objetivo geral foi explorar e compreender as possíveis influências das heranças intergeracionais quanto ao significado e uso do dinheiro. A pesquisa foi realizada com três gerações de uma família, em que uma pessoa do gênero feminino de cada geração foi estudada. Os instrumentos utilizados foram: formulário sócio-demográfico, entrevista semiestruturada e genograma, onde foram levantadas e investigadas as formas de relações interacionais intergeracionais apenas quanto ao significado e uso do dinheiro. Os resultados foram divididos em seis categorias, quais sejam, heranças intergeracionais, crenças e valores; atitudes atuais quanto ao uso do dinheiro; fatores que influenciam o significado do dinheiro; trabalho e dinheiro; tempo e dinheiro; gênero e dinheiro. Técnicas qualitativas de análise de conteúdo foram utilizadas para tratamento do material obtido. Resultados revelaram que o aspecto mais significativo foi a repetição de padrões. Foram identificadas as crenças, atitudes e valores que foram transmitidos através das interações intergeracionais para a manutenção destas repetições e do significado do dinheiro, levando em consideração o contexto social, econômico e cultural. Pode-se concluir que o significado do dinheiro, que havia vindo da geração anterior à primeira geração estudada, se manteve nas três gerações, e com intenção anunciada pela terceira de ser transmitido à quarta geração futura. O dinheiro foi significado como um recurso para proporcionar qualidade de vida com experiências e vivências. O valor central encontrado foi a valorização do trabalho como principal meio para se adquirir recursos financeiros.

Palavras-chave: Intergeracionalidade. Dinheiro. Repetição de padrões.

ABSTRACT

Intergenerational heritages and the meaning and use of the money

The research of a unique case study was based on the new-paradigmatic perspective of thinking. The main objective was to explore and understand the possible influences of the intergenerational heritages on the meaning and use of the money. The research was developed with three generations of one family, which one female person from each generation was studied. The instruments used were: socio demographic form, semi structured interview and genogram, which the ways of interactional intergenerational relations only related to the meaning and use of the money were investigated. The results were divided into six categories: intergenerational inheritances, beliefs and values; current attitudes related to the use of money; factors that influence the meaning of money; work and money; time and money; gender and money. Qualitative techniques of content analysis were used to treat the obtained material. Results revealed that the most significant aspect was the repetition of patterns. The beliefs, attitudes and values that were transmitted through intergenerational interactions to maintain these repetitions and the meaning of money, taking into account the social, economic and cultural context, were identified. It can be concluded that the meaning of money, which had come from the previous generation to the first generation studied, has remained in the three generations, and as announced by the third to be transmitted to the fourth generation in the future. Money was explained as a resource to provide quality of life with experiences. The central value found was the valorization of work as the main way to acquire financial resources.

Keywords: Intergenerationality. Money. Repeation of patterns

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Genograma	32
----------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorização das participantes da pesquisa	33
Quadro 2 – Categorias de análise	34
Quadro 3 – Categoria 1 – Heranças intergeracionais, crenças e valores	34
Quadro 4 – Categoria 2 – Atitudes atuais quanto ao uso do dinheiro	40
Quadro 5 – Categoria 3 – Fatores que influenciam o significado do dinheiro	45
Quadro 6 – Categoria 4 – Trabalho e dinheiro.....	51
Quadro 7 – Categoria 5 – Tempo e dinheiro	53
Quadro 8 – Categoria 6 – Gênero e dinheiro	55
Quadro 9 – Comparação das semelhanças e diferenças quanto as heranças intergeracionais, crenças e valores.....	57
Quadro 10 – Comparação das semelhanças e diferenças das atitudes atuais quanto ao uso do dinheiro	62
Quadro 11 – Comparação das semelhanças e diferenças dos fatores que influenciam o significado do dinheiro	67
Quadro 12 – Comparação das semelhanças e diferenças sobre trabalho e dinheiro	72
Quadro 13 – Comparação das semelhanças e diferenças sobre tempo e dinheiro	74
Quadro 14 – Comparação das semelhanças e diferenças sobre gênero e dinheiro	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivos	12
1.1.1 Objetivo geral	12
1.1.2 Objetivos específicos	12
1.2 Organização da monografia	12
2 Revisão de Literatura	14
2.1 Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático	14
2.1.1 Família como um Sistema	15
2.1.2 Família e Intergeracionalidade	16
2.1.2.1 Crenças, Atitudes e Valores	19
2.1.2.2 Repetição de Padrões: modelo e antimodelo	20
2.1.2.3 Contextos Culturais	22
2.1.3 Dinheiro e Família	24
2.1.3.1 Significado e Uso do Dinheiro	25
2.1.3.2 Gênero e Dinheiro	26
3 Proposição	28
4 Método	29
4.1 Tipo de pesquisa	29
4.2 Área de Realização	29
4.3 População e amostra	29
4.4 Instrumentos	30
4.5 Plano de Coleta de Dados	30
4.6 Plano de Análise de Dados	31
5 Resultados e Discussão	32
6 Considerações Finais	83
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE A - Formulário Sociodemográfico	88
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada	89
ANEXO A – Carta Convite	91
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	92

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretendeu explorar e compreender as possíveis influências das heranças intergeracionais quanto ao significado e uso do dinheiro sob a ótica do Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático e fundamentado em teorias da Terapia Familiar.

O trabalho teve como objetivo geral explorar e compreender as possíveis influências das heranças intergeracionais quanto ao significado e uso do dinheiro a partir da perspectiva de mulheres de três diferentes gerações de uma família.

Foram levantados dados e investigadas as formas de relações interacionais intergeracionais apenas quanto ao significado e uso do dinheiro. Não se teve pretensão de abordar ou tangenciar outras variáveis que não tivessem relação com este assunto, também não teve intenção terapêutica, contudo devido à incontornabilidade do que se pudesse atingir na relação com o outro, não se pode afirmar que algumas perguntas talvez não tenham suscitado reflexões momentâneas ou futuras às pesquisandas.

Conforme a delimitação da pesquisa, as participantes tinham mais de dezoito anos, eram consanguíneas e residiam na região do Vale do Paraíba.

A pesquisa proposta além de contribuir na produção de conhecimento, visa ampliar a visão para a importância das interações intergeracionais, assim como a contextualização quando se trata de compreender o ser humano, quanto às suas crenças, atitudes e valores, que ocasionam em comportamentos como o uso do dinheiro e os significados a ele atribuídos. Conhecer uma visão de homem, abrangendo sua constituição, processos e relações: familiares e sociais, pode trazer ao observador a possibilidade de uma melhor compreensão da pessoa ou família que se encontra em sofrimento e deseja mudanças. Esta visão talvez possa explicitar sofrimentos com variáveis desconhecidas até então. O olhar para a intergeracionalidade revela o ser humano como parte de um sistema que o afeta e é afetado por ele, e por isto torna-se relevante, devendo ser considerado, assim como sua complexidade, instabilidade e intersubjetividade; considerando variáveis de “como” isto possa ter acontecido, não mais se prendendo aos “porquês” tenha acontecido.

Uma visão crítica e ampla faz-se necessária ao estudante e profissional de Intervenção Familiar, para que ele se liberte do determinismo científico como única

possibilidade, mas que possa integrá-lo a uma visão sistêmica, e isto pode acrescentar conteúdos à sua prática.

Num âmbito pessoal esta pesquisa foi uma oportunidade de ampliar conhecimentos teóricos à minha prática clínica e crer que a proposta do Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático seja um contributo direto ao meu modo de ser no mundo e na minha atuação profissional, uma vez que tudo também se dá por meio da minha relação com as pessoas e famílias atendidas. Enquanto psicóloga acredito no homem como um ser que realiza sua vida apesar de seu “destino”.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Explorar e compreender as possíveis influências das heranças intergeracionais quanto ao significado e uso do dinheiro.

1.1.2 Objetivos Específicos

Conhecer a percepção da relação com o dinheiro de indivíduos de três diferentes gerações da família analisada.

Levantar as crenças e atitudes da família de origem quanto ao significado e uso do dinheiro;

Averiguar quais são suas condições econômicas e crenças culturais atuais;

Identificar e comparar as semelhanças e diferenças com relação ao significado e uso do dinheiro presentes nas três gerações da família;

Identificar crenças que persistem ou se transformaram ao longo das gerações e levantar os possíveis fatores de influência.

1.2 Organização da Monografia

Para a realização deste trabalho segue um roteiro sumário. Após, a fundamentação teórica com capítulos relevantes ao tema em questão. O primeiro capítulo aborda o Pensamento Sistêmico. O segundo capítulo apresenta a Intergeneracionalidade em relação às crenças, atitudes, valores, repetição de padrões e

contextos. No terceiro e último capítulo teórico o tema descrito é sobre o Significado e Uso do Dinheiro, e as peculiaridades do gênero masculino e feminino quanto a este significado e uso.

Seguindo, se apresentam a Proposição e na sequência os Procedimentos Metodológicos; após os Resultados e sua consequente Análise e Discussão, e finalmente as Conclusões são apresentadas.

A pesquisa se encerra com as Referências utilizadas para a elaboração deste trabalho.

2 Revisão de Literatura

2.1 Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático

Vasconcelos (2003) afirmou desde 1995 sua visão sobre o pensamento sistêmico como sendo o novo paradigma da ciência. Pensar sistematicamente é pensar o que é complexo, instável e intersubjetivo.

De acordo com Wilden (1972, p.204 *apud* VASCONCELOS, 2003, p.148) “o conceito de sistema se refere aos modos em que acontecem as relações ou conexões entre os elementos e as relações entre as relações”. Cecchin (1991, p.13 *apud* VASCONCELOS, 2003, p.148) também afirma que “o que vemos como sistema é simplesmente o encaixe dos seus membros uns com os outros”.

Ainda segundo Vasconcelos (2003), um cientista ou profissional que assume para si estes novos pressupostos é sistêmico ou novo-paradigmático. A complexidade do sistema está na contextualização do fenômeno; ao ampliar o foco, pode-se perceber as circunstâncias em que o fenômeno ocorre, as relações intrassistêmicas e intersistêmicas, assim não se verá mais um fenômeno, mas uma teia de fenômenos interligados. A instabilidade é assumida pelo observador quando ao distinguir o dinamismo das relações no sistema, verá um processo em curso, um sistema auto-organizador, em constante mudança e evolução, com o qual não poderá ser instrutivo, assumindo a imprevisibilidade e a incontornabilidade do sistema. A intersubjetividade é o espaço de atuação do observador que se constitui com o sistema o qual trabalha; ao reconhecer sua própria participação nesta constituição e ao validar as possíveis realidades instaladas, o observador se inclui e passa a se perceber em acoplamento com a estrutura. Ao assumir estas três dimensões do novo paradigma da ciência, tem-se um cientista novo-paradigmático.

[...] além de ser um pensamento “contextual” e um pensamento “processual”, o “pensamento sistêmico novo-paradigmático” é também um pensamento “relacional”, no sentido de estar necessariamente relacionado ao sujeito/observador. (VASCONCELOS, 2003, p.157-158)

Vasconcelos (2003) explicita que não se trata de uma mudança de paradigma que destrua e substitua o antigo pelo novo, quando se faz a ultrapassagem, ao tornar-se novo-paradigmático, a articulação já está feita, ultrapassar não significa renegar,

mas resgatar e integrar a ciência tradicional, contudo com um novo olhar sobre a mesma.

2.1.1 Família como um Sistema

Cervený (2011a) aponta que a família era considerada em 1982 como um sistema em que pessoas vivem dentro de um mesmo espaço e mantêm relações significativas. Mais de 10 anos após, o viver dentro de um mesmo espaço já não é mais considerado, contudo ainda com a visão do grupo como um sistema de relações significativas, mesmo não havendo interdependência entre os subsistemas. O grupo familiar é visto como um sistema de relações, pois adquire um sistema de crenças e tradições, por mais curta que seja a convivência. Também considera a família como um sistema ao pesquisar os padrões interacionais que se repetem através das gerações. Ela pode quebrar padrões do passado e reformulá-los no presente. As regras e rituais de um sistema familiar o protege e assegura uma continuidade de geração para geração, em meio às mudanças externas.

Uma ideia semelhante é apontada por Nichols e Schwartz (2007 *apud* CARDOSO, 2017), em que diz que a família vista como uma unidade sistêmica, esta é uma abordagem que compreende o indivíduo dentro de vários sistemas, de forma ativa e reativa. Existem forças dominantes na vida de um indivíduo que estão no sistema familiar e se forem modificadas proporcionam mudança individual e grupal, ou seja, o que afeta um membro, tem ressonância em todo sistema familiar.

Tendo a perspectiva da família como sistema, então o indivíduo é considerado como parte de um sistema maior: a família. Esta faz parte como microssistema de sistemas maiores, desta forma o comportamento não é meramente um produto de processos intrapsíquicos, mas sobretudo o resultado em um sistema. (CERVENÝ, 2011a)

Slusky (1984 *apud* CERVENÝ, 2011a) chama a atenção de que família e sistema costumam aparecer como sinônimos, contudo a família não é um sistema, podemos pensá-la através de uma perspectiva sistêmica, pensando-a como um sistema. Cervený (2011a) então confirma ser procedente tal preocupação e acha que se pode pensar na família como um sistema de relações para entender a repetição de padrões interacionais intergeracionalmente.

Pensando no grupo familiar, de acordo com a teoria de sistemas, ele pode ser visto como uma totalidade e as particularidades de cada membro não são suficientes para explicar o comportamento dos outros. Desta forma a análise de uma família não pode ser a soma das análises individuais. Os sistemas interpessoais podem ser vistos como circuitos de retroalimentação, ou seja, o comportamento de cada um, afeta e é afetado pelos comportamentos dos outros. O sistema familiar deve ser visto como um todo para a sua compreensão, e não como a soma das partes; os indivíduos só podem ser compreendidos dentro dos contextos interacionais. (CERVENY, 2011a)

Segundo Bertin (2004) contexto se refere não somente a ambiente, mas também as relações entre todos os elementos envolvidos incluindo as partes que se relacionam.

Ainda de acordo com Bertin (2004) o observador está mais inclinado às relações e conexões, contudo considera as características individuais das partes que compõem o sistema, ou seja, como estas interagem no todo. Para se tentar a compreensão do fenômeno observado, a observação é circular da parte para o todo e vice-versa.

Cervený (2011b) diz que a unidade familiar é um sistema formado por indivíduos que podem ser considerados sistemas por si e também fazer parte do sistema familiar. Este por sua vez faz parte de um sistema familiar maior e está em outros sistemas como o econômico, entre outros.

De acordo com Carter e Mc Goldrick (1995) a família compreende o sistema emocional de pelo menos três gerações, sendo o campo emocional operativo a qualquer momento.

Para Cervený (2011b) o sistema familiar por ter longa duração e pelo nível de inter-relação, pode ser o mais importante na vida dos indivíduos, e se ainda a intergeracionalidade for considerada passa a ter uma continuidade e complexidade que desafiam as investigações sobre os mesmos.

2.1.2 Família e Intergeracionalidade

De acordo com Osório (2011a, p. 17) “[...] a origem etimológica da palavra “família” nos remete ao vocábulo latino famulos, que significa “servo” ou “escravo” [...]”

isto sugeria que a família era considerada como o conjunto de escravos de uma pessoa. Isto alude a possessão nas relações dos povos primitivos, isto é, a mulher obedecendo ao marido e os filhos como pertencças dos pais, devendo-lhes a própria vida inferindo no direito absoluto dos pais sobre os mesmos. Contudo hoje com as mudanças como a redistribuição dos papéis entre marido e mulher, nos contextos familiar e de trabalho; entre pais e filhos quanto a autoridade parental; e entre irmãos em prol de um padrão mais solidário devido ao mundo competitivo de nossos dias; não se pode analisá-la sem observar este novo equilíbrio no jogo de poder entre cada membro.

Conforme Cerveny (2012) não é somente a partir do nascimento que se constrói a narrativa familiar. Antes do nosso nascimento já temos uma expectativa por parte da nossa família de origem, nuclear, extensa e até mesmo futura. Esperam algo de nós, assim como também esperamos dos que estão por vir. Desta forma se programa o nosso pertencimento.

Quando recebemos uma herança e não a questionamos, podemos ficar presos somente ao papel designado, mas podemos também imprimir nossa marca pessoal nessa herança e lutar por outros papéis. Isto significa trabalhar nossa herança de maneira a construir novas histórias. (CERVENY, 2012, p.39)

Pertencemos a uma família e construímos a nossa identidade através da nossa história intergeracional, incluídos numa sociedade e inseridos numa cultura. (CERVENY, 2012)

Ainda segundo Cerveny (2012) o pertencimento a uma cultura ou grupo familiar, significa tomar lugar no mundo e se apropriar da identidade familiar, que tendo base biológica, se concretiza em uma história relacional e ajuda a construir a própria história. Perder parte disto é se deparar com o sofrimento de não saber de onde se vem, do rompimento da memória familiar e ter que lidar com o vazio da origem.

Osório (2011) ainda destaca que família é um grupo unificado onde se desenvolve três distintas relações: de aliança entre o casal, de filiação e consanguinidade. Tendo o objetivo de preservação da espécie, assim como nutrição e proteção da descendência, desenvolvendo suas identidades e favorecendo a transmissão de valores. O mesmo autor também aponta os três formatos básicos da família ao longo da evolução: a família nuclear constituída por pai, mãe e filhos; a

extensa constituída por parentes; e a abrangente que inclui os que não são parentes, mas moram juntos.

As redes de conversações permitem a passagem para outra geração de outras formas de viver, são compreendidas através das narrativas construídas, conservadas e mudadas na história da família. Desta forma também constituem os enredos das histórias de geração para geração em diversas culturas. (GRANDESSO, 2000; WHITE; EPSTON, 1990 *apud* GRANDESSO, 2006). Tal afirmação entra em conformidade com Cervený (2011a) ao explicitar que a família constrói sua realidade através do compartilhamento de seus membros quanto as suas histórias. As condutas sintomáticas fazem parte da organização da realidade familiar.

Carter e Mc Goldrick (1995) afirmam que o processo familiar não é linear, mas se configura na dimensão linear do tempo. É difícil superestimar o impacto modelador de uma geração sobre as que a seguem; enquanto uma se dirige para uma idade mais avançada, a próxima está lidando com o ninho vazio, a terceira com sua idade adulta, estabelecendo carreiras, relacionamentos e gerando filhos, enquanto a quarta está sendo introduzida no sistema. Nesta mistura de gerações os eventos de um nível têm efeitos nos outros níveis.

De acordo com Bertin (2004), o trabalho com família na ótica sistêmica abrange o sistema emocional de três ou quatro gerações, pois seus membros se influenciam de maneira recíproca. A perspectiva histórica é importante para compreender o comportamento atual de uma família, pois durante o processo podem surgir elementos que ajudam a explicar formas atuais da família a lidarem com situações diversas e como se adaptam as mesmas, e isto não é uma procura da relação causa e efeito. O questionamento histórico pode lavar à compreensão das mudanças organizacionais, estratégias e habilidades de uma família, em resposta a situações que foram estressoras no passado.

Segundo Wagner (2003), o processo evolutivo da história e organização da família está permeado de mudanças e permanências. A dimensão do novo nunca será isenta da herança de modelos, estratégias e atitudes vivenciadas e incorporadas por cada membro em sua família de origem.

No processo intergeracional, reconhecer o recebimento de uma herança e transmiti-la é a aceitação de ser elo de uma corrente que é reconstruída entre as gerações através de novos significados (CERVENY, 2012).

Segundo Cardoso (2017), ao analisar variáveis como as atitudes, crenças, valores e os significados do dinheiro; construídos ao longo dos anos e transferidos de geração em geração; a abordagem sistêmica parece ser a base epistemológica mais indicada para estudar o assunto.

2.1.2.1 Crenças, atitudes e valores

Sarti (2003 *apud* GRANDESSO, 2006) considera que cada família, cada membro organiza sua história construindo os significados do que viveu dentro dos limites da sua cultura e mundo. Grandesso (2006) deixa claro que cada pessoa desenvolve em sua rede de conversações uma compreensão do significado da sua família. As construções por meio de palavras, gestos, atitudes e silêncio, constroem crenças sobre a família de cada pessoa, e em diferentes contextos pode ser mantida e ressignificada. A autora ainda afirma que significados em narrativas expressam o sentido de pertencimento a uma família, as noções de parentesco definem os rituais de conexão, celebração e constituição, assim como transmitem e preservam valores.

De acordo com Bertin (2004) a necessidade de pertencimento familiar faz com que o membro se sujeite a regras e normas que podem mobilizar tanto para o crescimento quanto a paralização e impedir a individualidade.

Bertin (2004) destaca que a essência da relação humana é a capacidade de confiar no outro e assumir compromissos, a esse sentimento de compromisso e solidariedade que reúne as expectativas e necessidades de uma família chama-se lealdade, esta quando dentro de um sistema familiar considera uma trama de expectativas estruturadas no grupo e que compromissos são adquiridos por todos os membros.

Macedo e Kublikowski (2006) afirmam que sem a nossa subjetividade não há como construir uma visão de mundo, a nossa história, nossos desejos e nossas memórias.

De acordo com Maturana e Verden-Zöllen (1997 *apud* GRANDESSO, 2006) não é de acordo com o nosso raciocinar que viverão nossos filhos e o mundo que geraremos, mas da maneira em que vivemos nossos desejos e nosso emocionar. Assim, ideias, valores, símbolos, mitos e ritos, não têm uma existência por si, mas ocorrem conforme os distinguimos ou aceitamos o que representam. Estas distinções

se dão na linguagem e se tornam figura e fundo para as histórias vivenciadas e que se conservam em narrativas socialmente construídas nos contextos das relações.

Destaca Maturana (1997 *apud* GRANDESSO, 2006) que quando um novo significado surge na vida humana é porque já surgiu antes um emocional e em torno deste e se organizou uma rede de conversações.

Meirelles (2017) diz que a família transmite os valores e crenças através dos comportamentos, e alguns são transmitidos diretamente. E desta forma as crenças e valores quanto ao dinheiro também são construídas e ajudando a compreender o significado do dinheiro, ao mesmo tempo que se reproduz comportamentos que afetam a vida financeira. Mesmo sem perceber se é leal aos familiares, fato que se aplica também ao dinheiro. Investigar as histórias sobre o uso do dinheiro, as crenças transmitidas, as relações estabelecidas entre os membros e as lealdades invisíveis ampliam o entendimento dos padrões comportamentais.

De acordo com Bertin (2004) se o comportamento de um membro do sistema familiar mudar, todo o sistema transformará. O sistema tece uma rede de ações através das interações dos membros, suas propriedades emergem e são ligadas às ações coordenadas que o constituem, é no movimento sequencial de ações, interações e relações que a linguagem ocorre. Novos pensamentos e significados podem ser despertados pela comunicação que propiciam outras comunicações, e que ao se retroalimentarem produzem um sistema comum de crenças e valores. Assim se constrói um sistema comum de significado, e este continua sendo alimentado por novas comunicações.

2.1.2.2 Repetição de padrões: modelo e antimodelo

Repetição de acordo com Cerveny (2011a) vem do latim e significa ato ou efeito de repetir, acontecer de novo e suceder novamente, sendo que os dois últimos indicam como encarar a repetição de padrões interacionais.

Ainda segundo Cerveny (2011a) certos padrões interacionais cotidianos em algumas famílias são facilmente detectados, enquanto que em outras estão camuflados e se tornam mais difíceis de observar. As gerações posteriores, devido ao desenvolvimento sociocultural e de comunicação, ou seja, tendo mudanças

significativas na família, podem dispor de recursos para lidarem melhor com as situações a que lidaram seus antepassados.

Contudo McGoldrick e Gerson (1985 *apud* CERVENY, 2011a) afirmam que as famílias se repetem. Questões de uma geração podem ser repetidas pela próxima geração de outra maneira. Cerveny (2011a) ressalta também o antimodelo como forma de repetição e acontece quando os modelos são rejeitados e ocorrem tentativas de não os repetir, contudo o que acontece é uma repetição pelo seu oposto; e é tão forte quanto a repetição do modelo, o qual continua sendo a referência. Tornam-se uma relação de complementaridade do que de oposição.

As repetições têm muita força no sistema familiar, pois até padrões já trabalhados em terapias conseguem emergir e segurar o bom funcionamento e crescimento do sistema. (CERVENY, 2011a)

Macedo (1990 *apud* CERVENY, 2011a) propôs uma leitura trigeracional dos padrões interacionais transmitidos no sistema familiar através de um eixo vertical, ou seja, os tabus, os mitos, os segredos, os rótulos e as expectativas. Cerveny (2011a) diz que os mitos são sustentados pelos segredos em família.

De acordo com Watzlawick (1973 *apud* CERVENY, 2011a) a não-comunicação é impossível. No que se refere ao comportamento, não existe um não comportamento, não existe um não se comportar; e se todo comportamento traz uma mensagem, então isto é comunicação. Palavras ou silêncio, movimentos ou não, tudo é comunicação e quem recebe a mensagem não pode não responder às mesmas, portanto é comunicação também. A comunicação pode ser pelo olhar, pelo movimento entre outros. Portanto conforme Cerveny (2011a) precisamos não só pensar na transmissão por códigos como comunicação, mas também por meio dos mitos, do não-dito, das lealdades.

A retroalimentação da informação e comportamento de forma circular é uma das conquistas que o enfoque sistêmico trouxe ao comportamento humano, não se prendendo apenas ao sistema linear de observação dos fatos (CERVENY, 2011a)

[...] nossa proposta é a de estudar a repetição de padrões interacionais na família do ponto de vista ou com base em pressupostos sistêmico, estamos usando este modelo como uma lente através da qual percebemos essa realidade. Trabalhar num modelo sistêmico significa, para nós, pensar, pesquisar e clinicar sistematicamente. Uma das coisas importantes que essa lente oferece é a possibilidade de não estarmos preocupados com os *porquês*, mas tentarmos

responder o *como*. Indagar por que o indivíduo repete não faz parte do pensar sistêmico, mas pesquisar como isto acontece vai nos permitir formular e observar as condições em que pode haver a repetição. (CERVENY, 2011a, p.39-40)

De uma posição construtivista “[...] jamais se poderá conhecer verdadeiramente o que é alguma coisa, mas sim o que se conjectura sobre ela. [...]” (CERVENY, 2011a, p.40)

De acordo com Carter e Mc Goldrick (1995) a família é mais que a soma das suas partes; o ciclo de vida familiar é o contexto primário do desenvolvimento humano e o ciclo de vida individual ocorre dentro deste. Esta perspectiva é crucial para o entendimento dos problemas emocionais individuais à medida que se movimentam juntas na vida.

É preciso considerar a família em sua totalidade, para conhecer o padrão de funcionamento repetitivo. Os membros de uma família se influenciam na maneira de perceber, pensar e se comunicar propiciando a construção e desenvolvimento de crenças que o sistema mantém de forma rígida. (BERTIN, 2004)

A observação na prática para a repetição de padrões tem sido estudada na família trigeracional, ligada aos conceitos de ascendência e descendência, com laços sanguíneos ou não, onde geralmente não há convívio no mesmo espaço, mas as relações continuam significativas. Inclusive com parentes mortos, podendo significar as relações perpetuadas através dos mitos. A Família de Origem de uma pessoa inclui seus pais e os pais destes. (CERVENY, 2011a)

Cerveney (2011a) evidencia que ao se trabalhar numa visão sistêmica com uma família, deve-se incluir o contexto maior para a compreensão do que se passa nesta.

2.1.2.3 Contextos Culturais

As múltiplas gerações que nos antecederam deixaram suas marcas na nossa história e na nossa cultura, mas não somos depois das várias colonizações e mudanças ocorridas, aquela família colonial perpetuada em romances e às vezes tomadas como sinônimo de família brasileira. (CERVENY, 2011b, p.18)

Mc Goldrick (1995) diz que etnicidade se refere ao conceito da “condição de povo” de um grupo, que se baseia na junção de raça, religião e história cultural. Ela

descreve aquilo que é transmitido pela família ao longo das gerações e reforçado pela comunidade. (CERVENY, 2011a, p.39-40)

Ainda é destacado por Mc Goldrick (1995) que a etnicidade padroniza o pensamento, sentimento e comportamento mesmo operando muitas vezes de fora da percepção consciente. Ela desempenha papel importante por determinar o que se come, como se trabalha e se relaciona. Nossa visão do mundo é através dos nossos filtros culturais e persistimos muitas vezes nas opiniões estabelecidas, mesmo com evidências contrárias.

Osório (2011, p. 18) diz que “[...] Cada cultura prevalente em um determinado momento evolutivo da humanidade nos ofereceu sua concepção singular da constituição familiar.” Ou seja, não é possível defini-la, mas descrevê-la devido a muitas estruturas familiares ao longo do tempo.

“[...] A definição de “família”, assim como as fases do ciclo de vida e a importância das diferentes transições, varia de acordo com o *background* cultural da família. [...]” (CARTER E MCGOLDRICK, 1995, p. 26)

As expectativas em relação a família estão impregnadas de idealizações. A maior expectativa é a de produzir cuidados, proteção, construção de identidades, afetos e vínculos de pertencimento, capazes de gerar qualidade de vida a seus membros e inclusão social na comunidade e sociedade onde vivem. Entretanto não são garantias, mas possibilidades. O contexto em que as famílias vivem pode ser fortalecedor ou esfacelador de suas potencialidades e potencialidades. (CARVALHO, 2006)

De acordo com Cerveny (2012) as mudanças culturais e as várias heranças que vêm por meio dos casamentos trazem novas formas na singularidade de cada família. Osório (2011) também afirma que em nenhum outro período da história, como nesta época, ocorreram tantas mudanças nas relações familiares e no comportamento humano. Em menos de um século houve conquistas das mulheres por seus direitos e dos homens que se viram aliviados de proverem sozinhos o sustento da família.

Segundo Poletto, Manfredini e Grandesso (2018) os hábitos de vida sofreram modificações por meio das transformações históricas, sociais, políticas, ideológicas, econômicas e tecnológicas, e desta forma afetam a saúde mental de crianças, adolescentes e adultos. O apelo da mídia para um consumo constante, contribuem para uma incessante busca de bens materiais, resultando em constante insatisfação

com o que se tem e tal disponibilidade de ofertas não contribui para pessoas e famílias mais felizes. A aquisição de produtos de marca contribui para a construção de uma identidade diferenciada, e numa sociedade marcada pela desigualdade social uma pessoa passa a ser considerada pelo que usa, veste ou possui, sendo sinônimo de prestígio. Desta forma o dinheiro acaba por se associar ao poder. Estes são desafios às famílias que querem educar seus membros para o uso do dinheiro e a preservação de valores mais igualitários.

De acordo com Manfredini (2007) pesquisas sobre valores da classe média paulista apontaram que na prioridade dos pais, a educação e o futuro dos filhos ocupam o primeiro lugar. Dinheiro e estudo têm íntima relação, pois o dinheiro proporciona a possibilidade de estudar em melhores escolas e a valorizar pessoas que ganham mais por terem mais estudos.

A família por ser uma entidade dinâmica tem sofrido intensas modificações nas últimas décadas, relacionadas ao contexto social, econômico, cultural e outros contextos. (CERVENY, 2011a)

Quanto ao contexto econômico brasileiro, Leitão (2011 *apud* MEIRELLES, 2017) diz que nos últimos 50 anos houve uma série de fatos históricos e econômicos que trouxeram para o cotidiano da população a presença da inflação e o desejo da população em derrotá-la. Durante o processo com a inflação cada vez mais alta levou a população ao empobrecimento, gerando insegurança e tirando a possibilidade de planejamento financeiro, levando a recessão e desemprego. Após vários planos econômicos de governo o brasileiro se viu às voltas com a insegurança e sem saber o que fazer com o dinheiro. Somente após o Plano Real foi que a classe média pode crescer e a ter acesso a bens e serviços que antes não podiam ter. Desta forma o brasileiro após anos de aflição e turbulência econômica vem sentindo uma mudança de vida com o aumento de consumo. Durante todo o período de transformações da economia, a população teve que aprender a usar o dinheiro se quisesse sobreviver aos planos econômicos buscando informações. A luta que o povo travou para a preservação da moeda deixou marcas em relação às atitudes, crenças e valores no que se refere ao uso do dinheiro.

2.1.3 Dinheiro e Família

De acordo com Poletto, Manfredini e Grandesso (2015) lidar com o dinheiro é um aprendizado que continua ao longo da vida, o fato de se viver num mundo capitalista e de consumo, faz com que se entre desde pequeno em contato com o consumismo e com formas diversas de lidar com a questão econômica. A família é uma rede de relações que estabelece formas de lidar com o outro e com o dinheiro e que os valores são aprendidos nas relações sociais. Desta forma torna-se um desafio para as famílias construírem maneiras de aprenderem de forma consciente a usarem o dinheiro através do gastar, poupar, comprar e doar.

O planejamento financeiro é parte fundamental da felicidade e segurança familiar. A maioria das pessoas não realiza esta contabilização todos os meses, seja por ignorar a importância deste controle ou por limitações culturais, ou ainda por acreditarem ser impossível administrar as contas. Tomar conhecimento do destino do dinheiro é essencial para economizá-lo e estabelecer novos padrões de organização financeira. As pessoas mais bem-sucedidas financeiramente realizam este controle e planejamento. (PISZEZMAN; MANFREDINI; GOMES, 2012)

Piszezman, Manfredini e Gomes (2012) ainda expõem que um dos maiores desafios em um lar é a conciliação de dinheiro e vida familiar, é muito difícil satisfazer os desejos ilimitados de cada membro devido a conflitos de gerações e o limite da renda familiar. Essa tarefa tornou-se mais complicada uma vez que as mulheres passaram a contribuir com o orçamento familiar. No Brasil a grande maioria das mulheres trabalham e isto impede a decisão da distribuição do orçamento apenas pelo homem.

Outra questão ainda trazida por Piszezman, Manfredini e Gomes (2012) é de que educar os filhos não é fácil e principalmente num mundo capitalista e consumista, Crianças e seus pais são persuadidos a consumirem por das mensagens publicitárias apelativas. Para os pais é importante mediar este consumo, pois as crianças não têm maturidade emocional para entenderem estas estratégias e ainda são emocionalmente vulneráveis. Os pais por serem os modelos, podem conversar sobre as finanças no cotidiano familiar.

2.1.3.1 Significado e uso do dinheiro

De acordo com Manfredini (2007), desde muito cedo o significado do dinheiro está presente nas relações da história de um indivíduo e percorre sua trajetória de

experiência de vida, ou seja, um indivíduo nasce e morre se relacionando com questões financeiras.

Segundo Cardoso (2017), a atribuição de significado do dinheiro tem construção na cultura, no social e no individual; e abrange crenças, representações, atitudes e emoções. O dinheiro pode ser experimentado como causa de ansiedade, ou diante da acumulação experimentado como motivo de gozo. Para Moreira (2002 *apud* CARDOSO, 2017) a atribuição do significado do dinheiro é individual e a partir das próprias vivências e contexto. E é apreendido no contexto familiar conforme aponta Madanes e Madanes (1997 *apud* CARDOSO, 2017). E segundo Guimarães (2007 *apud* CARDOSO, 2017) têm variações conforme o gênero.

Ainda de acordo com Cardoso (2017) as informações a respeito do dinheiro são transmitidas através das heranças transgeracionais e esta transmissão molda a representação sobre o significado e uso do dinheiro.

Os pais ensinam como lidar com o dinheiro, mesmo sem falar de forma clara sobre isto, tudo o que foi observado e sentido na comunicação não verbal ou falado de forma positiva ou negativa sobre o dinheiro é passado como modelo aos filhos. (POLETTI; MANFREDINI; GRANDESSO, 2015)

2.1.3.2 Gênero e dinheiro

Mc Goldrick (1995) afirma que custou muito caro para os homens e mulheres ter desvalorizado e relegado às mulheres a esfera de “expressividade emocional” e por ter sido separada da esfera “instrumental”. A autora acredita que a socialização das mulheres é o que as tornam intuitiva, assim como os homens também poderiam ser sensíveis se os nossos padrões de educação pudessem ser modificados para isto. A nutrição não precisa ser província da mulher, assim como o trabalho e o dinheiro controlados pelo homem.

Macedo e Kublikowski (2006) afirmam que em terapias não é possível evitar questões de gêneros e seus temas, como o dinheiro. Homens e mulheres são diferentes e o importante é lidar com a desigualdade. Contudo masculino não quer dizer ser sinônimo de homem e não se esgota nele, assim como feminino o de mulher e também não se esgota nela. Ambas são totalidades complexas, inter-relacionadas e dimensionadas na cultura.

A forma em que mulheres e homens utilizam seus recursos financeiros são diferentes. Os rendimentos provenientes dos homens são destinados às despesas maiores, enquanto que os das mulheres são subestimados, sendo destinados às despesas menores. E os gastos femininos de uso pessoal são desqualificados aos gastos masculinos, sendo assim as mulheres têm mais dificuldades em investir seus rendimentos. (CARDOSO, 2017)

De acordo com Meirelles (2017) as atitudes dos homens são mais voltadas a aquisição de patrimônio, podendo desta forma o dinheiro ser um fim em si mesmo, e desta forma preocupando-se mais ao acúmulo, enquanto que para as mulheres é mais uma ferramenta que um objetivo, pois o bem-estar e as relações são privilegiados.

Mc Goldrick (1995) comenta que as estatísticas revelam a insatisfação das mulheres quanto aos tradicionais padrões de casamentos e famílias. Na opinião das autoras ocorrerá mudanças nestes padrões quando tivermos desenvolvido um novo equilíbrio que não seja baseado na hierarquia familiar patriarcal.

De acordo com Cenci (2017) a interface entre dinheiro e conjugalidade é complexa por não ser uma escolha objetiva, mas permeada por subjetividade individual, familiar, cultural e social. O contexto social capitalista que apoia a desigualdade econômica, através da desigualdade de gênero, pela afetividade entre o casal, pelo momento do ciclo de vida e pelas experiências de cada um, são o que influenciam as opções feitas pelos casais. No início do ciclo de vida conjugal e antes da aposentadoria, os conflitos são mais frequentes.

3 Proposição

A presente pesquisa teve como questão principal descobrir se há influências das heranças intergeracionais quanto ao significado e uso do dinheiro.

A pesquisadora teve como hipótese principal de que haja influências das heranças intergeracionais quanto ao significado e uso do dinheiro. A mesma também acreditou que seriam identificadas heranças como crenças, atitudes e valores que são transferidos através das relações intergeracionais, por meio de repetição de padrões de forma direta ou mascarada, quanto ao significado e uso do dinheiro; assim como a identificação de crenças culturais que possam ter influências nestes significados e usos.

4 Método

4.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa foi exploratória, qualitativa e realizada por meio de pesquisa de estudo de caso único.

Conforme Andrade (2003), a pesquisa teórica exploratória é o primeiro passo do trabalho e tem como finalidade proporcionar maior informação sobre o assunto, facilitar a delimitação do tema, definir os objetivos, assim como formular as hipóteses da pesquisa. Gil (2002) também traz que o principal objetivo da pesquisa exploratória é o aprimoramento de ideias, assim como a descoberta de intuições. Ela pode proporcionar maior familiaridade com o problema, podendo construir hipóteses. Desta forma se pode ter uma flexibilidade no planejamento, possibilitando os aspectos mais variados referentes ao fato estudado, podendo assumir a forma de Estudo de Caso.

De acordo com Silva e Menezes (2005), o Estudo de Caso é um estudo profundo de um ou alguns objetos de forma que se possa realizar um amplo e detalhado conhecimento.

O delineamento adotado foi o de Estudo de Caso. De acordo com Gil (2002) consiste num estudo exaustivo de um objeto ou objetos, para um conhecimento amplo e detalhado. Tem propósitos como: explorar situações com limites não muito claros, descrever o contexto da investigação, formular hipóteses e explicação das várias causas de um fenômeno em situações complexas.

A abordagem foi qualitativa, ou seja, preocupou-se com a compreensão do fenômeno. O paradigma qualitativo relaciona-se ao estudo dos aspectos não quantificáveis do objeto, e desta forma, inúmeros delineamentos podem ser possíveis (ESTRELA, 2005). De acordo com Severino (2008), a abordagem qualitativa faz referência mais aos fundamentos epistemológicos as especificidades metodológicas.

4.2 Área de Realização

O perímetro demográfico para a realização desta pesquisa foi o Vale do Paraíba no estado de São Paulo.

4.3 População e amostra

Esta pesquisa foi um estudo de caso único, composto por uma família a qual foram entrevistadas três gerações e teve como amostra uma pessoa do gênero feminino de cada geração. As participantes foram identificadas como Adália (primeira geração), Bianca (segunda geração) e Catarina (terceira geração). Nomes fictícios foram utilizados para as participantes, familiares e amigos citados por elas, assim como instituições, lugares públicos, cidades e países, com a intenção de garantir o anonimato.

A família foi identificada como sendo classe alta, desta forma foram respeitados os parâmetros do IBGE (renda per capita mínima de 1 salário mínimo e meio).

4.4 Instrumentos

Para as entrevistas foram utilizados um computador para a gravação de voz e um toca fita K7 para garantir a gravação, uma folha A3 para desenhar parte do genograma da família, um Formulário sóciodemográfico (Apêndice A) para cada participante e um roteiro da Entrevista semiestruturada (Apêndice B).

O Formulário sóciodemográfico (Apêndice A) foi construído contendo questões pessoais e econômicas e a Entrevista semiestruturada com questões que abordaram crenças, atitudes, valores, significado e uso do dinheiro da família atual, extensa e de origem de cada participante da pesquisa (Apêndice B).

4.5 Procedimento de Coleta de Dados

Inicialmente e durante toda a pesquisa o levantamento para a revisão de literatura ocorreu através da biblioteca da Universidade de Taubaté - UNITAU, acervo da própria pesquisadora, de colegas estudantes e profissionais, material via sistema eletrônico, Base de Dados e Sistema de Busca. De acordo com Gil (2002) os seguintes objetivos devem ser observados quando se faz uma leitura bibliográfica em pesquisa: identificação das informações e dados que apareçam constantemente; estabelecimento de relações entre estas mesmas informações e dados com o problema da pesquisa; e análise das consistências também das mesmas apresentadas pelos autores.

A seleção da amostra foi por indicação de terceiro através da carta convite (modelo em anexo A) que foi disponibilizado por meio de *Whats App* e redes sociais como o *Facebook* e *Instagram*.

O local da entrevista foi na residência da entrevistada da primeira geração, com a tomada dos devidos cuidados quanto ao sigilo. As participantes foram entrevistadas ao mesmo tempo até a pergunta número 5 (cinco) do Roteiro de Entrevista (Apêndice B), após, a entrevista ocorreu apenas com as participantes da segunda e terceira geração, pois a participante da primeira geração necessitou se ausentar por motivos pessoais, e somente após mais dois encontros individuais com ela e o último com a participante da segunda geração presente é que foi possível concluir as entrevistas, e todas ocorreram no mesmo local. As três participantes foram informadas e solicitadas a assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido (modelo em anexo B). Após, foi aplicado o formulário e em seguida a entrevista semiestruturada, a qual foi gravada. Estas informações foram transcritas e analisadas.

4.6 Procedimento de Análise de Dados

Foi dada por análise, compreensão e interpretação das informações obtidas de cada participante; através da relação com a fundamentação teórica, de forma qualitativa.

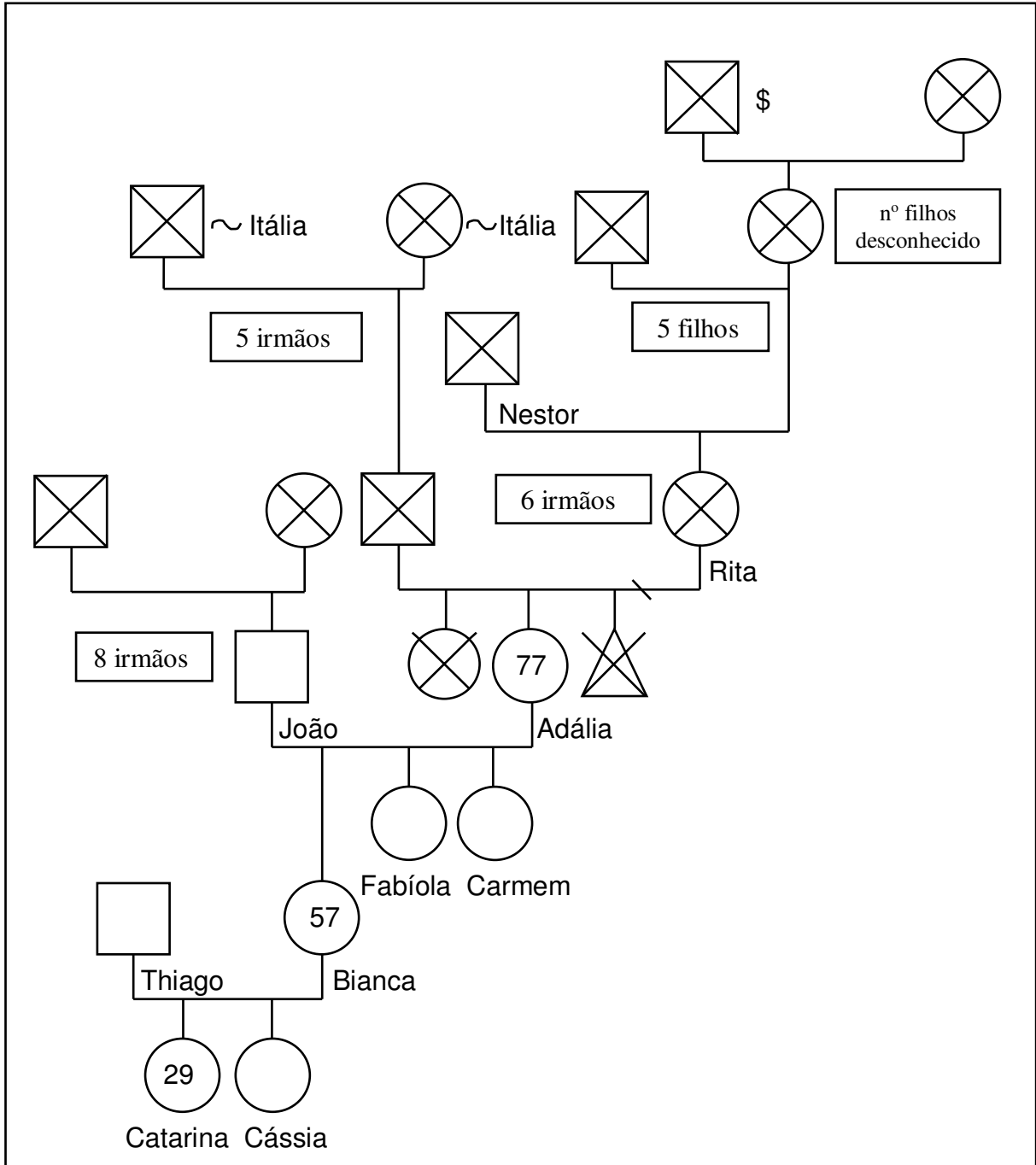
Foram utilizadas técnicas qualitativas do método de análise de conteúdo. As etapas qualitativas da análise de conteúdo se diferenciam em três fases, sendo elas: a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2010).

De acordo com Oliveira (2018), ao se constatar de que a verdade vale no tempo e no espaço, então o que se procura não é mais a verdade absoluta. A verdade é datada e são versões podendo ser consideradas narrativas da ciência. Desta forma a ciência traz a reflexão e ética do pesquisador como critério de validação do conhecimento, ela se evidencia como atividade humana que colabora para construir um mundo que ela mesma lê. O conhecimento é co-construído no novo paradigma da ciência, o pesquisador constrói significados juntos as pessoas envolvidas, com o intuito de interpretar a realidade.

5 Resultados e Discussão

Os dados obtidos do Formulário Sócio-demográfico foram expostos na Figura 1 e Quadro 1.

Figura 1 - Genograma



Fonte: Dados da pesquisa de campo

“O genograma é uma representação gráfica da família que vai além da simples genealogia, pois inclui também as relações e interações familiares.” (CERVENY, 2011a, p.107)

Ainda segundo Cerveney (2011a), o genograma, para a maioria das pessoas, reconstitui um reencontro com o passado. Para a pesquisa de padrões interacionais que se repetem intergeracionalmente, o genograma é fundamental.

Quadro 1 – Caracterização das participantes da pesquisa

Dados das Participantes	G1 Primeira geração	G2 Segunda geração	G3 Terceira geração
Nome	Adália	Bianca	Catarina
Idade	77	57	29
Estado civil	Casada	Casada	Solteira
Grau de instrução	Mestrado	Superior	Pós-graduação
Profissão	Socióloga e Professora	Psicóloga	Engenheira Civil
Ocupação	Aposentada	Psicóloga	Engenheira Civil e Professora de Ballet
Quantidade de filhos	3 filhas	2 filhas	Não tem
Com quem reside	Esposo	Esposo e filha	Pais
Avaliação da condição financeira	Satisfatória	Bem satisfatória	Muito boa
Religião	Católica	Católica	Não tem

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Todas residem na mesma cidade e quanto ao fator financeiro foram avaliadas como de Classe Alta.

Com o Roteiro de Entrevista foi dado prosseguimento à pesquisa.

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada a análise de conteúdo, através das técnicas qualitativas desta análise. Os resultados das entrevistas foram expostos em seis categorias conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Categorias de análise

Categorias de análise
Categoria 1 - Heranças intergeracionais, crenças e valores
Categoria 2 - Atitudes atuais quanto ao uso do dinheiro
Categoria 3 - Fatores que influenciam o significado do dinheiro
Categoria 4 - Trabalho e dinheiro
Categoria 5 - Tempo e dinheiro
Categoria 6 - Gênero e dinheiro

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Para cada categoria foi construído um quadro contendo a pré-análise e a categorização dos elementos centrais de cada geração, e na sequência foram realizadas as interpretações dos resultados.

[...] as lentes teóricas estão sempre presentes dirigindo o olhar do observador de acordo com conceitos de cultura, gênero, raça, crenças religiosas, classe social. Por ser subjetiva, reflexiva é interpretativa visando sempre a construção conjunta de significados pesquisador-pesquisado, inseridos no contexto social, histórico e cultural em que acontece. A pesquisa qualitativa tem uma abordagem holística, procura levantar os múltiplos aspectos do fenômeno na crença de que a verdadeira realidade é um multiverso de visões todas possíveis e dignas de consideração em virtude de sua complexidade. (MACEDO, 2018, p. 21-22)

Quadro 3 – Categoria 1 – Heranças intergeracionais, crenças e valores

	Heranças intergeracionais, crenças e valores	Elementos centrais
G1	<p>“Um recurso pra dar condições boas de vida, boas num sentido satisfatório em vida e que resolva as necessidades.”</p> <p>“Qualidade de vida.”</p> <p>“Eu acho que a qualidade de vida”</p> <p>“O meu pai vinha de família imigrante, então é gente que lutou bastante, que luta bastante, tudo imigrante, eles chegam sem nada, tem que começar a vida, o meu pai falava isto, falava: “Olha a minha família, se a gente não fosse organizado e entre o grupo, com o grupo e tomasse muito bem cuidado com o que tem, a gente não tinha nada, chega aqui você não tem uma propriedade, não tem nada, vai começar a vida, tem que começar a vida.” E graças a Deus venceram.”</p> <p>“Neste ponto Cláudia, eu acho que é uma coisa muito boa, que eu falo pras meninas, o imigrante, ele cuida do que tem e cuida bem cuidado, conserta, guarda, é o que ele tem, se estragar e jogar no lixo não tem outro né?... Valoriza, isso. Cuida com amor e carinho.”</p> <p>“Sabe, o que eu mais tenho de felicidade com isto é que a família inteira, todo mundo ganha a vida honestamente.... Ninguém é trambiqueiro, ninguém faz coisa sabe, porque eu conheço gente de</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recurso • Dar condições boas de vida • Qualidade de vida • Qualidade de vida como significado para seus pais • Família imigrante que luta bastante e tem que começar do zero e cuidar do que tem • Felicidade porque a família toda

<p>classe média como eu, com os filhos estudados e que faz negócios escusos (não audível) faz coisa muito de cambalacho pra ganhar dinheiro deste modo, em casa não, graças a Deus...”</p> <p>“Outra coisa que está neste balaio é o modo como a gente trata as pessoas que trabalham pra gente, não é?... Corretamente, sem lesar ninguém... Quando ainda não tinha a Lei Trabalhista, a gente já fazia.”</p> <p>“Os meus pais achariam que eu sou ajuizada, eu uso bem.”</p> <p>“Quando eu fiz a casa na praia, minha mãe tinha me dado um dinheiro pra eu fazer uma viagem, ou pro Nepal ou pra Índia, pra um país exótico, porque ela sabia que eu gostava de países exóticos Então ela falava “Vai conhecer esses países atrasados que você gosta” “Tá bom” (risos)... eu ia fazer a casa na praia, eu pensei é muito melhor, todo mundo aproveita né... aí ela falava “Você não arranja solução, você arranja problema, porque fazer uma casa na praia, você tem que cuidar até de morcego, que loucura, se tivesse ido viajar você tava viajando até hoje, não tinha amolação” Então minha mãe era bem isso, esse era o raciocínio dela, o meu não era... Com menos amolação, não com as coisas de ter que cuidar das coisas... Eu faço, eu gosto... Eu não me acho parecida com a minha mãe... Por exemplo, eu adoro ter bastante gente na minha casa, chamar gente pra vim come queijo, vinho, bate papo, fazer bagunça, se eu morasse num lugar que pudesse fazer barulho até de madrugada, eu ia varar a noite, o dia até cedo, minha mãe não era assim, ela dizia “Ah vamo tudo pro restaurante, não precisa arrumar mesa, não precisa limpar, né Bianca?... Não, ela não era gastona, mas também não economizava, jogava tudo fora... Se fosse como você tá falando, de prato, papel e toalha... Com certeza, encomendava uma festa pronta e mandava tudo pra lavanderia, não gostava de amolação em casa.”</p> <p>“Era o meu pai que era imigrante, minha mãe não... eu não sou apaixonada pela cultura brasileira, cultura brasileira do Vale do Paraíba é assim mesmo, não dá valor pras coisas, eu acho.”</p> <p>“É eu não tinha um dito popular, mas eu contei que minha mãe preferia que não tivesse muito trabalho... Viaja e não fica aí consertando coisa”... “Esse eu não tenho... Eu acho legal os que eu lembro em relação as frases de caminhão, eu acho muito divertido.”</p> <p>“Eu aprendi isto na minha casa com o meu pai... Mas a minha mãe chamaria alguém pra fazer, ela não faria, mas chamaria alguém pra fazer.”</p> <p>“E eu quando ia pra Cidade A, morava cada um num bairro... Quando eu ia pra Cidade A com as meninas no final de semana, eu ia pra casa do meu pai e não da minha mãe, porque na casa dele tinha comida na hora certa, tinha tudo funcionando, a empregada fazendo tudo e na casa da minha mãe tinha empregada, mas a casa em geral estava vazia.”</p> <p>“Meu pai morreu com cinquenta e dois anos... e minha mãe morreu com oitenta anos, dançou até morrer né Bianca, ia em baile... Ela tinha oito vestidos de baile pendurados no armário quando ela morreu, baileira, meu pai já tinha morrido aí ela namorou, dançou... Mas ela cuidou dele toda a vida, ele sofreu um desastre e ficou um ano com a perna fazendo enxerto, platina, tal tal e depois enxerto de tecido pra consertar a perna e ela cuidou dele, separada ela foi lá cuidar dele, ele deu muito trabalho, eles foram amigos até a morte... Eles vinham um fim de semana pra cá e quando iam embora, ela não guiava, ele levava ela até a casa dela em Cidade A... Eles eram muito amigos... E ele era assim com ela “Tá chegando o aniversário da sua mãe, pergunta o que que eu dou pra ela porque ela é muito orgulhosa, ela não fala” então ele era carinhosíssimo com ela, ela</p>	<p>“ganha a vida” honestamente</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não lesar as pessoas • Crença de que usa o dinheiro de acordo com os valores dos pais • Cuidar das coisas • Sua mãe não era “gastona”, mas não economizava para não ter amolação, ter que cuidar • Cultura brasileira do Vale do Paraíba não dá valor às coisas • Não tinha dito popular • Cuidar e consertar como o pai • Afinidade com o pai e seu jeito de ser • Amizade e cuidado entre os pais, e o presentear como expressão de afeto • O dinheiro é importante, mas não é prioridade para decisão • Valor de troca para tudo na vida • Avós paterno eram imigrantes italianos. Eram músicos e tinham uma oficina de carros importados, não eram ricos, mas todos da família
--	--

<p>com ele também era bonito isso, acho que era uma lição... Não é, tem casal que está junto e um não cuida do outro.”</p> <p>“Eu acho que nunca foi uma motivação de priorizar o dinheiro pra poder tomar uma decisão, na minha família nem o meu pai, nem a minha mãe, eu digo não é um critério que não se pensa, mas não é prioridade pra decisão... É importantíssimo, mas não é uma coisa vamos dizer assim, eu vou fazer isso porque o outro... Não, deixar de considerar o dinheiro seria uma alienação total, é tão importante, o dinheiro é um valor de troca pra tudo na vida.”</p> <p>“Meu avô era imigrante. Então, eu acho a imigração difícil de saber porque eles vieram, mas a Europa na ocasião, eu procurei saber, no fim do século X IX tava a região deles lá, Verona, Veneza, o Vêneto, a Itália tava muito pobre, tinha tido crise de agricultura e guerra, então tava com falta de tudo, aí a melhor solução era imigrar né, e eles imigraram e a sorte Cláudia foi o que fez as vezes o meu avô vir para o Brasil com a minha avó é que eles não quiseram tirar valores dos camponeses e... plantação. O meu avô era músico, músico mesmo, ele não tocava alguma coisa, ele era músico, e minha avó era música, engraçado né?... Era não, casaram aqui e os dois eram músicos, ela era camponesa e era música, ela tinha um... de teatro... uma camponesa na Itália tem um... de teatro, aqui não sabe nem o que é um extrato não é? Que tristeza... E eles aqui no Brasil ganham dinheiro ensinando música, tocando... Eles tinham uma orquestra sinfônica, uma banda vamos dizer, eu não tenho conhecimento pra saber quantos instrumentos tem uma banda ou quanto tem uma orquestra... Meu pai era um técnico em eletrônica, e nesse tempo o meu avô, além disso eles tinham , além de músicos que eles fizeram dinheiro com isto, meu avô tinha com o irmão dele que era italiano, italiano também vindo da Itália, eles tinham uma oficina de automóvel na Alameda Cais em São Paulo, naquele tempo estavam começando a chegarem os primeiros automóveis importados, porque a região ali eram os casarões dos barões de café e importavam os automóveis, então eles tinham uma oficina e eles viveram bem. Música e oficina, e meu avô, foi assim que ele ganhou a vida... Boa, nenhum deles passou aperto assim, não eram ricos, mas não tinha... Todo mundo estudou... todos os meus tios estudaram, todos os meus primos estudaram em escolas boas, meus primos, três deles fizeram o colegial e o ginásio secundário no Liceu Pasteur em Francês, então quer dizer, eles prezavam estas coisas... E conseguiram manter, graças a Deus.”</p> <p>“Não, a família da minha mãe, ela não é rica, uma família classe média, nem rica, nem pobre, eles são meio simplório, gente do interior, gente do interior sabe o que acontece Cláudia, é gente que nunca saiu de trás da montanha pra ver o que que tem no mundo pra lá, eu acho que é assim, a minha teve onze irmãos... é gente boa, mas de horizontes curtos... A minha mãe contava, as minhas filhas chegaram a ouvir isto, que quando ela era criança aqui em... a minha avó era fazendeira, a família da minha mãe... O pai da minha mãe não era legal... pra lidar com o dinheiro, perdeu muitas coisas da minha avó, vendia, jogava muito, perdia no jogo aí vendia as coisas pra sustentar o jogo... A minha mãe teve uma situação boa, mas a mãe dela passou muito apuro com os filhos, tendo que sustentar os filhos sem a ajuda do marido, o marido não tinha juízo, nem mais velho o meu avô não tinha juízo, ele era assim jogava muito, jogava baralho a noite inteira, a semana inteira e perdia o dinheiro, se perdesse jogava até ganhar, não ganhava o que perdia.”</p> <p>“Eu acho que era assim discretamente e tudo bem. Minha mãe era uma pessoa que é muito sensata com as coisas, não era uma pessoa de gostar de coisas caríssimas, acho até que era um pouco modesta demais, um pouco desacertada com o meu pai.</p>	<p>estudaram nas melhores escolas, isto era um valor</p> <ul style="list-style-type: none"> • Família da mãe eram de classe média, simplórios • Sua mãe teve uma situação financeira melhor que sua avó • A mãe era sensata, até um pouco modesta para gastar. O pai era pobre, mas extravagante, não no financeiro, no sentido de ser surpreendente • Restauração, concerto como o pai. Ele a levava na oficina para ver e elogiar os carros importados • Sempre ensinou as filhas e netos que precisa ganhar e ter dinheiro, tudo o que se gosta de fazer custa dinheiro • O que se cultivava se tem
--	--

	<p>Meu pai... era um homem pobre de família de imigrante italiana, não era nem uma fortuna, mas ele era extravagante sabe... não de gastar mais do que pode, nada disso, extravagante assim, não basta comprar um ovo de Páscoa e dar de presente, não, tem que ter a surpresa, ninguém faz isto.”</p> <p>“Ah sim, muito... Uma vez... eu comprei uma bicicleta... super velha, antiga, antiga... mandei num bicicleteiro... desmontou tudo, deixou novinha... ficou linda, me deu um trabalhão, cê pode imaginar, mas pra mim isso é uma coisa gostosa de fazer... é uma coisa que você gostou, era boa... não pode restaurar por cima assim... Eu acho que não, mas pode ser... um efeito secundário interessante, mas o principal efeito é o da beleza daquela peça que a outra já não teria mais... Ele pegava as coisas da gente em casa e dizia: “O papai conserta.”... Pode ser, pode ser, é verdade... me levava pra ver, elogiava né,”</p> <p>“Eu acho que tem que ganhar dinheiro, que precisa ganhar dinheiro e ter dinheiro, isso eu sempre passei pras minhas filhas, quando vem com esses papinhos de dinheiro não vale nada eu digo: “Gente que ouvir música tem que pagar né Bianca? Tem que pagar o som, eu falo no telefone e ter som, não é assim, o dinheiro é uma coisa mercantil só pra ganhar dinheiro não.” Eu falava pra eles, falo até hoje pros meus netos: “Cê precisa de dinheiro pra pagar passagem de avião pra viajar, pra poder falar no telefone, pra ouvir música não é?” Tudo que gosta de fazer, internet, tudo custa dinheiro. Nunca deixei transparecer que dinheiro não tem valor, que é besteira, não é pra ele tomar conta da sua vida, mas é pra você tomar conta do dinheiro... Eu acho... Eu acho, todos eles estudaram, se formam em alguma coisa boa e nutrem, porque precisa ter uma afobação que alimenta você durante a vida né? Quem não tem, fica um vazio, tudo passa, as coisas que você cultivava daqui 50 anos você vai ter... coisas da psicologia você vai estar estudando mais, pensando mais e nutre, eu acho, e todos eles estão fazendo, só minha neta pequena, eu falo pra ela: “Só você não tem um namorado e nem faculdade.” Os outros todos tem.”</p>	
G2	<p>“É, pra mim o dinheiro é isto, é resultado também de um trabalho, de um esforço né, e ele serve pra me proporcionar, é uma ferramenta mesmo, me serve pra me proporcionar boas coisas.”</p> <p>“Qualidade de vida, uma certa segurança, nesse sentido.”</p> <p>“Então, pra mim como filha dela e do meu pai também, eles sempre é, nos proporcionaram boas coisas, culturais, viagens, lugares. O dinheiro na minha casa nunca foi status, nunca, né mamãe? Nunca. Tipo essa coisa de você, sempre foram carros simples, casa confortável simples, sabe assim, eles sempre valorizaram muito arte, então coisas culturais, então o dinheiro sempre representou uma coisa assim de gastar com moderação, mas usa, sabe não deixar pra amanhã o que se pode fazer hoje, assim eles construíram a casa aos pouquinhos, nós chegamos a morar numa construção na casa que a gente morou por muitos anos, então sempre foi tudo assim muito conquistado né mãe? Os dois começaram a vida por eles mesmos, então a minha relação que eu tenho de dinheiro com eles, da minha história de vida, família de origem, era de usufruir muito, entendeu uma coisa assim ativa né, dinâmica, apesar de ter óbvio tem casa a mais, tem uma casa na praia, mas assim era uma coisa assim de mexida entendeu, não de “Vamos poupar, parapá né?” Então uma coisa de vida mesmo de ação.”</p> <p>“É meu pai e minha mãe também começaram do zero, do nada.”</p> <p>“Então, eu acho que o meu pai e minha mãe, me veem é satisfatoriamente, inclusive com isto, assim com todo um jeito de trabalhar, de fazer as coisas muito de labuta mesmo, eles valorizam muito isto né, eles sempre valorizaram, fizeram né, os</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Resultado de trabalho / Ferramenta • Proporcionar boas coisas • Qualidade de vida • Proporcionar experiências, usufruir, sem ser <i>status</i> (valores vindos dos pais) • Não deixar para amanhã o que se pode fazer hoje • O dinheiro foi com muita conquista pelos pais • Os pais começaram do zero

<p>dois sempre trabalharam muito e cê não via nada assim tipo sabe aquelas ideias de pular o pulo do gato, assim sei lá, mesmo ficar jogando em loteria, entendeu umas coisas assim que às vezes você vê que é valor, na nossa casa isso não tinha e na minha casa também, eu acho que eles nos veem, é também como alguém que trabalha bastante, que é bem satisfatório.”</p> <p>“É. Assim as histórias mesmo de família tudo entendeu, da família mais longe, mas assim “Olha mentira tem perna curta, não vale a pena... É. (risos) Ou então assim “É melhor você dormir com a consciência limpa”, umas coisas assim, tanto que eu por exemplo... e isso é muito de família, então assim muito de criação, que os dois, meu pai e minha mãe sempre foram muito “caxias” ali nas coisas né?”</p> <p>“É, por exemplo eu tenho uma diarista, mas eu dou 13º pra ela, eu dou pro piscineiro (riso), tem vínculo né, então tem umas coisas assim que é de ver mesmo, não é nem de falar, é de ver, porque as pessoas trabalharam na casa dos meus pais, a pessoa que ficou trinta anos cuidando da casa de praia dos meus pais fazendo faxina e jardim, ele veio visitar a minha mãe, né mãe? Maior carinho com ela, com tudo, com a família, não atrasa nada, sempre foi mesmo uma coisa assim, mais foi o exemplo e ela falava também que quando tinha uma coisa errada “Olha que errado, que não sei o que né mãe?”</p> <p>“Oh mãe como é que o vovô falava?... quando a minha mãe começou a namorar meu pai, meu pai é de família brasileira, de gerações misturada, aí ele falava assim “Adália enquanto na Europa tão comendo em prato de prata, aqui tão comendo na cuia porque ele achava que tinha meio aquela coisa do brasileiro ser muito, e era mesmo né?... De não querer fazer nada... Então tinha escravos né, uma cultura escravagista... Ele tinha uma crítica feroz com isto, com a família, com o brasileiro que tudo mandava alguém fazer, porque sempre teve escravo né e na Europa eles sempre fizeram tudo.”</p> <p>“Eu cresci com a minha mãe com ferramenta, as ferramentas, serra de cutico... minha mãe que trocava lâmpada.”</p> <p>“E a casa do meu avô em Cidade A era muito mais cheias de tapetes, de louça.”</p> <p>“Tudo o que vem fácil vai fácil, mas eu não sei se é deles isso, mas vamos dizer assim, eu tenho este dito popular... Não, não sei se eles falavam, que seja deles assim... Mas eu tenho isso, então em relação a dinheiro sim, é um dito que eu tenho digamos assim, se eu tiver que lembrar, mas eu não sei da onde veio, não posso dizer que foi de família... Olha eu acho que eu acredito um pouco sim... É porque assim não necessariamente entendeu, mas assim às vezes eu vou falar estatisticamente as famílias que receberam de herança a próxima geração perde muito, isto era uma coisa muito agora que eu estou falando eu estou lembrando tá que tem aquele ditado né rico, filho não sei o quê e neto miserável tarãã, então isto na família do meu pai aconteceu, estes irmãos que eram de Cidade B, os primos dele que tinham fazenda, todos os irmãos perderam, os sete perderam, os sete perderam... É, eles herdaram estas fazendas, cada filho herdou uma fazenda de café e tal e tal, pode ser até que tenha coincido com as crises do café, mas enfim eu tenho experiências de famílias aqui... que de repente os filhos perderam tudo, entendeu, então assim é uma coisa que é presente sim, eu acho que pode colocar como... Não, isto era de tios, primos dele, ele não, o meu avô era professor de escola, nunca nem teve carro, eles nunca tiveram dinheiro, a família do meu pai era bem simples, então não era dele, mas ele tinha estes primos que a gente ia pra Cidade B nas fazendas, a gente passava as férias nas fazendas, tinha arroz, aqueles celeiros, aquelas coisas entendeu, mas também da minha vivência, eu acho que vai de familiar, mas até de ver</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Valorização do trabalho • Mentira tem perna curta • Dormir com a consciência limpa • Aprendizado pelo exemplo • Vínculo e honestidade com os empregados • O avô materno criticava o brasileiro por sempre mandar alguém fazer as coisas (cultura escravagista) • A mãe também era de fazer e consertar • Avô materno adquiria objetos de decoração e utensílios • Tudo o que vem fácil, vai fácil. Parentes do pai perderam heranças • Pai rico, filho nobre e neto pobre • Família paterna não tinha dinheiro • Ela e o esposo começar do zero • Não pode ganhar ou dar as coisas de mão beijada, tem que ter esforço, limite, organização • A mãe quem “mexia” com as finanças • “Vão-se os anéis, ficam-se os dedos”
--	---

	<p>histórias e tudo isto, então eu acho que eu acredito um pouco neste, médio, eu acredito.”</p> <p>“Não, nós começamos do zero... Ué, eu e o seu pai casamos, há e o Thiago como ele morou em casa trabalhando um tempo, ele guardou um dinheiro e nós financiamos um apartamento, nós não começamos de aluguel, nós compramos um apartamento financiado de trinta anos, entendeu? Então nós começamos do zero. Nós não pegamos nada dos pais.” “Não, porque meu pai, ele entrou no Jet pra poder ganhar né, porque o (inaudível) ganha, então o único jeito dele fazer faculdade foi tentar entrar no Jet.” “Não, era de graça a dele.” “Não, eu tô querendo entender que você botou escolaridade, aí sim.” “Eu entendi, tá certo.”</p> <p>“Então, ditado: “Não pode ganhar as coisas de mão beijada.” Este é um ditado que eu tenho, talvez possa ser de família que nem isto que ela falou do tênis, entendeu, as coisas assim era tudo meio, não precisava mesmo, vídeo game, sei lá as coisas assim que a gente achava supérfluo e que na época das meninas, tinha amigos dela que, mas também tão bem na vida, ninguém gastou tudo, mas enfim que tinha estas coisas de ganhar, mais assim, é tinha isso assim, “áh não pode dar de mão beijada, tem que ter algum esforço”, entendeu (risos)... Preciso de sentir e às vezes, eu nunca falei isto, eu vi um programa até de algum livro de psicologia que eu li, que por exemplo, você não pode entrar numa padaria e falar isto: “Eu quero isso, quero aquilo.” “Áh eu não tenho dinheiro.”, mas na verdade você tem, porque você tá comprando alguma coisa, então eu falava assim, por exemplo, hoje eu tenho dinheiro pro pão e tal e tal, então hoje eu não vou comprar esta, ou então vamos pro shopping passear e nós não vamos comprar nada, entendeu, então sempre ter uma preocupação de esforço, de limite, de organização, né... Um ensino é, porque isto vem muito da minha mãe, entendeu, muito da minha mãe... E isto não era fala do meu pai, porque o meu pai ele embarcava na dela, entendeu assim, até porque ela que mexia mais nas coisas de finanças, era tudo mais ela, ele sempre no mundo da lua.”</p> <p>“Vão-se os anéis, ficam-se os dedos, esse vem da minha avó materna, então porque vão-se os anéis, ficam-se os dedos do despojado dela de uma certa maneira e curiosamente a gente tem histórias com anel de brilhante, é que este avô paterno tinha um diamante de gravata assim de por na gravata que aí ele mandou fazer é um anel pra quando eu fizesse quinze anos e é obvio que ele já tinha morrido fazia tempo, aí eu herdei este anel e a minha mãe achou que tinha que dar anel pra todas as filhas né, pra mim e pras minhas irmãs e os netos... virou uma tradição dela e curiosamente minha irmã mais nova teve um assalto ela botou o anel na boca, o cara não roubou, ele entro dentro do carro e tudo e minha avó muito devota pediu pra Nossa Senhora não sei o que, não sei o que, porque viram o cara entrando no carro da minha irmã e ligaram lá em casa e aí quando ela voltou ainda ela tirou o anel da boca e minha avó ainda falou: “por quê você fez isto? Vão-se os anéis, ficam-se os dedos, você não devia ter posto, se ele visse você botando o anel na boca ele ia te matar”... minha avó sempre falava isto, a gente trabalha e pega tudo de novo, constrói de novo, então sempre eu tive um pouco isto, entendeu essa coisa, apesar de não gostar de perder as coisas ou não querer ser roubada né, mas assim eu sempre essa coisa você trabalha e pega de novo entendeu, conquista de novo, perdeu alguma coisa.”</p> <p>“Eu acho que eu passei (risos) né, eu acho que eu passei então né.”</p>	<p>herança da avó materna. Trabalha-se e constrói tudo de novo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Percebeu transmitiu à filha o valor das experiências e vivências as coisas materiais
G3	<p>“É dar vida muitas vezes até né. Tem um recurso primário, primeiro pra dar vida porque sem comer a gente não vive e depois para dar uma boa vida dependendo do recurso, da quantidade.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recurso primário • Dar boa vida

<p>“É eu acho que também tenho essa percepção de que a gente sempre é teve foi afortunada de tá numa classe social... média alta né e eu acho que também utilizar isto culturalmente falando e ou com arte ou viagens não deixa de ser um status também porque né. É eu acho que acaba colocando você num patamar de conhecimento todo que.”</p> <p>“É, eu acho que, bom vou responder a pergunta primeiro. Acho que agora estariam tranquilos porque agora eu tô com emprego, mas eu passei por uma fase desempregada... mas de tudo que elas falaram sobre enfim sobre pagar as pessoas, as dívidas em dia tudo acho que tratar de uma forma diferente, acho que carreguei isto mesmo.”</p> <p>“É eu acho que eles nunca passaram por dificuldades, mas porque eles também sempre batalharam muito por isto, é, mas talvez eu consideraria que teve uma ascendência digamos assim de uma geração pra outra, da vovó pra vocês, mas que também não sei se foi pela geração, entendeu não sei... Não, eu não sei, eu acho que, que nem eles começaram do zero daí meus pais já não começaram tão do zero assim, sempre tiveram as coisas... Entendi, mas vocês já tiveram ensino, tudo certo... Então ele tinha que pagar a faculdade dele, vocês já... Então, mas foi uma condição, isto que eu tô querendo dizer mãe, minha linha de raciocínio é diferente da de vocês... É, escolaridade como sendo um começar do zero em outro patamar...”</p> <p>“É eu tenho isto também, por exemplo quando eu fui furtada na Alemanha o que eu mais senti de perder não foi o meu dinheiro ou a câmera nada, foi minhas fotos e meu diário de viagem, então acho que é muito isto também que é muito mais do que simbólico e afetivo também.”</p> <p>“E tem muita gente que trabalha pra caramba, muito mais que a gente e não tem.”</p> <p>“Ah eu acho que esse relacionamento de fazer valer a pena e que o retorno das experiências e das vivências é muito mais rico de fato do que um retorno material, eu, isso eu acho que a minha família preza muito e eu gostaria de passar adiante.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar experiências (aprendido com os pais), mas não deixa de ser <i>status</i> para ela • Carregou consigo quanto ao tratamento e pagamento das pessoas em dia • Crença de que os pais não começaram do zero • Coisas simbólicas e afetivas valem mais que o dinheiro • Desejo de passar às próximas gerações o valor das experiências e vivências as coisas materiais
--	---

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Quadro 4 – Categoria 2 – Atitudes atuais quanto ao uso do dinheiro

	Atitudes atuais quanto ao uso do dinheiro	Elementos centrais
G1	<p>“Desde que eu fiquei adulta... É em casa a gente nunca foi de fazer dívida... Um princípio que eu deveria cumprir... cuidar bem do que tem.”</p> <p>“Pode não ter nem vantagens, nem desvantagens, pode não ter, pode ser feito direitinho e pode ser uma tapeação... A gente faz o possível pra não, sem nenhuma das duas coisas, nem a favor da gente, nem a favor do outro.”</p> <p>“Eu nunca possuí dívida, nem pra construir casa, nada disso. Nunca faço dívida, pareço judeu... Eu construí minha casa no litoral, sem emprestar nenhum tostão, nem do marido, acabei a casa não devia nem dez reais...”</p> <p>“... e fiquei procuradora do marido da Bianca, a Bianca e o marido estavam morando nos EUA... Ele que me procurou, ele é muito legal, eu e o marido dela... como se fosse filho. Ele veio e disse: “Eu sei que você é super ocupada, mas todo mundo fala se você quer uma coisa, peça pra uma pessoa bem ocupada, então eu pedi pra você.” Eu trabalhava muito e fazia tudo com prazer...”</p> <p>“No lance da vida, no lance da vida mesmo.”</p> <p>“Minha mãe e meu pai, nenhum não tem muito porte, nenhum um nem outro.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não fazer dívida, um princípio que deveria cumprir, assim como cuidar bem do que tem • Em negociações procura não ter vantagens, nem desvantagens • Nunca fez dívidas • Foi solicitada pelo esposo da Bianca a ser

<p>“... os meus gastos caros são indiscutíveis, por exemplo entrar na livraria e comprar quatro, cinco livros que dá mais de quatro mil reais, livros de figuras, porque é livro de artes, não é livro de escola... é uma escolha, eu acho certíssimo, tanto que eu tenho um monte de livro, mas não é escolha de outra pessoa, é minha,... então eu adoro fazer isto sem ter que perguntar pra alguém que o dinheiro é dele e se ele concorda, se é importante. Mas ninguém tem a obrigação de achar como eu.”</p> <p>“Eu acho que eu sou muito sensata, eu acho até que eu podia ser mais gastona do que eu sou... Não, eu não importo de... mas não é porque eu elaboro nada, é porque eu não dou importância, por exemplo roupa de moda... primeiro que isto não é o meu parâmetro e nem tenho dinheiro pra isso, mas também não é uma coisa que eu desejo, tem coisa que você deseja e não pode ter, mas tem coisa que você nem deseja.”</p> <p>“Eu queria ganhar mais... quando fala essa coisa de ganhar dinheiro, pra mim não adiantava ganhar duzentos mil, trezentos mil, eles queriam ganhar um transatlântico cheio de dinheiro, eu queria um carro Porsche, não é coisinha, não é pra comprar um colarinho de diamante, nada disso... uma loja em São Paulo que vende coisas do Marrocos... potes de barro, eu falei: “olha só que lindos”, eu falava: “pode mandar pra minha casa tudo isso daqui até lá, todos”... o João: “Mas ia ter que tirar pó lavar os potes.” Eu falei: “Isso mesmo.” ... mas é um sonho os potes de barro, bem feitos, bem desenhados, eu ia comprar todos, se fosse na minha casa tinha que pular pote... e eu ia mandar fazer uma garagem embutida lá embaixo pra por os dois Porsches.”</p> <p>“Pois é eu compro tudo a vista, no geral se eu não tiver o dinheiro, faltando eu espero ter, me sinto mais... pra pagar à vista e além do que tem desconto. Você já compra e já fica livre daquilo daqui em diante... O João é preocupado e indeciso pra isto... eu não tenho, eu primeiro foco as vantagens, naturalmente isso, depois eu vou pensar como é que eu vou resolver, vai dar mato vai, aí eu chamo o homem ele vai lá e carpi o quintal vai lá e toma café na minha casa.”</p> <p>“Eu acho que é combinado, como diz eu emprestei porque quis. Eu tive um amigo... eu emprestava pra ele o dinheiro quando eu podia perder aquele dinheiro, a gente tem que ser prático... Eu tenho uma filha... eu emprestei dinheiro pra ela, minha filha se precisar é lógico não vou cobrar, ela falava assim: “Mamãe eu posso te pagar em abril?” Eu dizia: “Tá bom.” Abril ela me telefonava: “Mãezinha qual a conta que a senhora quer que eu ponha? A conta tal ou a conta tal? E ainda vou por o juros” “Pelo amor de Deus, eu não sou judeu, o que eu te emprestei pode ficar minha filha.” “Não mamãe, não é justo você ter prejuízo pra me dar.” Então você vê ela é correta e eu deixo fazer todo esse jogo só pra ela aprender também a lidar com o dinheiro, o justo, pagar na data que ela combinou porque se ela precisar emprestar de um estranho tá tudo dentro da lei, do costume... Óh o conforto de você saber que tá tirando o outro de uma situação difícil.”</p> <p>“Não, eu não precisei... Eu procuraria. Nem de banco nada emprestei.”</p> <p>“Alimentação... e lazer.”</p> <p>“Em tudo, eu não me arrependo... eu penso bastante, quando eu faço, eu faço, raramente eu me arrependo de alguma coisa... Não, nem lembro, relacionado a dinheiro não lembro se teve, mas na vida... eu vou atrás da pessoa e peço pra me desculpar.”</p> <p>“Eu senti, um sentimento de culpa, um vazio, uma coisa ruim... Não, não, não fica porque eu vou tentar resolver, tentar me retratar nisso.”</p> <p>“Eu falei pra ela do seu pai, escuta se ganhasse na Lotu, ele vendia tudo que ele tem até a camisa, teu pai, tudo alugado... É, ele ia usar</p>	<p>procuradora financeira</p> <ul style="list-style-type: none"> • Considerou que a educação financeira foi no “lance da vida” • Os pais geriam o dinheiro, contudo não tinham porte para isto • Adquiri coisas caras que têm valor pra ela, mas não compraria com dinheiro dos outros por ter consciência que é uma escolha dela • Se considera sensata e que até poderia ser mais “gastona” • Compra tudo à vista e com a vantagem do desconto • Sempre foca as vantagens para comprar algo • Empréstimo ao outro quando sabe que pode perder e por saber que está tirando o outro de uma situação difícil • Nunca emprestou dinheiro • Recebe o que emprestou para filha como forma de ensinar a lidar com o dinheiro • Gastos atuais são com alimentação e lazer • Pensa bastante para comprar algo e
---	--

	<p>tudo alugado, não tem que cuidar de nada, nem roupa, nem... mandava tudo pro tintureiro e devolver limpo. Viu aí eu faço isso, ele falou: “Pois é, é assim que eu gosto.”... O João falou pra mim um dia: “Você sabe de uma coisa, a sua casa deveria ser um hangar e seu carro um caminhão baú.” Eu falei: “Você tem razão, é a melhor coisa que você já falou.” (risos) Verdade, ele tem razão... que delícia parar um caminhão baú e tirar pote, pote, pote... guardar tudo, não ia ter nem onde dormir. (risos)... Pra admirar, são lindos, vou dar uma fotografia pra você vê dos potes da Moec.”</p>	<p>raramente se arrepende</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando compra coisa que não precisa tem sentimento de culpa • Diferente do esposo, ela gosta de adquirir e cuidar de coisas que aprecia
G2	<p>“É, eu também não tenho essa coisa de fica, às vezes eu desisto de um negócio, se eu achar que tá desvantajoso, entendeu assim, eu acho que se assim não tá bom pra mim então eu saio, mas eu não fico, aí tem outro ditado “o barato sai caro”, esse é um dito popular que eu sempre uso até hoje tá, por exemplo seja pra contratar um pedreiro, seja pra comprar alguma coisa, obvio você pode até comprar umas coisas <i>Xing ling</i> não sei o quê sabendo que você tá comprando isto, que às vezes é até melhor do que você imaginava, mas essa coisa de você ficar negociando pra levar muita vantagem também não é meu forte, não é também do meu marido, às vezes eu até falo: “nossa, mas isto aí tá muito desproporcional e procuro outra coisa, mas não de fica, quando eu vejo que tem muita desvantagem, aí eu procuro uma coisa que tenha equilíbrio e essa coisa do barato sai caro é um dito popular que eu lembrei agora e que faz parte da minha vida... Ah, eu em si quase que não porque exatamente eu penso nisto, então por exemplo se eu tiver que fazer três, quatro orçamentos eu não fico com o mais barato entendeu, eu fico, principalmente essa coisa de obra, de manutenção de casa, não sei o que assim entendeu, e agora hoje em dia então que eu tenho alguns profissionais que já fizeram várias vezes, eu orço com eles e cabo, nem saio atrás porque eu acho que assim, que eu tô economizando de confiança, de pontualidade, de não sei o que, então a vantagem às vezes pra mim, o meu valor é a coisa da qualidade e do sossego de eu não ter que fica com nego me enrolando do que só financeiro entendeu, eu avalio outras vantagens mais subjetivas que só ganha, é economizar o dinheiro...”</p> <p>“Então, eu possui dívidas do apartamento, foi a única dívida que a gente fez, mas porque realmente a gente preferiu, é a gente ficou um tempão sem carro, se entendeu, caso e fico com a minha motinho lá e trabalhando pra pra pode, era o único jeito, a gente preferiu fazer isto do que fica pagando aluguel né, então era uma dívida ciente, pra adquirir patrimônio e foi a única vez... Então na época era meio comum, todo mundo financiava as coisas, não gerou angústia não.”</p> <p>“Eu viajaria (risos).”</p> <p>“Ah eu também eu poupo, mas também a gente comprou uma sala, os dois.”</p> <p>“Também.”</p> <p>“Eu sou autônoma, eu só gosto de comprar à vista, no pior das hipóteses eu divido no cartão em duas ou três vezes mais pra ter milhas, mas não passa disso, jamais.”</p> <p>“Eu tive pela minha mãe, a minha mãe sempre foi... eu ia pedir conselho pra ela porque ela sempre foi a administradora, é meu pai fala que por ele teria casa alugada até hoje... mas o meu pai sempre</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “O barato sai caro”. Ela e o marido não negociam para levarem vantagem financeira, consideram a qualidade e o sossego • Dívida para adquirir patrimônio • Viajaria se tivesse mais recursos • Poupa recursos financeiros • Investe em aposentadoria • Gosta de comprar à vista ou usa o cartão para ter milhas • Buscava educação financeira com a mãe que sempre foi empreendedor a • Não mistura amizade com dinheiro, sente-se injustiçada quando não pagam o empréstimo • Atualmente utiliza o dinheiro para

<p>foi muito correto com o dinheiro e trabalhador, mas não investia assim, não sabia fazer as coisas e então a minha mãe sempre foi a empreendedora que puxava e tal, então eu sempre perguntei as coisas pra ela entendeu assim as poucas coisas que eu fiz ou então se financia, se não financia tudo ela, ela é boa nisso.”</p> <p>“Eu sempre ouvi falar que a gente não deve misturar amizade com dinheiro, então sempre tive pouquíssimas situações de amigos ou amiga que precisou, mas eu tive uma vez que eu emprestei um dinheiro pra uma amiga e isso acabou estragando a amizade porque quando eu emprestei eu sabia que ela não ia me pagar né, só que eu acho que ela de uma certa maneira ficou mais incomodada com isso que eu, tanto que até eu pensei se um dia ela me pagar eu vou doar (risos) esse dinheiro, mas enfim ela não pagou e teve um amigo do Thiago também... então mais assim foi as duas únicas vezes e eu não gosto assim se eu tiver que emprestar vai ser numa situação muito extrema porque eu acho que é complicado... a gente trabalha tanto né aí eu também me sinto meio injustiçada entendeu, é isto eu sinto, eu já é em mim, pô eu trabalho pra caramba né, faço as minhas coisas direitinho, não me endivido, não perco as minhas coisas e daí eu vou dar pra pessoa o dinheiro.”</p> <p>“Não, eu atualmente agora é lazer e alimentação.”</p> <p>“Isso é culpa minha explícita porque eu levo ela em <i>show</i> desde os seis, sete anos de idade, Sandy e Junior uer uer... Eu me arrependo de comer fora porque olha como eu gosto de cozinhar, é obvio que você não come fora só pelo coisa né, mas assim o Thiago gosta muito de sair com os amigos tal e tal e comer fora e eu acho desaforo entendeu porque você olha assim aquilo que cê come e fala: “putz grila né, nem que faria melhor, às vezes nem faria, mas assim o preço, é muito caro comer fora e isso porque a gente não vai em restaurante que gasta muito porque eu acho um absurdo entendeu (risos) já nem vou, eu acho desaforo, mas assim mesmo que seja uma coisa meio média assim, se tem uma coisa que às vezes me dá arrependimento é assim putz grila né, podia ter feito um almoço em casa não sei o que não sei o que, tem um pouco isso assim, a resposta mais imediata.”</p> <p>“Viagens e shows (risos).”</p> <p>“Eu também não, oh Cláudia eu tenho horror de <i>shopping</i>, eu só compro uma roupa quando eu tô precisando, eu queria ter uma <i>personal style</i> aqui... e eu passei sem querer isto pra elas... eu acho meio idiota ficar andando, vendo loja... eu acho que eu passei pras duas... Em compensação minha mãe adora, a minha mãe depois que passou a fase de filhos que precisa das coisas tudo, ela ficou super perdulária no sentido, ela gosta muito de coisa cultural, mas ela também gosta de consumi né, então ela adora andar em shopping, fazer compra essas coisas, tanto que eu falava assim pras meninas: “se algum dia vocês forem casar a vovó que vai com vocês ver essas coisas porque eu não tenho a mínima paciência”, só que eu ia até a gente sai pra comprar roupa, essas coisas quando precisava, mas assim eu acho a minha, é, meu sentimento por isso é tão assim, ah que saco, tem que comprar, tem que saí, que elas acabaram passando, nenhuma das duas quer, nem que cê ofereça, eu falo né Catarina: “Vamo saí, cê num tá precisando de tal coisa assim... e a Cássia também, a Cássia veio dos EUA e eu falei: “filha você não tá precisando comprar... não foi... Pode ser da época hippie, aí pode ser, agora cê pego bem (risos).”</p> <p>“Eu só emprestei uma vez quando eu fui comprar a minha sala que eu queria comprar com o meu dinheiro mesmo entendeu, sem ficar usando dinheiro de reserva nosso, da família e tudo e daí a minha mãe me emprestou por três meses o que faltava e depois eu devolvi pra ela, mas foi só.”</p>	<p>lazer e alimentação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arrependimento de comer fora, acha desaforo pagar caro • Não se arrepende de pagar viagens e <i>shows</i> • Não gosta e não costuma gastar com roupas e acabou passando isto às filhas, diferente de sua mãe que segundo ela, ficou perdulária após a fase de gastos com as filhas • Somente emprestou dinheiro uma vez da mãe
--	--

<p>G3</p>	<p>“É de controle, vingança na minha família de origem não, de gratidão acho que sim, não sei se eu vou fazer a interpretação correta, mas com trabalhos voluntários que a minha mãe faz de dinheiro tal, que não deixa de ser uma sucessão financeira e uma coisa de gratidão né, por ela se ver numa posição privilegiada, ela ajuda demais pessoas e eu acho que isto eu carrego bastante comigo, tipo assim que eu participo de trabalhos e, ou pago coisas pras pessoas, enfim eu acho que em relação a gratidão sim, mas de controle e vingança, eu não sabia disto, então eu acho que eu nunca vi... É, por admiração sim, com certeza, mas porque eu acho que eu também tenho esta mesma relação, de chegar, tipo bem e privilegiada e já que eu tenho e tá sobrando um pouquinho, prefiro deixar de comprar alguma coisa e passar adiante, fazer um uso melhor do dinheiro.. É, então eu acho que é uma coisa que você paga, mas que você acaba recebendo de volta, que seja no sentimento ou não sei.”</p> <p>“Sou péssima de negociar, nunca consigo pedir desconto, nunca consigo sabe virar, sou bem ruim mesmo, tipo inclusive eu quando eu trabalhava em obra mesmo pra e que chegavam os orçamentos, aí todo mundo: “Não Catarina, mas tenta trabalhar este preço, não sei que blábláblá” sou muito, muito complicado, não consigo, sou difícil mesmo (riso).”</p> <p>“Eu nunca me endividei até hoje.”</p> <p>“Eu investiria na minha academia de dança... Eu gosto muito de viajar também.”</p> <p>“Sim , eu invisto na medida do possível.”</p> <p>“Sim.”</p> <p>“Difícilmente eu compro as coisas a prazo, só quando eu é por exemplo sem juros e é um valor muito alto tipo uma passagem de avião, mas dificilmente, eu compro quase tudo a vista, porque eu acho que a gente consegue enxergar e ter mais ciência do montante que a gente tá gastando do que a prazo, eu acho que a prazo as coisas ficam muito longas tipo eu nem sei o dia de amanhã e eu já tô, não sei nem se vou estar viva e eu vou dividir em dez vezes, tipo pra mim isso me dá um pouco de nervoso... Eu nunca pensei nisso, acaba sendo um benefício... eu não quero deixar pra amanhã o que eu posso pagar hoje e pra ter uma ciência maior também porque às vezes no mês que vem tava programando uma outra coisa que de repente fica inviável por conta de uma parcela que tá vindo que eu não lembrava que eu tinha, não sei eu acho que é mais fácil acontecer isso quando você faz as coisas a prazo... Eu uso o cartão de crédito, só cartão de crédito, mas nunca divido, nunca parcelo entendeu, então eu sei o quanto eu gastei naquele mês... eu uso no crédito por conta das milhas, mas assim é muito difícil eu dividir.”</p> <p>“Informalmente pelo meu pai um pouco, mas bem pouco... Hum as duas coisas já aconteceram já, umas vezes eu busquei ele pra pedir a opinião dele e as vezes ele me buscou pra perguntar também o que eu estava fazendo.”</p> <p>“Depende da reação da pessoa assim, tipo eu, nós todos somos muito esquecidos, a família materna (risos da Bianca)... e aí então eu sempre fui muito preocupada em estar devendo pra alguém, por exemplo eu tive mesmo que fosse o mínimo, tipo amiga eu pago pra você, então eu já boto alarme ou então já viro e falo: “pelo amor de Deus me lembra porque eu odeio dever as pessoas” e eu tenho essa preocupação, então eu falei depende da reação porque as vezes a pessoa de fato esqueceu, então ela tá devendo, mas a partir do momento que eu aviso ela e ela torna a esquecer, ah isso me incomoda muito porque não sei eu acho que é um ato de confiança que você passa pra pessoa e a pessoa simplesmente não dá valor</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar as pessoas com trabalhos voluntários como a mãe ou pagando coisas • Não consegue pedir descontos • Nunca teve dívidas • Se tivesse mais recursos investiria na academia de dança e viajaria • Investe em recursos financeiros • Investe em aposentadoria • Compra quase tudo à vista para ter ciência do gasto, contudo no cartão para ter milhas • Não deixar pra amanhã o que pode pagar hoje • Busca educação financeira com o pai • Odeia dever às pessoas e considera o empréstimo um ato de confiança, ficaria chateada se não recebesse • Atualmente gastos maiores são com a saúde e alimentação devido síndrome intestinal • Às vezes se arrepende de adquirir bens materiais à
------------------	--	--

<p>né, não sei, mas nunca foi muito dinheiro que eu emprestei pros outros, então eu nunca fui prejudicada por conta disso, mas eu acho que eu ficaria bem chateada.</p> <p>“Atualmente saúde, com certeza, eu tive, eu tenho a síndrome do intestino irritável... eu tenho uma restrição alimentar gigantesca então eu tenho que comprar um monte de coisa que é bem mais cara, aí eu tô tipo no quinto médico que é um médico antroposófico que dá medicação cara, então saúde, mas também não medo esforços pra gastar com saúde.”</p> <p>“Às vezes que eu me arrependi foram bens materiais que eu comprei, tipo um carro quando eu comprei, depois me arrependi depois de um tempo, é às vezes roupa tipo talvez eu não precisava foi meio no impulso, é porque eu acho, eu sempre, eu gosto tanto de viajar por exemplo ou ir em <i>shows</i> que eu fico sempre associando o que eu poderia ter comprado ou viajado sabe (risos)”</p> <p>“Viagens e shows (risos)... Ou por exemplo o curso de ballet ou minhas fantasias de ballet que meu pai achava que era um absurdo, eu nunca me arrependi de pagar, quando eu comecei a trabalhar eu paguei todas então.”</p> <p>“Não, só assim momentâneo e em pequenas quantias, tipo ai paga o almoço hoje pra mim que eu tô sem o meu cartão, tipo bem específico.”</p>	<p>viver experiências</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não se arrepende de pagar viagens, <i>shows</i>, curso e fantasias de <i>ballet</i> • Não empresta dinheiro dos outros, só para pequenas urgências
--	---

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Quadro 5 – Categoria 3 – Fatores que influenciam o significado do dinheiro

	Fatores que influenciam o significado do dinheiro	Elementos centrais
G1	<p>“Marido e filhos, olha não interfere porque eu corto, não deixo eu acho, se não ia dar brigas péssimas, até separação. É porque a minha família e a dele eram contrárias em tudo, eles são, foram fazendeiros de muita fortuna e... a minha sogra, a fazenda do pai dela... eles eram muito ricos do café e... o dinheiro não tem, não é que eu não acho que tem, o dinheiro não tem valor... que fulano tem não sei o que, aquilo, parece um Deus... poder, riqueza, fortuna.”</p> <p>“Tive. É que no Brasil é tão confuso né, as coisas no Brasil não têm nenhuma consistência, você faz uma coisa de um jeito aí vêm e mudam as leis, fica mal de vida... Insegurança, ainda é assim, você fica de olho no que vem pra frente. Muito difícil até agora eu acho, é porque sabe o que acontece... você imagina as coisas aqui como é que funcionam, minha sogra e meu sogro não eram ricos, mas eles moraram numa casa muito boa, oito filhos em Pindamonhangaba a vida inteira e meu sogro construiu a casa, meu sogro era professor e foi diretor de escola uns trinta anos, respeitado no Vale do Paraíba, foi sempre respeitado, foi muito honesto, sério, legal. Agora quando chegou no fim da vida deles, quando ele morreu faz uns vinte anos, a minha sogra não entendia, como eram as mulheres de antigamente, não sabia e nem entende de negócios e nem fez inventário... não tem documento a casa, tá perdida, vai virar poeira, não tem nenhum documento pra fazer agora entendeu... Tem um tempo, ela não fez, digamos ela não está certa, ela não fez, mas também não tá errada porque não tem ninguém protestando pela casa dela... É assim, a minha casa, a casa que eu morava há 37 anos, o João construiu com dinheiro nosso e agora há um ano, um e meio atrás, a minha filha... ela veio e falou assim pra mim: “Vocês precisam modernizar o documento da casa.” “Como modernizar o documento da casa?” “Não, porque os documentos da casa de vocês está praticamente fora da lei.” “Como assim?” “É mudou, agora tem que ter uma declaração...” eu</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Diferença quanto ao significado do dinheiro para o cônjuge e seus familiares • As mudanças constantes de leis no Brasil trazem insegurança financeira. A sogra perdeu a casa devido a isto e quase aconteceu com ela também • Aprendeu que é importante ganhar dinheiro com investimentos por morar num país capitalista • Inflação e ter abertura para opiniões de pessoas qualificadas • Sobrevivência e abuso de poder • Refletiu ao longo da vida

<p>nem sabia que existia... e isso foi o que aconteceu com a minha sogra.”</p> <p>“Eu acho importante, eu acho que tudo você deve considerar, se considera que você está numa sociedade capitalista e que é assim que funciona. Outro dia eu ainda falei com os meus netos isso... aí um deles falou pra mim: “Áh vovó porque você não fez isso, isso, porque você gosta de andar... neste perequetê... tudo muito bonito.” Eu falei: “Gosto sim, eu prefiro assim, eu tenho tudo que eu tô acostumada com o jeito que cê vê...”</p> <p>“No tempo da inflação. Quando eu ganhei esse dinheiro da minha mãe pra uma viagem... depois que eu tinha feito uma aplicação financeira o dinheiro tava minguando por causa da inflação atual, o gerente de lá me chamou e falou pra mim: “... vamo bota isso em outro lugar? Você mantém pelo menos o valor dele assim sem alterar.” Eu falei: “Tá bom.” Também acho que isso é importante você ter abertura pra aceitar opinião das pessoas que você respeita e o cara era de respeitar, eu não ouvi o conselho do meu avô que era um jogador de cartas, mas ouviria de uma pessoa que trabalha e ganha dinheiro na vida com isso. Aí eu fiz, com orientação dele eu fui procurar esse tipo de aplicação dá mais...”</p> <p>“... uma mulher que apanhou... a filha já é mocinha, apanhou também do padrasto... porque elas não conseguem sair de casa... continuaram vivendo com o cara apesar de saber que ele batia... Não é uma questão de comprar uma mesa, comprar um vestido de seda, é uma coisa de sobrevivência, você sabe que você come uma coisa que o outro que compra, se você não concorda com ele, cê brigou deu parte e se ele não te der a comida que você come, é o fim da picada, eu acho que é muito difícil, eu acho, cê vê tá no mundo inteiro, o dinheiro, o poder, o dinheiro, a riqueza , o poder tão ligadíssimos... de sobrevivência é a mais grave, mas tem outra tá.”</p> <p>“Eu acho que no geral é muito interesseira por uma coisa que decepiona, que não é verdadeira. Não tem consistência, não resiste a uma análise, se você pensar, por exemplo automóvel, se eu tivesse bastante dinheiro eu ia ter carro tipo Porsche, carro italiano, eu adoro, adoro, adoro, mas não tenho cacife pra bancar, agora é uma futilidade porque quanto custa um carro deste, uns seiscentos, setecentos mil reais, eu já gastei, eu fiz uma casa na praia, casa na praia é uma futilidade, é você gasta muito e usa pouco... Aliás muitas vezes eu fico pensando, se eu refletisse como eu penso hoje eu teria pensado mais em ganhar dinheiro quando eu era mais jovem, eu nunca tive isto como um critério... Áh porque eu descobri tanta coisa boa no mundo que custa tão caro (risos)... Verdade, tô pensando honestamente, um carro, um Porsche, seiscentos mil, setecentos mil, sem o dinheiro não adianta você ter gosto, certamente que o seguro deve ser no mínimo cinco vezes o meu, o parafuso, tudo deve ser lá em cima, então é melhor não gostar.”</p> <p>“Eu acho que acredita que o dinheiro resolve tudo, sabe que salva, que faz ser feliz, aí é que tá o erro, eu acho, eu acho errado que não é que o dinheiro não serve, serve pra quase tudo, não pode dizer que o dinheiro não traz felicidade, não faz mesmo, isso depende de outras coisas, mas é uma coisa muito importante, eu acho que o dinheiro é importante, tudo quer dizer, se você falar pra uma pessoa interessante com dinheiro ou sem dinheiro, todo mundo prefere a com dinheiro, acha que ela é melhor, não é melhor, por outro lado ela tem mais valor... como pessoa... ou você trabalha e se sustenta ou alguém vai bancar a sua vida... não é só o dinheiro como riqueza”</p>	<p>que teria pensado em ganhar mais dinheiro porque as coisas boas custam caro</p> <ul style="list-style-type: none"> • A sociedade acredita que o dinheiro resolve tudo, salva e faz ser feliz; mas é importante porque ou trabalha e se sustenta ou alguém te sustentará • Nunca teve dificuldades com dinheiro • Sente-se bem quando está com alguém de maior condição financeira que ela. O contrário às vezes não, pois teme pagar algo para a pessoa e a mesma se sentir humilhada • É dado muito valor ao dinheiro porque se não se comprar e vender a economia do país não anda • O significado do dinheiro não mudou, nasceu, cresceu e morrerá na mesma classe social • Antes percebia mais fartura pelo pai ter sido perdulário e não pelo dinheiro
--	--

	<p>“Acho um valor muito grande, até porque o sistema funciona desse modo, se você não gastar dinheiro, a economia do país não anda, ninguém tem emprego, precisa comprar pra esvaziar as prateleira pra pessoa trabalhar e fazer outro produto, se não, não tem, não funciona a máquina, então o dinheiro é uma, o dinheiro é comprar e vender, então dinheiro por exemplo faz encher as prateleiras, eu acho tem muito valor, não sei se tem, mas é dado muito valor, pra economia do país... Então, não é deturpado, poderia ser, mais não é, é real isso...”</p> <p>“Graças a Deus, nunca tive problema difícil com o dinheiro, eu pude estudar em boas escolas, vesti boas roupas, comi boas comidas, não tive problema financeiro, como eu te falei meu pai era filho de imigrante, não era rico, mas eu tive situação financeira boa né Bianca?”</p> <p>“Como eu me sinto? Me sinto bem, mais que quando ela não tem... É, me amola mais por ter que tomar cuidado pra não fazer uma coisa que possa (inaudível) o outro sabe? Acho bem difícil... Às vezes uma coisa você paga as duas partes, paga e fica bom, mas às vezes se paga é humilhante, então não faz isso. Por exemplo se você tá com uma pessoa que tem uma condição pior que a sua, você vai gastar uma coisa às vezes, você prefere pagar a dela também pra ela poder fazer... Se o outro não teve porque foi difícil a vida pra ele e já não tem condição de alcançar agora.” (quando a pessoa não se importou também de correr atrás) “Não, não, aí não, daí eu não tenho esse sentimento não.”</p> <p>“Não, conforme eu nasci, cresci, vou morrer na mesma classe social. Tinha algumas coisas na minha vida que era mais farta antes que agora, mas isso não era por causa de dinheiro, é que meu pai era mais perdulário, meu pai era uma pessoa, por exemplo tá chegando a Páscoa, muitas vezes eu ouvia meu pai assim: “Vê onde que tem lugar que abre ovo de Páscoa.” “Pai pra que vai abrir ovo de Páscoa, vai lá é chato o senhor vai dar um ovo que abriu e fechou, parece que comeu e deu, vai dar um ovo que já usou.” “Não minha filha, mas quando abrir vai ter a surpresa de ter dentro, ou um par de brinco ou um anel, então é melhor abrir o ovo de Páscoa pra por uma surpresa, meu pai era assim né Bianca? (risos da Bianca) Eu te falei ele veio de Cidade A aqui com dois coelhos pra dar pra elas no café da manhã... então eu tinha muitas coisas assim meio surpreendentes, não que eu fosse rica, mas meu pai era assim... Não, eu não faço porque não tenho dinheiro pra fazer essa loucura (risos), mas eu acho legal. Acho que todo mundo devia fazer.”</p>	
G2	<p>“Na nossa época não tinha muito roupa, só tinha calça jeans e minha mãe costurava tudo em casa pra gente, né mãe? E aí quando começou as primeiras camisetas com marca escrito <i>Levis</i>, não sei o que, ela falava assim: “Eles que deviam pagar pra vocês andar com o negócio escrito aqui e vocês tão fazendo propaganda de graça.” Não tinha ainda o consumismo e ela fez esse olhar né, tanto que a gente tinha horror de coisa que vinha escrito assim... Achava desaforo, “que desaforo vocês vão ficar andando com o negócio escrito fazendo propaganda de graça.””</p> <p>“É difícil falar porque a nossa época era <i>hippie</i> também, então se você ficasse, eu era da turma dos <i>hippie</i>, não era dos “patricinhas”, então se a gente pegasse alguma coisa, porque nem, eu fui pintar a unha depois que eu fui, que eu me formei, entendeu, a gente, quer dizer tinha esse lance dela, mas a gente era mais “bicho-grilo” né mãe?... É era hippie entendeu, rasgar calça... Mas não deixa de ser um status de adolescente... Mas aí tinha o <i>status</i>, não era um status de consumo, mas era um status da tribo do adolescente.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desaforo pagar caro pela marca e fazer propaganda de graça • O status vigente na cultura • Valores diferentes do marido, mas sem conflitos: gastos com fantasias de ballet, passeios, shows e festas com as filhas • A mãe tinha conta separada

<p>“Na minha vida com o meu marido, vamos dizer assim, a gente tem valores diferentes. Então por exemplo eu sempre gastei mais com as meninas do que ele achava que tinha que gastar, entendeu, porque assim tipo, fantasia de ballet, é passear, show, festa, porque se eu ganho e se eu não tiver nenhuma dívida eu gosto de gastar com coisas assim, então sempre tinha um pouco isto, mas também, é uma diferença até hoje, mas não criou conflito, ele sabe que eu penso isto, às vezes ele fala, ou então... Hã hã, mas no geral a gente tem foco, de decisão, tudo. Então isto é pro extra, que é bem diferente o valor, que nem, ele gasta com aviação que também é caro né, mas exatamente, são valores diferentes.”</p> <p>“Áh lembro, lembro... É vamos dizer assim, ela sempre teve a conta dela, as coisas, porque eles tem lugares diferentes pra gastar e isto era um problema que afetava... tinha uns conflitos assim, mas não de prejudicar um o outro, nada disto, entendeu, isto eu nunca vi.”</p> <p>“Tive, tive em 92, quer dizer, eu sabia que não ia passar porque tinha os pais, mas quando eu e o Thiago voltamos dos EUA, a gente voltou desempregado com o Collor saindo e todo mundo falou pra gente não voltar que o Brasil tava uma droga, só que no Brasil todo mundo fala que o Brasil sempre tá uma droga, e aí nós voltamos, mas a gente tinha um apartamento, quando nós fomos a gente tinha este apartamento de dois quartos, só que nós voltamos com duas filhas, e aí demorou sete meses pro Thiago poder arranjar emprego e a gente voltou com uma reserva pequena porque gastou tudo lá e aí uma amiga minha emprestou o consultório dela... e a gente viveu com a reserva, mas foi uma época bem, eu senti medo, é que eu sabia se eu precisasse meus pais ou os pais do Thiago iam acudir, mas graças a Deus não precisou, mas orgulho também ou puxa você é casou, você tem seus filhos, você tem que dar conta da sua vida, mas foi a única vez que eu senti mesmo medo.”</p> <p>“Eu penso que é muito forte essa relação, acho que é uma das coisas que mais destrói o ser humano é este deslumbre com o poder e com dinheiro, que dinheiro ajuda a deslumbrar e fazer você acaba sei lá ficar ganancioso, enfim fazer coisa errada e acho que é uma relação assim que pra mim a pessoa jamais mesmo que eu tivesse uma coisa muito grande de dinheiro eu ia fazer o possível pra não deslumbrar com isso ou não mexer com o poder entendeu, eu acho que é uma coisa muito diretamente proporcional e muito nociva e acho que ela é muito real, acho que ela domina o mundo (risos)... “Eu acho que é o valor maior da sociedade.”</p> <p>“Áh a minha religião diz que ela é uma fonte de que ela tem que ser usada com pensamento ordenado, porque ela é uma fonte de perversão, é bem claro isso, você lê em Provérbios na Bíblia o tempo todo tá, a ganância, tome cuidado, seja prudente, não deixa o dinheiro te deslumbrar né, isso é a Bíblia e obviamente eu sei que a minha igreja é completamente é não faz o que prega... eu não era católica, só tinha uma devoção por Nossa Senhora por causa da minha avó materna... eu não fui católica até 15 anos atrás... Que a igreja pensa sim, que a Bíblia pensa né porque a igreja faz sempre o contrário, mas é ué os papas, os bispos e os reis medievais, era a igreja que mandava, a igreja que era dona do dinheiro, enfim, mas assim pra mim o que a Bíblia fala fica coerente.”</p> <p>“Dinheiro compra felicidade... É acho que tem um pouco essa crença, mas eu pessoalmente não acredito até porque a gente trabalha com saúde mental e sabe... o dinheiro não compra</p>	<p>para gastos distintos dos valores do marido, contudo havia conflitos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Política do país • Desemprego e medo dele • Ter se casado e ter que dar conta das filhas e da vida • Dinheiro é o maior valor da sociedade • O deslumbre entre dinheiro e poder destrói o ser humano, traz ganância, é nociva, real e domina o mundo • Crença de que para a sociedade dinheiro compra a felicidade, mas ela não acredita nisto • Ter um respaldo financeiro maior devido a longevidade • Geração “recheio”, cuida dos pais que estão vivendo mais e dos filhos que demoram mais a entrar no mercado de trabalho • Não se sente incomodada com pessoas que têm maior condição financeira, somente se ficar “chata” • Se sente incomodada com pessoas muito simples, se sente mal se estiver muito arrumada • Injustiça social, sente raiva
--	---

	<p>felicidade porque até os ricos tem depressão, neste sentido entendeu, se comprasse, né se fosse uma crença que se concretizasse a gente teria menos problemas em classes altas.”</p> <p>“É pra esta fase que a gente tá agora tá uma trégua, tanto é que a gente vai guardando, porque pensa muito nesta coisa de saúde entendeu, ainda mais agora que aconteceu tudo isso que cê fala, gente você precisa ter um respaldo muito maior pra saúde do que cê tava imaginando... porque eles não viveram, os pais deles não viveram tanto pra dar este desgaste e agora a gente sabe que isso é um fenômeno maior né, os pais estão durando muito mais, então a minha geração ficou, tem um amigo nosso que fala que a gente ficou com o recheio assim porque os filhos demoram mais pra, porque a gente com vinte e três anos, vinte e quatro o mercado de trabalho era mais fácil, e também todo mundo começava a vida casando, hoje todo mundo começa a vida muito sozinho, e também se a gente vai morar junto a gente divide né, enfim e os pais tão durando muito, então você tem que ter um, tem não, pelo menos a gente pensa que você tem que ter um respaldo maior pra pensar a nossa velhice porque nós vamos ficar mais velhos... De se relacionar com a saúde, mesmo que não seja um gasto agora, mas em prol disso, inclusive assim pra não sobrecarregar os filhos né, entendeu assim pensando nisso, que nem hoje eles não, emocionalmente sim, financeiramente a gente ainda não tem graças a Deus que mexer, mas muita amiga minha tem que ajudar os pais.”</p> <p>“Eu não me sinto incomodada... eu acho que às vezes, então a gente até teve uma experiência... que mudou de condição muito alta, vamo dizer assim e que daí mudou meio o jeito de ser tudo, daí eu acho que fica meio chato entendeu, porque também às vezes vai numa esfera de papo, de coisa que faz, não sei o que, que você realmente tem que mudar de turma eu penso né, não tem muito a ver com você e às vezes assim, tem hora que eu falo assim: “aí meu Deus bem que eu queria essa vida” entendeu, puxa vida deve ser legal entendeu você fazer, sei lá você acordar e fala: “quero ir pra tal lugar e ir (risos)” entendeu isso eu tenho assim, nossa né, então tem isso, mas assim não me incomoda no sentido tipo aí não vou conviver... Agora às vezes eu fico constrangida quando tem alguém muito simples assim, com um poder aquisitivo bem menor e que entra no meu mundo, por exemplo assim que vem na minha casa ou que eu vou, que nem quando eu vou em obra social, essas coisas assim, daí eu fico é sei lá, por exemplo se eu tiver muito arrumada eu me sinto até mal, então assim quando eu ia na Fan que era a chácara lá dos drogadictos, se eu tivesse muito <i>chick</i> eu tirava salto, eu ia mais modesta, aí eu ia, me dava um pouco de aflição assim, não sei porquê.”</p> <p>“É eu queria que fosse todo mundo com o mínimo... quase não dorme entendeu e não vão sair disso, isso é muito injusto né, isso dá raiva. Num sentido social que aí você começa a ter um sentimento, no meu caso maior mesmo que não é só ali seu, é uma coisa do contexto, aí vai dando mais essas raivas generalizadas... E aí você vê que tem certos níveis sociais que por mais que trabalhe é muito injusto, muito injusto.”</p> <p>“Não, eu acho que se manteve aonde fico mesmo... vai indo, não ficou nem mais importante, nem menos importante.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • No decorrer da vida o significado do dinheiro se manteve
G3	<p>“... mas eu acho que sempre foi muito forte isto em ambos, meu pai e minha mãe de realmente ter um significado para o gasto, de fazer valer a pena e não ser simplesmente uma coisa simplória ou uma coisa por, é, como eu posso dizer, só por ser uma marca, ou não. É por qualidade ou é por conta da marca? Ou é porque alguém</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ter um significado para o gasto (aprendido com os pais)

<p>falou que você precisava comprar, isto faz sentido ou não faz sentido? Sempre ser uma coisa mais, uma relação mais saudável com o dinheiro, isto sempre foi muito forte com os meus pais assim que eles sempre passaram pra gente.”</p> <p>“Ou por exemplo quando não conseguia fugir muito né, por exemplo na adolescência eu lembro muito que eu queria um <i>Nike Shox</i> que era aquele tênis de mola. Assim né e eu acho que tipo meus pais sempre puderam me dar um <i>Nike Shox</i>, mas eles sentaram comigo: “Olha Catarina, olha o seguinte, custa três, quatro vezes mais que um tênis normal, tão uma qualidade tão boa quanto um <i>Nike Shox</i>, é puramente por conta da marca. Então pra você ter consciência de quanto custa isto você junta os seus presentes e compra.” E eu lembro que eu comprei o meu primeiro <i>Nike Shox</i>, foi o máximo, eu ia lá desfila na escola com o Nike Shox tal, mas logo perdeu sabe, eu lembro que foi muito junto com uma viagem pra Disney que a gente fez, mais ou menos na mesma época que a gente ganhou dinheiro pra gastar lá e aí eu lembro que a gente conseguiu ter um monte de experiências com meio que o mesmo dinheiro que eu comprei o tênis... Aí depois disso eu fiquei assim e aí sabe, eu prefiro muito mais esse, perdeu totalmente a graça entendeu, então é importante isto sabe da relação mesmo com o dinheiro e de o que você vai fazer com eles, eu sempre penso duas vezes.”</p> <p>“É eu também tive essa época que eu fiquei desempregada eu sabia que eu tava suportada por eles, mas tive medo de ficar por muito tempo rolando assim. Eu ficava bem mal.”</p> <p>“É eu acho que todos acham que sim, que tem, eu acredito que tem uma relação de dinheiro e poder. Pra mim sinceramente eu não vejo, eu não tenho ambição nenhuma de dinheiro e poder assim, eu acredito que exista e por isto talvez que eu fuja, é eu acho que acaba deixando as pessoas meio cegas assim de valores e tudo pra ficarem é não sei elas se perdem um pouco acho com relação a dinheiro e poder... É desse não sei de ter como ambição o dinheiro e o poder, eu acho que tem coisas muito melhores pra gente poder colocar como meta na vida, eu Catarina acho, mas acho que eles são diretamente proporcionais, estão super vinculados dinheiro e poder... Hãhã, é, por ser (inaudível) (risos) é e a gente pode até falar que a gente tentaria ser né, não sei se a gente tivesse dinheiro a gente tentaria não ser de tal forma e tal, mas vai saber né... é eu tô só complementando que a minha mãe falou que mesmo se eu tivesse muito eu ia tentar não sentir poderosa ou gastar né...mas é o tipo de coisa que a gente vê tantas pessoas que se transformam que a gente nem consegue, a gente nunca esteve lá pra... é por isto que eu falei fujo, porque eu não sei se eu vou conseguir me resguardar, eu não sei, tem tanta gente que se transforma, eu posso ter lá os meus princípios, mas de repente... É, porque eu acho que pra conseguir zelar pelos valores e princípios que eu acredito e que vieram de herança da minha família que são muito fortes, muito presentes, então pra conseguir permanecer isto comigo que eu acho muito bonito e faz sentido pra mim... É eu acho que é ameaçador porque a gente vê as pessoas se transformarem né, então não sei.”</p> <p>“Felicidade... É e por mais que um tempo atrás vai começaram a falar que não era bem assim, que né tinha até a propaganda do <i>master card</i> “tem coisas que não tem preço” tal, eu acho que até começou-se a falar disto, mas aí não eu acho que no fundo, no fundo as pessoas acham que as pessoas mais ricas são mais felizes.”</p> <p>“É que às vezes o que me incomoda na pessoa, me incomodaria em qualquer situação, em qualquer momento financeiro que ela</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interferência midiática x Conscientização do valor das coisas (aprendido com os pais) • <i>Status</i> vigente na cultura x Senso crítico quanto a escolha do uso do dinheiro (aprendido através dos pais e por reflexão própria) • Desemprego e medo dele • A relação entre dinheiro e poder deixam as pessoas cegas de valores • Foge de dinheiro e poder para conseguir preservar os fortes valores e princípios que herdou da família • As pessoas acham que as pessoas mais ricas são mais felizes • Não se incomoda por alguém ter maior condição financeira, mas quando em qualquer situação esta tenta tirar vantagens • Tem empatia com quem tem menor condição financeira e se sente desconfortável em “ostentar” vestuário • Desigualdade social financeira, traz sentimento dúbio, gratidão
---	--

<p>tivesse sabe, é a personalidade da pessoa, se a pessoa tira vantagem de alguma coisa ela vai tirar vantagem sendo rica, sendo pobre, sendo classe média , não sei... É eu sempre tento me colocar no quanto eu consigo de empatia de tentar me aproximar daquelas pessoas naquela condição, então tipo na obra eu tentava conversar com eles, entender qual a realidade deles pra conseguir conversar com eles, que é um pouco do que eu acho que, por exemplo as pessoas de maiores condições talvez deveriam fazer pra prove um diálogo entendeu e que às vezes elas não estão dispostas a isto então elas seguem com um papo que você nem tem condições de acompanhar, mas eu às vezes também tenho isso de me sentir muito privilegiada e não sei a pessoa não tem nem o que come e aí você tá lá né, tipo ostentando, usando roupa de tal enfim... Então eu acho que é um sentimento meio que (inaudível) porque ao mesmo tempo que eu me vejo, tenho um sentimento de gratidão por não tá naquela situação, eu também me sinto muito mal por eu não conseguir fazer quase nada tipo pela pessoa, por saber que o buraco é muito mais embaixo, que não é tipo levar um casaco pra pessoa que vai resolver a vida da pessoa... E tem muita gente que trabalha pra caramba, muito mais que a gente e não tem."</p>	<p>por ter e impotência pelo social</p>
--	---

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Quadro 6– Categoria 4 – Trabalho e dinheiro

	Trabalho e dinheiro	Elementos centrais
G1	<p>"Eu acho que é muito estreita. Eu acho até que a minha família foi muito, é como é como é que fala, faltante de ensinar a gente a ganhar dinheiro como comerciante, nós nunca aprendemos a ganhar dinheiro, a gente só aprendeu um trabalho, um ofício entendeu, cresce, estuda, tem uma profissão, você vai trabalhar e ganhar dinheiro, mas não é assim, hoje eu vou sair, vou arrumar um emprego e vou ganhar dinheiro pronto. Vou arrumar um emprego porque é o que eu tenho que fazer, agora mesmo que eu tive... eu trabalhava na... e dava aula de... 36 anos... e agora que eu tive... eu não fui mais lá e nem sei como é que resolve isto legalmente, a hora que eu puder aí eu vou lá pra saber... Quando o argumento é o poder do dinheiro, um inferno, o dinheiro minha filha você enterra ele apodrece, ele não serve pra nada. Você veja como as coisas tem uma tradição, no mundo tem as rupturas, o mundo é assim as coisas vão se acumulando numa tradição, depois tem uma ruptura e tudo merece uma nova verdade, na ciência é um paradigma e no popular é uma ruptura de uso, costume o que for, você veja como é sábio essa tradição que passa pra lá e pra cá, porque quem tá numa situação boa porque conquistou, por exemplo você tá fazendo uma tese, você depois de uma tese você é muito mais do que era antes, não é protocolo de nível universitário, não é isso, é um fato, mas pela sua disciplina de sentar pra escrever, pra ouvir, pra passar a limpo, modificar umas coisas que não estão boas, vê que isto não tá coerente com isso, o aprendizado e então quem nunca fez isso é claro que vale menos do que você, então é nisso que eu me baseio pra dizer, quando você ganha, ganha dinheiro porque você fez tal coisa entendeu, não é por bobeira, é verdade aquela pessoa vale mais porque ela fez tais coisas, um sujeito que já realizou cinco cirurgias em alguém ou em dez pessoas, ele sabe mais do que quem nunca fez nenhuma... Não é porque eu ganho dinheiro, é por tá fazendo coisas, como é que eu ganho dinheiro, é porque eu vou trabalhar de professora o ano inteiro ou porque entendeu... é porque eu produzi material didático."</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não aprendeu a ganhar dinheiro com a família. Aprendeu a estudar, ter uma profissão, trabalhar e ganhar • Uma pessoa tem mais valor porque fez algo mais e por isto ganhou dinheiro • Sua profissão sofria estereótipos na família quanto a ganhar dinheiro e ela ganhou • Não consegue se imaginar vivendo sem ganhar nada com trabalho, percebeu que isto já chegou aos netos

	<p>“Eu acho que sim. As coisas vão acontecendo às vezes sem você pensar, quando eu fui trabalhar na prefeitura eu fui pra ficar três semanas... num trabalho específico... nem sabia que ia ganhar mais ou menos, acontece que eu entrei daí aconteceu assim... eu achei legal o trabalho que eu tava fazendo. E eu falava assim: “Tá vendo vocês falam assim que antropologia é coisa de patricinha, que é só pra ganhar dinheiro pra comprar peles e joias, eu não tinha imagina... Minha família, meus primos, meus netos falavam isso porque eu via coisa de índio, mas eu nunca fui do tipo e meu neto... falava: “Pois é vovó se vai pra esse mato não sei o que onde tem cobra e jacaré, mas você meio que é patricinha.” (risos) Ele gozava da minha cara, ele dizia assim que antropologia é coisa de patricinha, eu vou mostrar pra vocês que também ganha dinheiro, falava meio assim meio na brincadeira sabe.”</p> <p>“E outra coisa interessante, eu não tenho cabeça, eu não consigo imaginar de viver sem ganhar nada, nem que eu tenha dinheiro, que eu tenha mesada, eu não suportaria essa ideia, eu ganhar dinheiro em alguma coisa que eu trabalhe e é tão forte isso e tão natural que agora por exemplo que eu não tô trabalhando porque eu tô invalidada... até meus netos pensam sem que a gente discuta isso com eles, eu falei pra uma das minhas netas... que eu ia dar não sei o que pra elas aí no fim do ano “Não vovó, eu não quero que você dê nada caro, coitada de você, você não tá nem trabalhando como é que você vai comprar uma coisa tão cara pra mim?... É porque eu não tô ganhando dinheiro, eu não gosto, eu não me sinto bem de ter que pagar com um dinheiro que não é meu, se o extra é uma coisa vamos dizer, extraordinária, cara que não tem nenhuma função específica, não vai haver necessidade, engraçado isso, vai fazendo isso na cabeça sozinha... Então, mas é muito difícil, eu detesto. Primeiro que eu não sou fútil pra gastar dinheiro, não gasto dinheiro em besteira...”</p>	
G2	<p>“Então pra mim é talvez eu tenha dado uma sorte de trabalhar numa coisa que eu gosto né, mas eu acho que é importante você te, eu separo bem, por exemplo do trabalho voluntário do trabalho profissional, entendeu assim tipo o trabalho tem que dá dinheiro né, você tem justamente, eu sei que eu não tenho uma profissão que ganha uns tocos mais dentro daquela profissão, então assim, a relação trabalho com dinheiro eu acho que ela precisa, você precisa ter e eu tenho pelo menos, e aí quando é porque assim, ah o trabalho é lazer porque eu faço o que eu gosto o dinheiro não é importante, não, eu acho que o dinheiro ele é importante até pra eu poder usufruir também, fazer as coisas que eu gosto, também trabalho pra ter as coisas que eu gosto ou fazer as coisas que eu gosto, então é uma relação necessária.”</p> <p>“Não, não é, tanto que, então minha mãe teve dois empregos e não era só por dinheiro, ela adorava dar aula, adorava o trabalho dela na educação entendeu, era também por isso. Meu pai ama, amava o trabalho dele.”</p> <p>“Tem essa relação de trabalho também ser uma coisa realizadora, de desafio, de produzir sabe.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalha no que gosta, mas também para ganhar dinheiro e ter / fazer as coisas que gosta • Os pais sempre gostaram de seus trabalhos e a mãe tinha dois empregos • Trabalho é uma realização
G3	<p>“... por exemplo ele teve que escolher uma escola que ele não pagasse, você por exemplo não teve esse problema, você conseguiu estudar em qualquer escola, particular ou pública. A tia Fabíola fez pública, você e a tia Carmem fizeram particular, e a vovó e o vovô pagaram, vocês não tiveram que ficar trabalhando junto com a faculdade, isto eu considero que é uma ascensão de uma geração pra outra... Eu também, por exemplo, vocês me deram a escolha de fazer uma pública ou uma particular, então eu acho que já tive também uma situação confortável. Quando eu fiquei desempregada, eu ainda continuei, não tive que aceitar qualquer</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O avô teve que receber para estudar, a mãe não precisou trabalhar para estudar, e Catarina pode escolher o trabalho após a faculdade

<p>trabalho, eu pude escolher o meu trabalho, eu acho que isto são privilégios.”</p> <p>“É, bom, com relação a minha relação familiar com os meus pais?.. É, acho que sempre foi uma questão de por exemplo da gente ter que se manter e sempre senti uma certa cobrança que eu acho que os pais devem fazer mesmo. É teve um ponto que até hoje eu meio que carrego comigo, que é quando eu era mais nova eu fiz uma audição de <i>ballet</i> e eu cheguei a ir pra final da audição e o meu pai e a minha mãe conversaram comigo sobre a vida como bailarina e que era muito difícil, e que quando eu ficasse mais velha, é sobre gravidez, enfim sobre algumas implicações que a escolha da carreira poderia ser direcionada e podia direcionar principalmente financeiramente. É, e aí eu ouvi eles e fiz a minha opinião e fui estudar engenharia, fui estudar outra coisa, mas ainda é uma coisa que eu ainda fico sempre, é dúbio em mim de sentimento porque eu fico pensando, e se eu tivesse seguido carreira, será que eu ia conseguir alguma coisa, será que eu não ia ficar e tal, então com relação a isto eu acho que foi um conflito na época e que acho que ainda isto hoje perdura sobre questionar sobre dinheiro, eu vejo alguns amigos que foram pro ramo da dança e tão realmente batalhando muito com dificuldades e tal, mas eu sempre me vejo comparando por causa desses questionamentos que eu tive lá atrás... Ah, acho que eu pensei também, mas acho que a gente é muito novo sabe, até pra optar por exemplo pra faculdade, acho que a gente ainda é muito novo, sabe eu acho que a gente é influenciado pela maneira que a gente interpreta qualquer conhecimento que vem pra vida, então... É quinze, eu tinha quinze, no Primeiro Colegial, então a gente não sabe de nada eu acho (risos)... Também por um negócio financeiro, porque se for pensar a decisão, porque tava entre arquitetura e engenharia civil, aí eu pensei, <i>putz</i> engenharia tem aquele negócio de inflexibilidade da engenharia, de, se amanhã virarem e disser nunca mais eu vamos construir casa daí eu fiz um curso que pode me dar um <i>background</i> pra trabalhar num banco, pra trabalhar numa Brax, por exemplo agora, aí eu acabei optando por pela engenharia mesmo por uma certa segurança, mas não deixa de ser uma certa segurança financeira também.”</p> <p>“É... bom difícil essa pergunta, eu acho que mudou muito pra mim a relação do dinheiro e trabalho porque eu comecei tipo a minha carreira ganhando muito dinheiro perto dos meus amigos, eu comecei muito bem na profissão como engenheira, mas eu sempre vi que, como que eu posso dizer, a minha satisfação tava muito mais ligada ao dinheiro do que ao trabalho e isto sempre me fez mudar bastante de trabalho, assim tá buscando algumas coisas que eu me identificasse mais e atualmente eu tenho até enxergado que, tenho até visto que talvez vai vale mais a pena eu tá mais feliz com o que eu faço do que com o quanto eu ganho assim, eu acho que tem um mínimo que precisa ser respeitado, mas eu acho super importante também que você faz oito horas todos os dias e tal fazer sentido pra você, mas acho que mudou bastante essa minha relação dinheiro e trabalho assim durante a minha vida profissional... É, eu dou aula a noite.”</p> <p>“Eu tenho dois trabalhos e não é só por dinheiro.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A escolha da profissão também pautada em segurança financeira, de bailarina à arquiteta, de arquiteta à engenheira civil, contudo ainda se questiona por questionar sobre o dinheiro • No início da vida profissional a satisfação estava ligada ao dinheiro. Atualmente pensa mais em estar feliz com o que se faz ao que se ganha • Tem dois trabalhos e não é só por dinheiro
--	--

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Quadro 7 – Categoria 5 – Tempo e dinheiro

	Tempo e dinheiro	Elementos centrais
G1	<p>“... “mãe o hotel mais lindo que eu já fiquei na minha vida, melhor, foi aquele que a senhora me pagou lá em Nova York” Eu falei: “Nossa nem era chik o hotel.” “Mas era no centro.” Eu falei: “Pois é que no centro cê ganha tempo né?” Cê não tinha que viajar de metrô pra</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Pagar mais em algo para ganhar tempo

	<p>voltar a noite, tarde, fica lá até tarde da noite na rua e vai pros concertos... é isso que eu digo, o dinheiro tem valor nessas coisas."</p> <p>"Muito grande, a relação é grande... você tem compromisso tá marcado no tempo, o tempo tá valendo, eu não sou de deixar fora o tempo, eu sou de cumprir horário, sempre trabalhei com horário, é ano letivo, trinta e seis anos que eu trabalhei eu nunca cheguei atrasada, nunca, nem saia adiantada... Você pra ganha o tempo de mais dez minutos pra procurar uma vaga você tá gastando mais dinheiro do que por o carro no estacionamento... estacionamento e porque aquele tempo também vale ouro... Primeiro pelo tempo do estacionamento, o primeiro raciocínio foi este, e segundo o tempo que você perdeu, não usou devidamente."</p> <p>"Eu prefiro ter dinheiro, o dinheiro, bom eu acho o dinheiro comanda em tudo, se vai, eu comando se eu quiser tomar café amanhã em Paris, eu tendo dinheiro eu vou (risos de Bianca) não é?... O que eu quiser. O dinheiro encurta as distâncias... O tempo rende mais com dinheiro, não é? (risos) De repente você vê quem você quer, se uma pessoa tá longe e você gosta tanto, com dinheiro você pode vê-la, ou você vai lá ou trás."</p> <p>"Uns 15%... Pequeno, o suficiente."</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O tempo vale ouro, melhor pagar algo para ganhar tempo ou não perde-lo • Prefere ter dinheiro a tempo, pois o tempo rende mais com dinheiro • Gasta uns 15% do seu tempo de vida pensando em dinheiro, o "suficiente"
G2	<p>"... essa coisa de você ficar negociando pra levar muita vantagem também não é meu forte, não é também do meu marido... É, do tempo também, é teve um pedreiro que reformou o banheiro delas inteirinho em sei lá, dez dias, tô com uma amiga que tá com um pedreiro na casa dela há três meses pra reformar um banheiro, o cara não vem, não sei o que, ela contratou empreiteiro, então assim na minha, mas sabe não sei quanto que vai pagar, mas poxa três meses pra reformar um banheiro, então são outros valores né, mas "o barato sai caro" é dito."</p> <p>"A Maria Rita Kehl fala que quem acelerou essa sensação que a gente tem é o capitalismo, por causa da cobrança da produção, então assim pra mim também eu prefiro ter uma relação equilibrada de tempo e dinheiro, eu não vou me matar de trabalhar por dinheiro, de jeito nenhum, só se acontecer uma coisa que você precise realmente ter dinheiro entendeu, numa urgência."</p> <p>"É, eu fico preocupada em umas fases, por exemplo começo de ano que o consultório é mais fraco e meio do ano né, então eu fico mais apreensiva, como é que vai ser esse ano, que nem agora janeiro, eu tô zerado assim ainda né de tá vindo, então tem taxa, IPVA, tem um monte de coisa, então assim tem umas fases que eu fico mais preocupada pela condição de autônoma, mais aí assim como eu também não tenho dívida né, só é o gasto mensal que também não é uma coisa, tirando os luxos vamo dizer assim, tipo um programa ou outro, não tem, meu básico eu consigo me manter né, com a aposentadoria, inclusive pagando... então assim meu tempo de pensar em dinheiro é pouco, mas eu fico preocupada ainda, acho que por ser autônoma eu não me despreocupo nunca, sabe fica aquilo por trás assim, aquela preocupaçãozinha, mas aí a fé vai Deus provê Deus proverá, vai fazendo a sua parte e pronto."</p> <p>"É e às vezes mãe, lembra que você falava que se você vai pra um lugar e fica rodando, rodando pra estacionar é melhor você paga o estacionamento entendeu, porque o tempo às vezes por causa de economizar não sei quantos reais, é melhor você já pagar de uma vez e para porque o tempo também tem um valor, se tinha isso lembra? Minha mãe é, tem isso assim, ela não fica naquele negócio de ganha, tem que ganhar financeiramente entendeu, ela falava: "gente a relação do tempo também, cê fica rodando, rodando, vai gastando tempo e dinheiro... Também, sim, é um valor, é né... E não é assim, tempo vale ouro, não no sentido de eu tenho que ficar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O tempo de pensar em dinheiro é pouco, mas por ser autônoma nunca se despreocupa • Aprendeu com a mãe que é melhor pagar algo para ganhar tempo que tem valor em si

	fazendo dinheiro... o seu valor, valor de tempo mesmo, de coisa humana. "	
G3	<p>É, tempo, rico é quem tem tempo (riso)... É tempo hoje não deixa de ser precioso né."</p> <p>"Eu prefiro ter tempo, é se eu tiver, é o que eu falei, se eu tiver o dinheiro mínimo, básico pra me alimentar, pra fazer minhas coisinhas, eu prefiro ter tempo do que ostentar dinheiro, acho que ostentação de tempo é bem mais legal, mas tempo produtivo e não tipo tempo pra fazer nada, tempo pra conhecimento, pra ler, pra estudar, fazer coisas, nunca um tempo ocioso, isto nunca esteve na minha programação (risos)."</p> <p>"Áh ocupa um tempo não grande, mas um tempo mínimo pra eu conseguir me organizar, tipo todo mês eu sento e dou uma olhada no que eu tô planejando, tipo áh vou sair de férias, quanto eu vou gastar, quanto eu tô planejando gastar, ou esse mês quanto eu gastei de Uber, quanto eu gastei de tanto, pelo menos uma vez por mês eu paro pra fazer essa análise, tenho uma planilha, tenho um aplicativo de contas que facilita... Tipo de acordo com as metas que eu estabeleci no início do mês. Eu não sou aquela pessoa que fica super pensando toda hora em dinheiro."</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Rico é quem tem tempo • Prefere ter tempo, mas que seja produtivo • Não pensa toda hora em dinheiro, uma vez por mês, ao menos, faz análise dos gastos e planejamentos em planilha

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Quadro 8– Categoria 6 – Gênero e dinheiro

	Gênero e dinheiro	Elementos centrais
G1	<p>"Não. Eu acho que homem e mulher não lidam com nada igual, nem com o amor, nem com o filho, nem com a vida, nem com nada, a gente não sabe como que o homem lida porque a gente tem outra vida, é como eu digo falar do índio, eu trabalho em antropologia, agora falar no índio penso assim, mas não diga isso, mas eu não tenho ideia como é que índio pensa, só sendo índio, a gente pode tentar achar, mas não sabe, eu não tenho mesmo, nem um pouco."</p> <p>"Na minha família de um jeito um pouco fantástico. Meu pai e minha mãe teve dois anos que eles foram separados, nestes dois anos foi que meu pai caiu de avião e minha mãe cuidou dele e além disso, meu pai, minha mãe nunca trabalhou, nunca ganhou dinheiro e meu pai dava tudo que ela quisesse... numa harmonia fantasiosa até, é porque não é assim na maioria das famílias... minha mãe não estudou, minha mãe tinha a cultura da época, de ler livro de romance de mocinha... não tinha coisa de guerra, de política, nada disso... e não gostava quando eu lia, por exemplo no colégio..."o cortiço"... ela ficou horrorizada "Onde se viu minha filha botar essas coisas horríveis pra vocês lerem e vou falar com as freiras." "Não vai mamãe eu quero ler." "Tá bom, então leia..." mas não achava bom... mas ele (pai) era bem cultura geral, lia muito cultura clássica, os grandes escritores, ele lia muito e achava que todo mundo devia ler, como se fosse uma obrigação desde os sete anos de idade... eu não tenho nada a ver com eles, eu fui estudar antropologia porque eu gostava de povos que não tinha máquina, nem escrita, eu adoro, acho muito bonita, a invenção da cultura, o meu pai não admirava isto, nem minha mãe... ele não admirava assim coisa mal feita mesmo sendo primitivo, mas eu gostava e ele respeitava... a minha família era uma coisa desbaratada né, tão diferente o meu pai e a minha mãe... eu fico pensando como é que eles se cruzaram no mundo, era tão diferente um do outro e eu acho que você já percebeu logicamente que eu tenho muito mais afinidade com o estilo do meu pai do que da minha mãe. Eu admirava a minha mãe, mas assim eu fazia um esforço pra admirar, o meu pai não... Áh veio vindo assim sem querer, meio naturalmente, não é naturalmente de natureza que não é o caso, mas eu digo vai</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Homem e mulher não lidam com nada igual • A mãe não estudou, não trabalhou e não ganhou dinheiro • Apesar de ter mais afinidade com o estilo do pai, se vê diferente deles e estudou antropologia o que não era apreciado por ambos • Com as filhas lidou com muita sinceridade e aprenderam a lidar com as coisas sem desafios, gastar menos

	se acomodando, e lá em casa sempre teve assim muita sinceridade pra lidar com as coisas e elas também aprenderam a lidar sem desafios sabe? Coisa que era muito cara, viagem quando vai viajar, gastar menos...	
G2	<p>“Sim muito forte que começou com a minha mãe, porque as irmãs do meu pai eram tudo, ninguém trabalhou, é o trabalho não é um valor, é um valor forte pra ele e pros meus avós, mas assim em termos de mulheres na família dele não. Essa linhagem é da minha mãe... Ao meu avô porque a minha avó não trabalhou, minha avó era semianalfabeta, casou muito nova tudo e onze irmãos né e as minhas tias também uma foi enfermeira, mas a maioria era tudo dona de casa as tias que eu conheci e tem um detalhe importante, o meu bisavô... pai da minha avó Rita, a mãe dela ficou viúva com 23 anos e seis filhos, o pai dela era muito rico... tinha muitas terras, ela ficou viúva e o pai fez ela casar com o meu bisavô que chamava Nestor e que bebia e jogava, outro ditado “Marido, tem que procurar um homem que não jogue e não beba” que não beba e não jogue, tem um ditado assim, nossa fulano bebe e joga não é um bom partido, isto é da minha avó materna, por conta do pai dela que era uma pessoa boníssima, mas ele perdeu e aí essa minha bisavó nova casou com ele, viúva, casou segundo casamento e todos os bens foram pra ele, ele que dominava na época, então ele perdeu todas as terras dela que ela herdou em jogo, ele perdeu tudo em jogo... É pode ser agora a gente falando chegou nisso né... e lá atrás tá vendo, como é que é a pergunta mesmo porque que eu respondi, como é que eu fui associar isso?... Ah da diferença de gêneros, então veio de uma coisa do gênero como se o masculino, era patriarcal e pior né um patriarcal que deitou e rolou, aprontou e ela submissamente não tinha poder de nada e nem de escolher o marido inclusive, então tinha isso daí, tinha essa história né e a minha avó ela era na dela assim, mas aqui tinha uma diferença de gênero, agora na minha casa com a minha mãe e o meu pai também, a minha mãe sempre trabalhou... e aí essa coisa do feminino sempre... ela era bem modesta, mas ela era descomplicada a minha avó, entendeu assim se falasse: “Vó vamos sair três dias?” Ela ia, tudo que chamavam ela, ela ia pra tudo quanto é coisa que chamavam ela, inclusive ficar no hospital com os irmãos, ela cuidou de muita gente, mas assim tudo o que chamava, se fosse pra cuidar de alguém doente em qualquer lugar ela ia também, com o mesmo bom humor que ela ia pro baile, tanto que ela era separada e a minha mãe casou muito cedo, ela era a que fazia este papel pra todo mundo ajudava todo mundo na alegria e na tristeza.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher e trabalho remunerado teve início com sua mãe • A avó cuidou de muita gente • “Marido, tem que procurar um homem que não jogue e não beba” por conta do bisavô que perdeu tudo no jogo • A experiência com o gênero masculino na sua história foi associada à perda financeira, já com o gênero feminino foi boa, a mãe sempre trabalhou
G3	<p>“Eu acho que a gente nunca, pelo menos eu posso falar, eu nunca tive diferença assim, ah você é mulher então você, eu acho que em várias famílias tem isso da mãe depender do pai financeiramente ainda é muito forte isso, mas acho que na nossa, tipo minha avó tinha dois trabalhos, minha mãe também trabalhou a vida inteira, minhas tias sempre trabalharam, independentes financeiramente todas elas, minha tia foi solteira um tempão, divorciada, então eu nunca tive isso, essa dissociação assim que eu vejo que é muito presente na sociedade hoje.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Na família não vê diferença entre os gêneros, todas as mulheres sempre trabalharam

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Após serem levantadas as crenças e as atitudes da família quanto ao significado e uso do dinheiro e averiguadas as condições econômicas e crenças culturais atuais, pode ser possível a identificação e comparação das diferenças e semelhanças com relação ao significado e uso do dinheiro presentes nas três

gerações da família; assim como a identificação das crenças que persistem ou se transformaram ao longo das gerações e o levantamento dos possíveis fatores de influência.

Os Quadros 9, 10, 11, 12, 13 e 14 apresentam para cada categorização as comparações entre os elementos centrais de cada geração.

Quadro 9 – Comparação das semelhanças e diferenças quanto as heranças intergeracionais, crenças e valores

Geração 1	Geração 2	Geração 3
<ul style="list-style-type: none"> • Recurso • Dar condições boas de vida • Qualidade de vida • Qualidade de vida como significado para seus pais • Valor de troca para tudo na vida • Família imigrante que luta bastante e tem que começar do zero e cuidar do que tem • Cuidar das coisas • Cuidar e consertar como o pai • Afinidade com o pai e seu jeito de ser • Restauração, conserto como o pai. Ele a levava na oficina para ver e elogiar os carros importados • O que se cultiva se tem • Felicidade porque a família toda “ganha a vida” honestamente • Não lesar as pessoas • Crença de que usa o dinheiro de acordo com os valores dos pais • Amizade e cuidado entre os pais, e o presentear como expressão de afeto • O dinheiro é importante, mas não é prioridade para decisão • Sempre ensinou as filhas e netos que precisa ganhar e ter dinheiro, tudo o que se 	<ul style="list-style-type: none"> • Resultado de trabalho / Ferramenta • Proporcionar boas coisas • Qualidade de vida • O dinheiro foi com muita conquista pelos pais • Os pais começar do zero • Valorização do trabalho • A mãe também era de fazer e consertar • Ela e o esposo começar do zero • Não pode ganhar ou dar as coisas de mão beijada, tem que ter esforço, limite, organização • Mentira tem perna curta • Dormir com a consciência limpa • Vínculo e honestidade com os empregados • Proporcionar experiências, usufruir, sem ser <i>status</i> (valores vindos dos pais) • Não deixar para amanhã o que se pode fazer hoje • Aprendizado pelo exemplo • Percebeu transmitiu à filha o valor das experiências e 	<ul style="list-style-type: none"> • Recurso primário • Dar boa vida • Crença de que os pais não começaram do zero • Carregou consigo quanto ao tratamento e pagamento das pessoas em dia • Proporcionar experiências (aprendido com os pais), mas não deixa de ser <i>status</i> para ela • Coisas simbólicas e afetivas valem mais que o dinheiro • Desejo de passar às próximas gerações o valor das experiências

<p>gosta de fazer custa dinheiro</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sua mãe não era “gastona”, mas não economizava para não ter amolação, ter que cuidar • Cultura brasileira do Vale do Paraíba não dá valor às coisas • Não tinha dito popular • Avós paterno eram imigrantes italianos. Eram músicos e tinham uma oficina de carros importados, não eram ricos, mas todos da família estudaram nas melhores escolas, isto era um valor • Família da mãe eram de classe média, simplórios • Sua mãe teve uma situação financeira melhor que sua avó • A mãe era sensata, até um pouco modesta para gastar. O pai era pobre, mas extravagante, não no financeiro, no sentido de ser surpreendente 	<p>vivências as coisas materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> • O avô materno criticava o brasileiro por sempre mandar alguém fazer as coisas (cultura escravagista) • Tudo o que vem fácil, vai fácil. Parentes do pai perderam heranças • Pai rico, filho nobre e neto pobre • “Vão-se os anéis, ficam-se os dedos” herança da avó materna. Trabalha-se e constrói tudo de novo • Avô materno adquiria objetos de decoração e utensílios • Família paterna não tinha dinheiro • A mãe quem “mexia” com as finanças 	<p>e vivências as coisas materiais</p>
---	---	--

Fonte: Dados da pesquisa de campo

O significado do dinheiro apresentou-se semelhante não só para as três gerações entrevistadas como para os pais de Adália. Para todas elas o dinheiro foi considerado como um recurso, uma ferramenta para dar boas condições de vida, qualidade de vida, assim como Adália disse ter sido também para os pais. Segundo Meirelles (2017) o dinheiro para as mulheres é mais uma ferramenta que um objetivo, devido as mesmas privilegiarem o bem estar e as relações. Grandesso (2006) deixa claro que cada pessoa desenvolve em sua rede de conversações uma compreensão

do significado da sua família. As construções por meio de palavras, gestos, atitudes e silêncio, constroem crenças sobre a família de cada pessoa, e em diferentes contextos pode ser mantida e ressignificada. A autora ainda afirma que significados em narrativas expressam o sentido de pertencimento a uma família, as noções de parentesco definem os rituais de conexão, celebração e constituição, assim como transmitem e preservam valores.

Segundo Cardoso (2017) a atribuição de significado do dinheiro tem construção na cultura, no social e no individual; e abrange crenças, representações, atitudes e emoções. Para Moreira (2002 *apud* CARDOSO, 2017) a atribuição do significado do dinheiro é individual e a partir das próprias vivências e contexto. E é apreendido no contexto familiar conforme apontam Madanes e Madanes (1997 *apud* CARDOSO, 2017). E segundo Guimarães (2007 *apud* CARDOSO, 2017) têm variações conforme o gênero. Ainda de acordo com Cardoso (2017), as informações a respeito do dinheiro são transmitidas através das heranças transgeracionais e esta transmissão molda a representação sobre o significado e uso do dinheiro.

O “começar do zero” pareceu ter sido considerado como um valor da família imigrante italiana, considerando que a própria imigração (Quadro 3) se deu porque estavam passando por crise financeira na Itália. Segundo McGoldrick (1995), a migração é tão disruptiva em si que poder-se-ia dizer que acrescenta um estágio extra ao ciclo de vida das famílias que precisam negociá-la. Este valor pareceu ter se perpetuado até a segunda geração entrevistada. Bianca acreditou ter começado do zero, assim como sua mãe, contudo na subjetividade de Catarina não foi visto que sua mãe tivesse começado do zero, esta considerou a ascensão de ensino, o poder escolher onde estudar e até mesmo a escolha do emprego como uma forma de não se começar do zero, mas de uma base mais estruturada. De acordo com Manfredini (2007) dinheiro e estudo têm íntima relação, pois o dinheiro proporciona a possibilidade de estudar em melhores escolas e a valorizar pessoas que ganham mais por terem mais estudos e pesquisas sobre valores da classe média paulista apontaram que na prioridades dos pais, a educação e o futuro dos filhos ocupam o primeiro lugar.

A afinidade de Adália com o pai talvez tenha proporcionado, devido a este vínculo, a continuidade e cultivo de seus valores, como o consertar e cuidar bem das coisas. Esta continuidade pode ter se acentuado principalmente pelo fato de ser filha

única, pois de acordo com McGoldrick (1995) as famílias italianas colocam ênfase nas cerimônias de casamento refletindo a importância da continuação da família na geração seguinte. Conforme Rotunno e McGoldrick (1982 apud MCGOLDRICK, 1995) para os italianos o conceito de família costuma referir-se a toda a rede ampliada que estão todos envolvidos nas tomadas de decisões familiares, que passam juntos os pontos de transição do ciclo de vida e que tendem a viver em extrema proximidade. A própria Adália disse não ser apaixonada pela cultura brasileira do Vale do Paraíba que não cuida bem das coisas. Referiu-se a sua afinidade conforme Quadro 8 “... eu tenho muito mais afinidade com o estilo do meu pai do que da minha mãe. Eu admirava a minha mãe, mas assim eu fazia um esforço pra admirar, o meu pai não...” Segundo McGoldrick (1995), a etnicidade relaciona o processo familiar ao contexto mais amplo em que se desenvolve, a individuação requer que se chegue a um acordo com as famílias de origem e também quer que se chegue a um acordo com a etnicidade.

A valorização do trabalho já apareceu nas falas de Bianca quando disse que trabalhava bastante, assim como os pais que sempre trabalharam muito e valorizavam isto. O dito popular “não pode ganhar as coisas de mão beijada...”, segunda ela veio da família de sua avó materna, contudo, pensando na complexidade dos fenômenos, poder-se-ia dizer que esta crença vinda da família da avó materna pode ter ratificado o valor do trabalho vindo da família do avô materno e vice-versa. Vasconcelos (2003) diz que pensar sistematicamente é pensar o que é complexo, instável e intersubjetivo. Cervený (2012) diz que no processo intergeracional, reconhecer o recebimento de uma herança e transmiti-la é a aceitação de ser elo de uma corrente que é reconstruída entre as gerações através de novos significados. (CERVENÝ, 2012)

Observou-se que Adália e Catarina não apresentaram ditos populares, enquanto Bianca apresentou muitos e os relacionou às próprias vivências e fatos ocorridos com pessoas de suas famílias de origem. Adália apresentou ter como felicidade o fato de que toda a família “ganha a vida” honestamente, Bianca trouxe a confirmação deste fato por meio dos ditos: “mentira tem perna curta” e “dormir com a consciência limpa” como lembranças da sua família de origem, contudo somou-se ao valor honestidade as crenças apresentadas nos ditos: “tudo o que vem fácil, vai fácil” e “pai rico, filho nobre e neto pobre” referindo-se aos parentes de seu pai que ganharam e perderam suas heranças, e desta forma também reforçando o valor do trabalho e de se ganhar o dinheiro como resultado de trabalho e honestamente.

Segundo Poletto, Manfredini e Grandesso (2015), os pais ensinam como lidar com o dinheiro, tudo o que foi falado de forma positiva ou negativa sobre o dinheiro é passado como modelo aos filhos. Quanto aos ditos de Bianca pode-se pensar de acordo com Cerveny (2012), que quando se convive próximo as origens que é representada pelas pessoas mais velhas da família extensa, a memória familiar é sempre lembrada e vivida. E ainda Tobias e Cerveny (2012) afirmam que quando os modelos são incômodos, tentar-se-á evitar com que eles não se repitam, partindo para o antimodelo, ou seja, repetição pelo oposto.

O valor e atitude de “não lesar as pessoas” se perpetuou nas gerações. Bianca disse ter vínculo e honestidade com seus empregados por sempre ter visto como os empregados eram tratados na casa de seus pais. Catarina disse ter carregado consigo este mesmo tratamento, assim como o correto pagamento das pessoas. Talvez as críticas do avô quanto a cultura escravagista possa ter acentuado este valor quanto ao tratamento dos empregados, ao mesmo tempo que a mãe de Adália confirmava a criticada cultura brasileira não economizando para não ter amolação e ter que cuidar das coisas. Mc Goldrick (1995) diz que etnicidade se refere ao conceito da “condição de povo” de um grupo, que se baseia na junção de raça, religião e história cultural. Ela padroniza o pensamento, sentimento e comportamento mesmo operando muitas vezes de fora da percepção consciente. Ela desempenha papel importante por determinar como se relaciona. Nossa visão do mundo é através dos nossos filtros culturais e persistimos muitas vezes nas opiniões estabelecidas, mesmo com evidências contrárias.

E ainda quanto a “não lesar as pessoas” pode ter sido reforçado pelo valor da honestidade e ao mesmo tempo agindo à sua manutenção, assim como pagar bem os empregados ter relação direta com a valorização do trabalho.

As representantes das três gerações destacaram o uso do dinheiro para proporcionar experiências como sendo um valor para elas. Pode-se perceber a permanência e continuidade desta crença e valor em cada geração. Adália comparou o presentear do pai como expressão de afeto e forma de proporcionar vivências, e através da expressão “...tudo o que se gosta de fazer... custa dinheiro”, ou seja, para se ter experiências e vivências. Bianca trouxe que muito do aprendizado foi pelo exemplo e da mesma forma transmitiu às filhas o valor das experiências e vivências como preferência às coisas materiais. Segundo Poletto, Manfredini e Grandesso (2015), os pais ensinam como lidar com o dinheiro, mesmo sem falar de forma clara

sobre isto, tudo o que foi observado e sentido na comunicação não verbal sobre o dinheiro é passado como modelo aos filhos. E Catarina trouxe a crença de que coisas simbólicas e afetivas valem mais que o dinheiro, assim como o bisavô que gostava de ser extravagante no sentido de ser surpreendente, afetuoso; Catarina declarou ainda o desejo de passar às próximas gerações o mesmo valor de que as experiências e vivências devem estar acima das coisas materiais. O compromisso de lealdade está geralmente ligado com criação ou educação dos filhos, um progenitor que transmite seus valores ao filho pode se tornar um credor, enquanto o filho torna-se um devedor e este tendo que saldar sua dívida no sistema de realimentação intergeracional, internaliza os compromissos, satisfaz as expectativas e com o tempo transmitirá à sua prole. (BOSZORMENYI-NAGY 1983 *apud* BERGIN, 2004). Cervený (2012) confirma que já temos um papel definido em uma família, mesmo antes de virmos ao mundo.

No entanto houve algo que teve uma interpretação subjetiva diferenciada na geração de Catarina. Enquanto sua mãe e avó veem estas experiências sem que signifique *status*, pois não é por isto que buscam e isto foi colocado como um valor, Catarina por sua vez tem a visão de que isto não deixa de ser *status*. Sarti (2003 *apud* GRANDESSO, 2006) considera que cada família, cada membro organiza sua história construindo os significados do que viveu dentro dos limites da sua cultura e mundo. Macedo e Kublikowski (2006) afirmam que sem a nossa subjetividade não há como construir uma visão de mundo, a nossa história, nossos desejos e nossas memórias.

Para Adália o dinheiro sempre foi importante, mas não era prioridade para decisão, sempre ensinou às filhas e aos netos que é preciso ganhar e ter dinheiro, pois tudo o que se gosta de fazer custa dinheiro.

Quadro 10 – Comparação das semelhanças e diferenças das atitudes atuais quanto ao uso do dinheiro

Geração 1	Geração 2	Geração 3
<ul style="list-style-type: none"> • Não fazer dívida, um princípio que deveria cumprir, assim como cuidar bem do que tem • Nunca fez dívidas • Compra tudo à vista e com a vantagem do desconto • Em negociações procura não ter 	<ul style="list-style-type: none"> • Dívida para adquirir patrimônio • Somente emprestou dinheiro uma vez da mãe • Gosta de comprar à vista ou usa o cartão para ter milhas • “O barato sai caro”. Ela e o marido não negociam para levarem 	<ul style="list-style-type: none"> • Nunca teve dívidas • Não deixar para amanhã o que pode pagar hoje • Compra quase tudo à vista para ter ciência do gasto, contudo no cartão para ter milhas • Não consegue pedir descontos

<p>vantagens, nem desvantagens</p> <ul style="list-style-type: none"> • Foi solicitada pelo esposo da Bianca a ser procuradora financeira • Considerou que a educação financeira foi “no lance da vida” • Os pais geriam o dinheiro, contudo não tinham porte para isto • Adquiri coisas caras que têm valor para ela, mas não compraria com dinheiro dos outros por ter consciência que é uma escolha dela • Se considera sensata e que até poderia ser mais “gastona” • Empréstimo dinheiro ao outro quando sabe que pode perder e por saber que está tirando o outro de uma situação difícil • Nunca emprestou dinheiro • Recebe o que emprestou para filha como forma de ensinar a lidar com o dinheiro • Gastos atuais são com alimentação e lazer • Pensa bastante para comprar algo e raramente se arrepende • Sempre foca as vantagens para comprar algo • Quando compra coisa que não precisa tem sentimento de culpa • Diferente do esposo, ela gosta de adquirir e cuidar de coisas que aprecia 	<p>vantagem financeira, consideram a qualidade e o sossego</p> <ul style="list-style-type: none"> • Buscava educação financeira com a mãe que sempre foi empreendedora • Viajaria se tivesse mais recursos • Poupa recursos financeiros • Investe em aposentadoria • Não mistura amizade com dinheiro, sente-se injustiçada quando não pagam o empréstimo • Atualmente utiliza o dinheiro para lazer e alimentação • Arrependimento de comer fora, acha desaforo pagar caro • Não se arrepende de pagar viagens e <i>shows</i> • Não gosta e não costuma gastar com roupas e acabou passando isto às filhas, diferente de sua mãe que segundo ela, ficou perdulária após a fase de gastos com as filhas 	<p>Busca educação financeira com o pai</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se tivesse mais recursos investiria na academia de dança e viajaria • Investe em recursos financeiros • Investe em aposentadoria • Odeia dever às pessoas e considera o empréstimo um ato de confiança, ficaria chateada se não recebesse • Não empresta dinheiro dos outros, só para pequenas urgências • Ajudar as pessoas com trabalhos voluntários como a mãe ou pagando coisas • Atualmente gastos maiores são com a saúde e alimentação devido síndrome intestinal • Às vezes se arrepende de adquirir bens materiais a viver experiências • Não se arrepende de pagar viagens, <i>shows</i>, curso e fantasias de <i>ballet</i>
---	--	---

Fonte: Dados da pesquisa de campo

A atitude de não se fazer dívidas foi semelhante nas três gerações. Adália trouxe a questão como um princípio que deveria cumprir, assim como cuidar bem das coisas. De acordo com Bertin (2004), a pessoa que interioriza a essência das expectativas do grupo e assume atitudes que façam cumprir as incumbências internalizadas é um membro leal, sua estrutura introjetada tem início em algo que se deve a um progenitor ou à figura parental representada internamente. Bianca fez apenas uma vez dívida para adquirir patrimônio, no caso a compra do apartamento para não pagar aluguel. Catarina nunca teve dívidas e trouxe a fala “não deixar para amanhã o que se pode pagar hoje” que coincide com o dito popular expressado por sua mãe, encontrado no Quadro 3 e 9, “não deixar para amanhã o que se pode fazer hoje”. Conforme Piszczman, Manfredini e Gomes (2012), a vida do endividado não é fácil e em alguns casos ocorre um desmoronamento da vida pessoal e se não é possível pagar à vista, melhor esperar. Meirelles (2017) diz que a família transmite os valores e crenças através dos comportamentos, e alguns são transmitidos diretamente. E desta forma as crenças e valores quanto ao dinheiro também são construídas e ajudando a compreender o significado do dinheiro, ao mesmo tempo que se reproduz comportamentos que afetam a vida financeira. Mesmo sem perceber se é leal aos familiares, fato que se aplica também ao dinheiro.

Todas costumam comprar as coisas à vista, e segundo Meirelles (2017), as mulheres são as que mais utilizam parcelamentos. Ou seja, este caso específico se diferenciou dos dados encontrados na pesquisa de Meirelles. Portanto, o costume do pagamento à vista que perpetuou nas três gerações pode ser um meio para a manutenção da atitude de não adquirirem dívidas, a qual Adália trouxe como um princípio que deveria cumprir, contudo quanto aos objetivos de se pagar à vista houve diferenciação às participantes. Adália o faz pela vantagem de obter descontos, e se caso não tiver todo o dinheiro, ela aguardar ter, “... no geral se eu não tiver o dinheiro, faltando eu espero ter ...” (Quadro 4). Catarina não consegue pedir descontos, talvez pela crença de “não lesar as pessoas” e “o barato sai caro” vindo de sua mãe. Bianca, assim como Catarina, usam o cartão somente com o objetivo de obterem milhas para viagens.

Em negociações envolvendo dinheiro, as três participantes não buscam vantagens financeiras. Bianca considerou a qualidade e sossego como vantagens, desta forma pode-se associar vantagem da qualidade e sossego a qualidade de vida.

Quanto à educação financeira, observou-se uma centralização nas capacidades empreendedoras de Adália. Esta revelou que seus pais geriam o dinheiro, mas não tinham porte para isto e que ela aprendeu a gerir “no lance da vida”. Bianca sempre buscou orientações financeiras com sua mãe, tanto que seu esposo a solicitou para que fosse sua procuradora enquanto estavam fora do país. Catarina sempre buscou educação financeira com seu pai, que por sua vez confiava em Adália. Cerveny (2011b) diz que a unidade familiar é um sistema formado por indivíduos que podem ser considerados sistemas por si e também fazer parte do sistema familiar. E também de acordo com Cerveny (2012) podemos ficar presos ao papel designado quando recebemos uma herança e não a questionamos, mas podemos lutar por outros papéis imprimindo nossa marca pessoal nessa herança, ou seja, trabalhar nossa herança de forma a construir novas histórias.

Quanto aos investimentos, todas investiam em recursos financeiros e aposentadoria. Segundo Cardoso (2017), a forma em que mulheres e homens utilizam seus recursos financeiros são diferentes. Os rendimentos provenientes dos homens são destinados às despesas maiores, enquanto que os das mulheres são subestimados, sendo destinados às despesas menores. E os gastos femininos de uso pessoal são desqualificados aos gastos masculinos, sendo assim as mulheres têm mais dificuldades em investir seus rendimentos. Constatou-se desta forma que as atitudes das participantes quanto aos investimentos divergem dos resultados da pesquisa de Cardoso.

Quanto as compras apresentaram diferenças, Adália adquiria coisas caras com o dinheiro do seu trabalho “... porque é livro de artes, não é livro de escola... é uma escolha...” (Quadro 3), contudo não por intuito de aquisição material, mas para admirar, ter experiências; e se tivesse mais dinheiro compraria potes “...coisas do Marrocos... potes de barro, eu falei: “olha só que lindos”... Pra admirar, são lindos,” (Quadro 4). Bianca se tivesse mais recursos viajaria, assim como Catarina, que além disto investiria para obter sua academia de dança. Em síntese se tivessem mais recursos, seus desejos apresentados foram novamente para se ter experiências e vivências.

Adália se considerou sensata para os gastos e disse que poderia ser até mais “gastona”, esta fala é idêntica ao comentário que fez de sua mãe no Quadro 3 e 9 “... Minha mãe era uma pessoa que é muito sensata com as coisas, não era uma pessoa

de gostar de coisas caríssimas, acho até que era um pouco modesta demais...” Apesar de se perceber mais parecida com o pai, esta atitude quanto ao uso do dinheiro foi igual a de sua mãe. Segundo Wagner (2003) o processo evolutivo da história e organização da família está permeado de mudanças e permanências. A dimensão do novo nunca será isenta da herança de modelos, estratégias e atitudes vivenciadas e incorporadas por cada membro em sua família de origem.

Com relação a empréstimos, foram expostas algumas diferenças entre elas. Adália empresta dinheiro quando sabe que pode perde-lo e por saber que está tirando alguém de uma situação difícil e não empresta dinheiro dos outros. Bianca evita, pois sente-se injustiçada quando não a pagam o empréstimo, e não gosta de misturar amizade com dinheiro. Catarina considera o empréstimo um ato de confiança, ficaria chateada se não recebesse, não empresta dos outros, só para pequenos auxílios, contudo ajuda algumas pessoas com doações. De acordo com Cervený (2012), no decorrer das gerações, tanto as mudanças culturais, como a junção de várias heranças vindas com o casamento fazem surgir novas formas na singularidade de cada família. Contudo, pode-se ao mesmo tempo observar que Catarina faz doações e o empréstimo de Adália é quase que uma doação tendo o objetivo de tirar a pessoa de uma situação difícil. Segundo Vasconcelos (2003), a complexidade do sistema está na contextualização do fenômeno; ao ampliar o foco, pode-se perceber as circunstâncias em que o fenômeno ocorre, as relações intrassistêmicas e interssistêmicas, assim não se verá mais um fenômeno, mas uma teia de fenômenos interligados.

Adália e Bianca relataram ter como maiores gastos atuais alimentação e lazer, e Catarina alimentação e saúde.

Apresentaram diferenças quanto a arrependimentos de gastos, Adália raramente se arrepende, pois pensa bastante e foca as vantagens e quando acontece arrependimento sente culpa. Bianca se arrepende de comer fora e comprar roupas, o que acreditou ter passado às filhas, e bem diferente de sua mãe que ficou perdulária segundo a mesma. Cervený (2011a) ressalta o antimodelo como forma de repetição e acontece quando os modelos são rejeitados e ocorrem tentativas de não repeti-los, contudo o que acontece é uma repetição pelo seu oposto; e é tão forte quanto a repetição do modelo, o qual continua sendo a referência. Tornam-se uma relação de complementaridade do que de oposição.

Catarina se arrepende de comprar coisas ao invés de ter experiências, talvez tenha sido aprendido também com a experiência do “*Nike Shox*” relatada no Quadro 5. Segundo Bergin (2004), a culpa é provocada pelo não cumprimento de corresponder aos estímulos que lhes são oferecidos, sentindo-se incapacitados ao atendimento da demanda de obrigações do sistema.

Adália gosta de comprar coisas que aprecia, Bianca não se arrepende de pagar viagens e *shows* e Catarina também com o acréscimo de curso e fantasias de *ballet*, talvez heranças de sua mãe a qual contou (Quadro 5) que, diferente do esposo, sempre gastou com as filhas em passeios, *shows* e fantasias de *ballet* mais do que ele achava que deveria gastar. Segundo Meirelles (2017), as mulheres em que a família exerce papel central, usam o dinheiro para cuidar do âmbito doméstico e dos filhos. As atitudes que se referem a arrependimentos ou não, encontradas nas três gerações foram apresentadas com algumas diferenças, contudo se assemelham quanto a utilizarem o dinheiro para o valor de se ter experiências e vivências. Importante ressaltar que assim como as roupas de *ballet* para as experiências de danças de Catarina, Adália contou (Quadro 3) que sua mãe tinha oito vestidos de baile e dançou até morrer. Segundo Cervený (2011a), certos padrões interacionais cotidianos em algumas famílias são facilmente detectados, enquanto que em outras estão camuflados e se tornam mais difíceis de observar.

Quadro 11 – Comparação das semelhanças e diferenças dos fatores que influenciam o significado do dinheiro

Geração 1	Geração 2	Geração 3
<ul style="list-style-type: none"> Diferença quanto ao significado do dinheiro para o cônjuge e seus familiares O significado do dinheiro não mudou, nasceu, cresceu e morrerá na mesma classe social Nunca teve dificuldades com dinheiro Antes percebia mais fartura pelo pai ter sido perdulário e não pelo dinheiro As mudanças constantes de leis no Brasil trazem 	<ul style="list-style-type: none"> Valores diferentes do marido, mas sem conflitos: gastos com fantasias de <i>ballet</i>, passeios, <i>shows</i> e festas com as filhas A mãe tinha conta separada para gastos distintos dos valores do marido, contudo havia conflitos No decorrer da vida o significado do dinheiro se manteve Política do país Desemprego e medo dele 	<ul style="list-style-type: none"> Ter um significado para o gasto (aprendido com os pais) Desemprego e medo dele

<p>insegurança financeira. A sogra perdeu a casa devido a isto e quase aconteceu com ela também</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprendeu que é importante ganhar dinheiro com investimentos por morar num país capitalista • Inflação e ter abertura para opiniões de pessoas qualificadas • A sociedade acredita que o dinheiro resolve tudo, salva e faz ser feliz; mas é importante porque ou trabalha e se sustenta ou alguém te sustentará • É dado muito valor ao dinheiro porque se não se comprar e vender a economia do país não anda • Sente-se bem quando está com alguém de maior condição financeira que ela. O contrário às vezes não, pois teme pagar algo para a pessoa e a mesma se sentir humilhada • Sobrevivência e abuso de poder • Refletiu ao longo da vida que teria pensado em ganhar mais dinheiro porque as coisas boas custam caro 	<ul style="list-style-type: none"> • Injustiça social, sente raiva • Dinheiro é o maior valor da sociedade • O deslumbre entre dinheiro e poder destrói o ser humano, traz ganância, é nociva, real e domina o mundo • Crença de que para a sociedade dinheiro compra a felicidade, mas ela não acredita nisto • Não se sente incomodada com pessoas que têm maior condição financeira, somente se ficar “chata” • Se sente incomodada com pessoas muito simples, se sente mal se estiver muito arrumada • Desaforo pagar caro pela marca e fazer propaganda de graça • O <i>status</i> vigente na cultura • Ter se casado e ter que dar conta das filhas e da vida • Ter um respaldo financeiro maior devido a longevidade • Geração “recheio”, cuida dos pais que estão vivendo mais e 	<ul style="list-style-type: none"> • Desigualdade social financeira, traz sentimento dúbio, gratidão por ter e impotência pelo social • As pessoas acham que as pessoas mais ricas são mais felizes • A relação entre dinheiro e poder deixam as pessoas cegas de valores • Foge de dinheiro e poder para conseguir preservar os fortes valores e princípios que herdou da família • Não se incomoda por alguém ter maior condição financeira, mas quando em qualquer situação esta tenta tirar vantagens • Tem empatia com quem tem menor condição financeira e se sente desconfortável em “ostentar” vestuário • Interferência midiática x Conscientização do valor das coisas (aprendido com os pais) • <i>Status</i> vigente na cultura x Senso crítico quanto a escolha do uso do dinheiro (aprendido através dos pais e por reflexão própria)
--	---	---

	dos filhos que demoram mais a entrar no mercado de trabalho	
--	---	--

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Os fatores que influenciam o significado do dinheiro foram comparados. Ao que se refere ao próprio significado, as três gerações relataram não terem percebido mudanças.

Adália trouxe (Quadro 5) que o significado do dinheiro sempre foi diferente para ela e seu marido, contudo não interferiu porque ela “cortou”, se não poderia chegar até em separação. “[...] No casamento, existe muita dificuldade em discutir sobre dinheiro, que, por sua vez, está fortemente ligado ao lado emocional das pessoas.” (PISZEZMAN; MANFREDINI; GOMES, 2018)

Adália nunca teve dificuldades com dinheiro, isto pode ter sido também mais um fator de influência para a permanência do significado. Bianca também relatou ter significado e atitudes diferentes aos do marido, contudo isto nunca foi motivo de conflitos entre o casal, como relatou ter sido com os pais “...ela sempre teve a conta dela, as coisas, porque eles têm lugares diferentes pra gastar e isto era um problema que afetava... tinha uns conflitos assim...” (Quadro 5). E Catarina aprendeu com seus pais a ter sempre um significado para os gastos. Foi observado que nos dois casamentos os significados eram distintos aos cônjuges, contudo elas sempre tiveram atitudes conforme os seus próprios significados, Adália tinha uma conta separada para os gastos distintos do esposo e Bianca gastava com tudo o que achava importante, talvez as questões quanto, a crença familiar de que houve um patriarca que perdeu toda a herança na família de origem de Adália; o fato de todas trabalharem e ganharem dinheiro e a crença de que a mãe de Adália teve tudo o quis, pois seu esposo lhe dava tudo o que quisesse conforme Quadro 8, podem ter sido fatores de influência favoráveis a estas atitudes. De acordo com Piszczman, Manfredini e Gomes (2012), um dos maiores desafios em um lar é a conciliação de dinheiro e vida familiar, é muito difícil satisfazer os desejos ilimitados de cada membro devido a conflitos de gerações e o limite da renda familiar. Essa tarefa tornou-se mais complicada uma vez que as mulheres passaram a contribuir com o orçamento familiar. No Brasil a grande maioria das mulheres trabalham e isto impede a decisão da distribuição do orçamento apenas pelo homem.

Ainda quanto à análise dos casais, podemos pensar na repetição pelo antímodo, Bianca ao observar os conflitos gerados pelas questões financeiras entre seus pais, pode ter realizado o oposto. Quando os modelos são incômodos, tentar-se-á evitar com que eles não se repitam, partindo para o antímodo, ou seja, repetição pelo oposto. (CERVENY, 2012)

Outro fator de influência que apareceu foi quanto a política do país, sentimentos como insegurança, medo, raiva e impotência foram citados pelas participantes. A sogra de Adália "perdeu" a casa por mudanças na lei e a mesma também correu este mesmo risco. Por conta da inflação Adália percebeu que teve que aprender a ganhar dinheiro com investimentos e a estar aberta para receber opiniões de pessoas qualificadas a isto, ou seja, precisou aprender a ganhar dinheiro não só com trabalho como havia sido ensinada por sua família de origem (Quadro 6). Bianca trouxe o medo do desemprego e a raiva da injustiça social. E Catarina assim como sua mãe trouxe o medo do desemprego e um sentimento de impotência diante da desigualdade social, contudo também gratidão por não se perceber com dificuldades financeiras. Observou-se que o medo do desemprego também pode estar associado à perda do trabalho em si, algo considerado como um valor para esta família, Bianca citou no Quadro 3 o quanto os seus pais valorizavam o trabalho. Conforme Leitão (2011 *apud* MEIRELLES, 2017) nos últimos 50 anos houve uma série de fatos históricos e econômicos que trouxeram para o cotidiano da população a presença da inflação e o desejo da população em derrotá-la. O processo com a inflação levou a população ao empobrecimento, gerou insegurança, recessão e desemprego. Durante todo o período de transformações da economia, a população teve que aprender a usar o dinheiro se quisesse sobreviver aos planos econômicos buscando informações. A luta que o povo travou para a preservação da moeda deixou marcas em relação as atitudes, crenças e valores no que se refere ao uso do dinheiro.

A três participantes expuseram que a sociedade acredita que o dinheiro traga felicidade, mas elas não acreditam. Adália trouxe por outro lado que a importância do dinheiro é legítima porque é necessário que se compre e se venda para a economia do país e que se uma pessoa não trabalha para se sustentar, outro terá que fazer. Bianca abordou que o deslumbre entre dinheiro e poder é real e nocivo, pensamento que coincide com o que sua religião diz sobre o dinheiro. Catarina acredita que esta relação de dinheiro e poder possa deixar as pessoas cegas de valores e por isto foge desta relação, demonstrando a força tendenciosa do contexto cultural e fragilidades

humanas, para poder preservar os princípios que herdou da família. Em análise pode-se observar que mesmo numa cultura que valorize o dinheiro como fonte de felicidade e poder, e com a consciência das fragilidades humanas, há uma luta interior para permanecerem fiéis aos valores familiares, ou seja, trabalho e honestidade. De acordo com Poletto, Manfredini e Grandesso (2015), o apelo da mídia para um consumo constante, contribuem para uma incessante busca de bens materiais, resultando em constante insatisfação com o que se tem e tal disponibilidade de ofertas não contribui para pessoas e famílias mais felizes. A aquisição de produtos de marca contribui para a construção de uma identidade diferenciada, e numa sociedade marcada pela desigualdade social uma pessoa passa a ser considerada pelo que usa, veste ou possui, sendo sinônimo de prestígio. Desta forma o dinheiro acaba por se associar ao poder. Estes são desafios às famílias que querem educar seus membros para o uso do dinheiro e a preservação de valores mais igualitários.

Todas as participantes disseram não se sentirem incomodadas com pessoas que tenham maiores condições financeiras que elas. Já o contrário, quando estão com pessoas com condições financeiras menores todas relataram sentir incômodos, contudo com particularidades, as atitudes de Bianca e Catarina foram semelhantes, elas se incomodam quando estão com melhores vestimentas nestes casos.

Um fator de influência considerável é o da mídia e contexto cultural, contudo este fator do apelo midiático, nos dois exemplos citados foram observados pelos pais e o assunto refletido com as filhas, e desta forma através das orientações dos pais e reflexões próprias das filhas, os valores foram passados, sustentados e repassados. De acordo com Cervený (2012) pertencemos a uma família e construímos a nossa identidade através da nossa história intergeracional, incluídos numa sociedade e inseridos numa cultura. E ainda Cervený (2011a) explicita que a família constrói sua realidade através do compartilhamento de seus membros quanto as suas histórias. Adália (Quadro 5) mostrava às filhas que era desaforo pagar mais caro pela marca e ainda fazer propaganda de graça, e Bianca fez com que Catarina comprasse o tênis *Nike Shox* com suas próprias economias, e a mesma mais tarde tomou consciência do valor agregado a marca, assim como das experiências que poderia ter com o mesmo valor gasto com o tênis, reforçando o valor de se ter um significado para o gasto e de utilizar o dinheiro para experiências e vivências ao invés de coisas materiais. De acordo com Poletto, Manfredini e Grandesso (2015), o apelo da mídia

para um consumo constante, contribuem para uma incessante busca de bens materiais. A aquisição de produtos de marca contribui para a construção de uma identidade diferenciada, e numa sociedade marcada pela desigualdade social uma pessoa passa a ser considerada pela marca do tênis que usa, pela roupa que veste, o carro que possui, sendo sinônimo de prestígio. Estes são desafios às famílias que querem educar seus membros para o uso do dinheiro e a preservação de valores mais igualitários. Uma outra questão é trazida por Piszczman, Manfredini e Gomes (2012) é a de que para os pais é importante mediar este consumo, pois as crianças não têm maturidade emocional para entenderem estas estratégias e ainda são emocionalmente vulneráveis. Os pais por serem os modelos, podem conversar sobre as finanças no cotidiano familiar.

Adália apesar de dizer que o significado do dinheiro não mudou para ela ao longo de sua vida, destacou ter refletido que teria pensado em ter ganho mais dinheiro porque as coisas boas da vida custam caro. Esta influência será comentada na comparação sobre trabalho e dinheiro.

Um fator novo que apareceu foi na geração de Bianca, em que ela colocou o termo geração “recheio” (Quadro 5), ou seja, ela percebeu que os pais de sua geração estavam tendo uma vida mais longa e os filhos demorando mais para saírem de casa e com isto a reserva financeira de sua geração deveria ser maior do que ela imaginava, tanto para dar suporte aos pais, quanto aos filhos.

Quadro 12 – Comparação das semelhanças e diferenças sobre trabalho e dinheiro

Geração 1	Geração 2	Geração 3
<ul style="list-style-type: none"> • Não aprendeu a ganhar dinheiro com a família. Aprendeu a estudar, ter uma profissão, trabalhar e ganhar • Uma pessoa tem mais valor porque fez algo mais e por isto ganhou dinheiro • Sua profissão sofria estereótipos na família quanto a ganhar dinheiro e ela ganhou • Não consegue se imaginar vivendo sem ganhar nada com trabalho, percebeu que 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalha no que gosta, mas também para ganhar dinheiro e ter / fazer as coisas que gosta • Os pais sempre gostaram de seus trabalhos e a mãe tinha dois empregos • Trabalho é uma realização 	<ul style="list-style-type: none"> • O avô teve que receber para estudar, a mãe não precisou trabalhar para estudar, e Catarina pode escolher o trabalho após a faculdade • A escolha da profissão também pautada em segurança financeira, de bailarina à arquiteta, de arquiteta à engenheira civil, contudo ainda se questiona por questionar sobre o dinheiro

isto já chegou aos netos		<ul style="list-style-type: none"> • No início da vida profissional a satisfação estava ligada ao dinheiro. Atualmente pensa mais em estar feliz com o que se faz ao que se ganha • Tem dois trabalhos e não é só por dinheiro
--------------------------	--	--

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Como já foi observado, o trabalho para esta família é um valor em si. Pode-se observar através da fala "... O meu pai vinha de família imigrante, então é gente que lutou bastante, que luta bastante, tudo imigrante, eles chegam sem nada, tem que começar a vida, o meu pai falava isto, falava: "Olha minha família, se a gente não fosse organizado e entre o grupo, com o grupo e tomasse muito bem cuidado com o que tem, a gente não tinha nada, chega aqui você não tem uma propriedade, não tem nada, vai começar a vida, tem que começar a vida." E graças a Deus venceram." (Quadro 3). Pode ser observado o trabalho, como luta para se ter vida, isto aparece forte na fala de Adália "... eu não consigo imaginar de viver sem ganhar nada, nem que eu tenha dinheiro, que eu tenha mesada, eu não suportaria essa ideia, eu ganhar dinheiro em alguma coisa que eu trabalhe e é tão forte isso e tão natural que agora por exemplo que eu não tô trabalhando porque eu tô invalidada... engraçado isso, vai fazendo isso na cabeça sozinha... Então, mas é muito difícil, eu detesto." (Quadro 6). Pode-se perceber a força desta transmissão intergeracional. Outra observação feita foi quanto ao cuidar bem das coisas e consertar, cuidar das coisas pode ser valorizar a forma como se ganhou para poder adquirir as coisas, então é valorizar o trabalho por si. A família também apareceu como um valor, o pai de Adália também vinculou o ganhar a vida ao grupo familiar, ao dizer que é preciso ter organização entre e com o grupo. É na família e pela família que os outros valores são sustentados e vice-versa. De acordo com Cerveny (2012) pertencemos a uma família e construímos a nossa identidade através da nossa história intergeracional, incluídos numa sociedade e inseridos numa cultura. O pertencimento a uma cultura ou grupo familiar, significa tomar lugar no mundo e se apropriar da identidade familiar, que tendo base biológica, se concretiza em uma história relacional e ajuda a construir a própria história. Osório (2011) ainda destaca que família tem o objetivo de preservação da espécie, assim

como nutrição e proteção da descendência, desenvolvendo suas identidades e favorecendo a transmissão de valores.

Foi observado que o valor do trabalho não teve alteração intergeracional, contudo a relação entre trabalho e dinheiro sim.

Adália havia dito que seus pais não a ensinaram a ganhar dinheiro, apenas a ter uma profissão, trabalhar e por consequência obter o ganho do dinheiro, entretanto a mesma expôs que ao longo de sua vida deveria ter ganho mais dinheiro porque as coisas boas da vida custavam caro (Quadro 13), ou seja, sua própria experiência de vida tenha sido talvez um fator de influência para esta reflexão, foi atribuído um valor ao dinheiro no sentido da sua necessidade como valor de troca para tudo o que se gosta e se deseja fazer e Adália ensinava isto às suas filhas e netos “Eu acho que tem que ganhar dinheiro, que precisa ganhar dinheiro e ter dinheiro, isso eu sempre passei pras minhas filhas...” (Quadro 3). De acordo com Bertin (2004), se o comportamento de um membro do sistema familiar mudar, todo o sistema transformará. Isto se confirma nas palavras de Bianca que trouxe o trabalho como uma realização, mas também para ganhar dinheiro e poder ter e fazer coisas. Catarina destacou que a escolha de sua profissão foi influenciada pela orientação de seus pais e pautada na escolha de uma segurança financeira, contudo no início de sua vida profissional percebeu que sua satisfação estava somente vinculada ao dinheiro, e que atualmente pensa mais em estar feliz com o que se faz ao que se ganha, ou seja, parece que ela voltou ao significado de seus antepassados imigrantes, primeiro ter uma profissão, trabalhar e ganhar dinheiro. “[...] Na busca de novas alternativas, muitas vezes encontramos velhos padrões com roupagem nova.” (WAGNER, 2003, p. 27)

Quadro 13 – Comparação das semelhanças e diferenças sobre tempo e dinheiro

Geração 1	Geração 2	Geração 3
<ul style="list-style-type: none"> Gasta uns 15% do seu tempo de vida pensando em dinheiro, o “suficiente” Pagar mais em algo para ganhar tempo O tempo vale ouro, melhor pagar algo para ganhar tempo ou não perdê-lo 	<ul style="list-style-type: none"> O tempo de pensar em dinheiro é pouco, mas por ser autônoma nunca se despreocupa Aprendeu com a mãe que é melhor pagar algo para ganhar tempo que tem valor em si 	<ul style="list-style-type: none"> Não pensa toda hora em dinheiro, uma vez por mês, ao menos, faz análise dos gastos e planejamentos em planilha Rico é quem tem tempo Prefere ter tempo, mas que seja produtivo

<ul style="list-style-type: none"> • Prefere ter dinheiro a tempo, pois o tempo rende mais com dinheiro 		
--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Quanto à relação tempo e dinheiro, as três participantes consideraram gastar um tempo pequeno de vida para pensarem em dinheiro. De acordo com a pesquisa de Meirelles (2017), em classe média e média alta brasileiras o dinheiro não foi considerado aspecto central da vida dos participantes, estes não demonstraram uma preocupação constante com o dinheiro.

Catarina uma vez por mês faz análise dos gastos e planejamento em planilha. De acordo com Piszczman, Manfredini e Gomes (2012), o planejamento financeiro é parte fundamental da felicidade e segurança familiar. A maioria das pessoas não realiza esta contabilização todos os meses, seja por ignorar a importância deste controle ou por limitações culturais, ou ainda por acreditarem ser impossível administrar as contas. Tomar conhecimento do destino do dinheiro é essencial para economizá-lo e estabelecer novos padrões de organização financeira. As pessoas mais bem-sucedidas financeiramente realizam este controle e planejamento.

A análise quanto a preferência por tempo ou dinheiro foi comparada como sendo semelhante às três, pois valorizaram o tempo. Apesar de Adália ter destacado que preferiria ter dinheiro a tempo, esta explicou que sua escolha era porque o tempo renderia mais com dinheiro, com o objetivo da valorização do tempo. Bianca expôs ser melhor dispor de dinheiro para ganhar tempo que tem valor em si e Catarina considerou que rico é quem tem tempo, e preferiria ter tempo, mas que fosse produtivo. De acordo com Galano (2012), o tempo é uma entidade de vida e pode-se dizer que não se compra o tempo. Antes se dizia que “tempo é dinheiro”; agora percebe-se que ele é mais caro por ser mais finito que o dinheiro. Desta forma se conscientiza de que “tempo é vida”.

Quadro 14 – Comparação das semelhanças e diferenças sobre gênero e dinheiro

Geração 1	Geração 2	Geração 3
<ul style="list-style-type: none"> • Homem e mulher não lidam com nada igual • A mãe não estudou, não trabalhou e não ganhou dinheiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher e trabalho remunerado teve início com sua mãe • A avó cuidou de muita gente 	<ul style="list-style-type: none"> • Na família não vê diferença entre os gêneros, todas as mulheres sempre trabalharam

<ul style="list-style-type: none"> • Apesar de ter mais afinidade com o estilo do pai, se vê diferente deles e estudou antropologia o que não era apreciado por ambos • Com as filhas lidou com muita sinceridade e aprenderam a lidar com as coisas sem desafios, gastar menos 	<ul style="list-style-type: none"> • “Marido, tem que procurar um homem que não jogue e não beba” por conta do bisavô que perdeu tudo no jogo • A experiência com o gênero masculino na sua história foi associada à perda financeira, já com o gênero feminino foi boa, a mãe sempre trabalhou 	
---	---	--

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Quanto a esta comparação, gênero e dinheiro, foi considerado de que o gênero feminino teve sua conquista financeira a partir de Adália e se perpetuou nas gerações seguintes. Para Adália homem e mulher não lidam com nada igual; sua mãe não estudou, não trabalhou e não ganhou dinheiro; Adália estudou antropologia, o que não era apreciado por eles, de acordo com McGoldrick (1995), para os italianos o jovem adulto talvez tenha a necessidade de aumentar a distância emocional e ao mesmo tempo permanecer conectado. Adália sempre teve dois trabalhos e transmitiu estes valores às suas filhas. Bianca reforça de que o trabalho remunerado para as mulheres teve início com sua mãe; o fato de seu bisavô ter perdido toda herança em jogos também pode ter reforçado a busca pela independência financeira feminina nesta família. Catarina trouxe com naturalidade não perceber diferença de gêneros quanto a estas questões na família e que todas as mulheres sempre trabalharam. Pertencemos a uma família e construímos a nossa identidade através da nossa história intergeracional, incluídos numa sociedade e inseridos numa cultura. (CERVENY, 2012)

A pesquisadora acreditou ser importante destacar que ao dar início à análise de conteúdo, percebeu a dificuldade de encontrar a categorização mais pertinente aos recortes extraídos da entrevista, ao observar que uma fala poderia se encaixar em mais de uma categoria observou também a importância da ampliação do foco, ou seja, do recorte. A narrativa gerada pela interação entre as participantes; a contextualização do próprio diálogo; a presença da pesquisadora interagindo na construção das narrativas, com possibilidades de novas narrativas geradas nas vivências das

entrevistas; e o próprio ato da construção de sínteses; são configurações que influenciam e possibilitam novos significados para o dinheiro para todas as envolvidas. O papel da construção narrativa pode ser reconhecido enquanto gerador de mudança, além disso o meio narrativo configura o contexto para a negociação de novos significados através da linguagem (GRANDESSO, 2011).

De acordo com Vasconcelos (2003) pensar sistematicamente é pensar o que é complexo, instável e intersubjetivo. Com base nesta complexidade pode-se perceber através do diálogo a seguir, entre as gerações, que recortes do mesmo diálogo poderiam se encaixar em mais de uma das categorias construídas para esta pesquisa. Realizar recortes pode mostrar os elementos centrais, contudo o objetivo de categorizar pode de certa forma não revelar o processo das inter-relações e as contextualizações, ou seja, a complexidade das forças internas que ocorrem no próprio sistema familiar, assim como as forças externas atuantes sobre o sistema e ao mesmo tempo a atuação desta na cultura vigente, tudo ocorrendo ao mesmo tempo. Ainda segundo Vasconcelos (2003), a complexidade do sistema está na contextualização do fenômeno; ao ampliar o foco, pode-se perceber as circunstâncias em que o fenômeno ocorre, as relações intrassistêmicas e interssistêmicas, assim não se verá mais um fenômeno, mas uma teia de fenômenos interligados.

“Então, pra mim como filha dela e do meu pai também, eles sempre é, nos proporcionaram boas coisas, culturais, viagens, lugares. **O dinheiro na minha casa nunca foi *status*, nunca, né mamãe? Nunca.** Tipo essa coisa de você, sempre foram carros simples, casa confortável simples, sabe assim, eles sempre valorizaram muito arte, então coisas culturais, então o dinheiro sempre representou uma coisa assim de gastar com moderação, mas usa, sabe não deixar pra amanhã o que se pode fazer hoje, assim eles construíram a casa aos pouquinhos, nós chegamos a morar numa construção na casa que a gente morou por muitos anos, então sempre foi tudo assim muito conquistado né mãe? Os dois começaram a vida por eles mesmos, então a minha relação que eu tenho de dinheiro com eles, da minha história de vida, família de origem, era de usufruir muito, entendeu uma coisa assim ativa né, dinâmica, apesar de ter óbvio tem casa a mais, tem uma casa na praia, mas assim era uma coisa assim

de mexida entendeu, não de “Vamos poupar, parapá né?” Então uma coisa de vida mesmo de ação.” (Bianca)

“É eu acho que também tenho essa percepção de que a gente sempre é teve foi afortunado de tá numa classe social é média alta né e **eu acho que também utilizar isto culturalmente falando e ou com arte ou viagens não deixa de ser um status também** porque né. É eu acho que acaba colocando você num patamar de conhecimento todo que.” (Catarina)

“Sim, mas **não é por isto que você busca.**” (Adália) (fala sobreposta)

“É filha **não é por status.**” (Bianca) (fala sobreposta)

“Não, eu concordo, mas eu acho que não deixa de ser também.” (Catarina)

“Sim.” (Bianca)

“**Deixa eu falar minha opinião.**” (Catarina)

“Hã hã” (Bianca)

“E, mas eu acho que **sempre foi muito forte isto em ambos, meu pai e minha mãe de realmente ter um significado para o gasto**, de fazer valer a pena e não ser simplesmente uma coisa simplória ou uma coisa por, é, como eu posso dizer, só por ser uma marca, ou não. É por qualidade ou é por conta da marca? Ou é porque alguém falou que você precisava comprar, isto faz sentido ou não faz sentido? Sempre ser uma coisa mais, uma relação mais saudável com o dinheiro, isto sempre foi muito com os meus pais **assim que eles sempre passaram pra gente.**” (Catarina)

A questão do *status* para esta família pareceu gerar um certo conflito no diálogo entre as gerações, pareceu ser um valor para Adália (G1) e Bianca (G2) não terem como objetivo a busca por *status*, e quando Catarina (G3) revelou estar de alguma forma admitindo a presença do *status* na família, foi logo solicitada a esclarecer e a confirmar de que não era pelo *status* que ela buscava. Pode-se observar a força do sistema familiar sobre um imaginado movimento de diferenciação do membro da família quanto ao valor de não se ter como objetivo a busca por *status*. Contudo na sequência do diálogo pode-se verificar que este valor permaneceu nas três gerações. Desta forma poderia ser considerado como um valor (Categoria 1) e por tratar-se de influência do próprio sistema (Categoria 3). Ainda de acordo com Cerveny (2011a) os sistemas interpessoais podem ser vistos como circuitos de retroalimentação, ou seja,

o comportamento de cada um, afeta e é afetado pelos comportamentos dos outros. O sistema familiar deve ser visto como um todo para a sua compreensão, e não como a soma das partes; os indivíduos só podem ser compreendidos dentro dos contextos interacionais.

“Aí talvez não é por intenção de *status* que você falou né?” (Cláudia)

“Sim, exatamente, o *status* olhando desta forma.” (Catarina)

“**Contudo a consequência do uso disto né? Cultural e tal, isto você enxerga na sociedade hoje como sendo um *status* também, isto?**” (Cláudia)

“É, é que eu acho que por ter, o que eu quis dizer no início é que por viajar pra vários lugares, por conhecer, investir em cultura, você acaba tendo.” (Catarina)

“**Como consequência, mas não que isto seja o objetivo?**” (Cláudia)

“**Não. Exatamente.**” (Catarina)

Ainda quanto ao suposto conflito gerado quanto ao *status*, a pesquisadora colocou-se de forma ativa na tentativa de esclarecer a trama que se formou. Grandesso (2011) comenta que a compreensão do significado envolve o projetar-se do intérprete como participante ativo até que seja possível a compreensão. E ainda Vasconcelos (2003) ressalta que a intersubjetividade é o espaço de atuação do observador que se constitui com o sistema o qual trabalha; ao reconhecer sua própria participação nesta constituição e ao validar as possíveis realidades instaladas, o observador se inclui e passa a se perceber em acoplamento com a estrutura. Ao assumir estas três dimensões do novo paradigma da ciência, se tem um cientista novo-paradigmático.

“Na nossa época não tinha muito roupa, só tinha calça jeans e minha mãe costurava tudo em casa pra gente, né mãe? E aí quando começou as primeiras camisetas com marca escrito *Levis*, não sei o que, ela falava assim: “Eles que deviam pagar pra vocês andar com o negócio escrito aqui e vocês tão fazendo propaganda de graça.” **Não tinha ainda o consumismo e ela fez esse olhar né, tanto que a gente tinha horror de coisa que vinha escrito assim.**” (Bianca)

“Achava desaforo.” (Adália)

“Achava desaforo, “que desaforo vocês vão ficar andando com o negócio escrito fazendo propaganda de graça.”” (Bianca)

“Ou por exemplo **quando não conseguia fugir muito né**, por exemplo na adolescência eu lembro muito que eu queria um *Nike Shox* que era aquele tênis de mola. Assim né e eu acho que tipo meus pais sempre puderam me dar um *Nike Shox*, mas eles sentaram comigo: “Olha Catarina, olha o seguinte, custa três, quatro vezes mais que um tênis normal, tão uma qualidade tão boa quanto um *Nike Shox*, **é puramente por conta da marca**. Então **pra você ter consciência de quanto custa isto** você junta os seus presentes e compra.” E eu lembro que eu comprei o meu primeiro *Nike Shox*, **foi o máximo, eu ia lá desfila na escola com o Nike Shox** tal, mas logo perdeu sabe, eu lembro que foi muito junto com uma viagem pra Disney que a gente fez, mais ou menos na mesma época que a gente ganhou dinheiro pra gastar lá e aí eu lembro que **a gente conseguiu ter um monte de experiências com meio que o mesmo dinheiro que eu comprei o tênis.**” (Catarina) (Riso de Bianca)

“Aí **depois disso eu fiquei assim** e aí sabe, eu prefiro muito mais esse, perdeu totalmente a graça entendeu, então **é importante isto sabe da relação mesmo com o dinheiro e de o que você vai fazer com eles, eu sempre penso duas vezes.**” (Catarina)

“Contudo **você quis experimentar** né, mesmo...” (Cláudia)

“Então **é eu experimentei é.**” (Catarina) (Fala concomitante)

“...a mãe falando, você tirou a sua experiência, a sua reflexão né?” (Cláudia)

“Sim, exatamente.” (Catarina)

“**Você quis experimentar** quando a sua mãe te falou ou não?” (Cláudia)

“É **difícil falar porque a nossa época era hippie** também, então se você ficasse, eu era **da turma dos hippie, não era dos ”patricinhas”**, então se a gente pegasse alguma coisa, porque nem... eu fui pintar a unha depois que eu fui, que eu me formei, entendeu, a gente, quer dizer tinha esse lance dela, mas a gente era mais “bicho-grilo” né mãe?” (Bianca)

“**Tinha que segurar o outro lado**, eu lembro que ela queria comprar um tênis, trocasse o cordão por barbante encardido.” (Adália)

“É era hippie entendeu, rasgar calça.” (Bianca) (Fala concomitante)

“Eu falava pra ela: “Bianca...” (Adália) (Falas concomitantes, não audível)

“Mas **não deixa de ser um *status* de adolescente.**” (Bianca) (Fala concomitante)

“...Sopa da igreja, eles te dão um prato de sopa.” (Adália) (Riso de Bianca)

“Eu falava pra ela: Bianca vai lá pegar a sopa da igreja, eles te dão um prato, ela tava com um tênis encardido com cordão de barbante encardido.” (Adália)

“**Mas aí tinha o *status*, não era um *status* de consumo, mas era um *status* da tribo do adolescente.**” (Bianca)

(Para Catarina) “Porque a **preocupação** também talvez fosse muito **com o grupo?**” (Cláudia)

“É, sim **as minhas amigas tinham o tal do *Nike Shox*.**” (Catarina)

“Mas sabe Cláudia, **tudo isto a gente tem que lutar**, eu tinha uma amiga que era um horror deste tipo, nestas coisas, eu falava pra ela, olha a única coisa que eles tem de original nisto, eles não tem filosofia nenhuma, objetivo nenhum, a única coisa que eles tem é que eles tão no lugar errado, se ao invés de sentar na praça Venceslau com um vestido rasgado e conhecido, sentar lá na praça da Rodoviária não chama a atenção,” (Adália)

“É ela falou isto. (riso)” (Bianca)

Observou-se o cuidado e ensinamento dos pais de Catarina na tentativa de dar um significado para o bom uso do dinheiro quando a mesma quis comprar o *Nike Shox* (Categoria 1 – heranças intergeracionais), e gerar conscientização das influências da cultura vigente ao proporcionar vivência e a possibilidade de reflexão à filha (Categoria 3 – fatores que influenciam o significado do dinheiro). Catarina aprendeu a pensar duas vezes antes de tomar uma decisão para o uso (Categoria 2 – Atitudes atuais quanto ao uso do dinheiro). Pode-se destacar a riqueza da análise do processo e da retroalimentação dada pelo diálogo. Vasconcelos (2003) afirma que a instabilidade é assumida pelo observador quando ao distinguir o dinamismo das relações no sistema, verá um processo em curso, um sistema auto-organizador, em constante mudança e evolução.

Durante a construção do diálogo, Bianca (G2) trouxe como observação de que apesar de nunca terem tido como objetivo o *status* para o uso do dinheiro e de ter compreendido o “olhar” avançado de sua mãe (G1) quanto ao adquirir coisas de marca e ainda fazer propaganda, pareceu se dar conta que assim como a filha havia sido influenciada pelo sentimento de necessidade de pertencimento ao grupo das amigas,

ela também havia sido influenciada por uma das culturas de *status* da sua época de adolescência, as dos *hippies* e não dos “patricinhas”, o cadarço encardido simbolizava, neste caso, esta cultura. Assim as duas buscavam por algum tipo de *status* e pertencimento ao grupo (Categoria 3 – Fatores que influenciam o significado do dinheiro). Atitudes quanto ao uso e significado do dinheiro tiveram interferência tanto dos valores familiares, como da cultura, levando cada uma delas a experimentar o que era solicitado pela cultura da época. Talvez o conceito *status* não tenha sido considerado na época de Bianca (G2) pois não interferia em gastos financeiros, contudo sua mãe “tinha que segurar de outro lado”, a diferença é que a compra do *Nike Shox* culminava em *status* de consumo e o tênis com cadarço não, contudo não deixava de ser *status*. As experiências pessoais e as reflexões sequenciais, assim como as atuais puderam proporcionar a cada narrativa a possibilidade de ressignificação quanto a presença do *status* na família, estando acoplado ou não à forma do uso do dinheiro. De acordo com Grandesso (2011) o contexto é configurado pelo ato da interpretação, através do qual o ainda não-dito pode integrar-se às narrativas já constituídas, transformando-as. A retroalimentação da informação e comportamento de forma circular é uma das conquistas que o enfoque sistêmico trouxe ao comportamento humano, não se prendendo apenas ao sistema linear de observação dos fatos (CERVENY, 2011a).

Em todo o diálogo podemos observar a complexidade da interação familiar como um sistema, ao se pensar nas categorias elaboradas para esta pesquisa, um mesmo diálogo pode ser considerado em várias categorias, contudo quando se faz um recorte do mesmo pode-se perder a observação do processo e da dinâmica familiar, ou seja, a visualização clara das forças atuantes na inter-relação entre seus membros. Segundo Cerveny (2011a), a análise de uma família não pode ser a soma das análises individuais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados e as hipóteses foram confirmadas. Por meio da pesquisa de campo as possíveis influências das heranças intergeracionais quanto ao significado e uso do dinheiro puderam ser exploradas e compreendidas.

Através da investigação da relação de cada representante, de cada geração, desta família com o dinheiro, crenças e atitudes pessoais e da família de origem, quanto ao significado e uso do dinheiro, puderam ser levantadas. O valor central foi a valorização do trabalho como o meio possível para se adquirir recursos financeiros.

A família apresentou boas condições econômicas e o significado do dinheiro como um recurso para proporcionar qualidade de vida com experiências e vivências.

As crenças culturais atuais foram o dinheiro considerado como poder para a sociedade e que traz felicidade.

Nas três gerações deste estudo de caso foram encontradas mais semelhanças que diferenças quanto ao significado e uso do dinheiro. Estas semelhanças foram devido à transmissão das heranças através das interações intergeracionais, e por meio de repetição de padrões na forma de modelo ou antimodelo, estabelecendo uma retroalimentação entre tais fenômenos, demonstrando a complexidade do sistema e proporcionando o sentimento de pertencimento familiar.

A crença que persistiu ao longo das gerações foi a valorização do trabalho em si e a utilização deste para proporcionar experiências e vivências, esta crença havia vindo da geração anterior à primeira geração estudada, se manteve nas três gerações, e com intenção anunciada pela terceira de ser transmitida à quarta geração futura. Contudo, durante a transmissão da crença envolvendo trabalho e dinheiro, ocorreu uma modificação. Primeiro se escolhia uma profissão e por consequência se ganhava dinheiro; durante o processo de transmissão, a escolha profissional foi baseada na sua possibilidade de ganho. Os possíveis fatores de influência foram a crise econômica financeira no Brasil nos últimos cinquenta anos e o sistema capitalista, contudo estes fatores não alteraram os valores peculiares e intrínsecos desta família.

Algumas crenças e valores reforçaram mais de uma atitude de comportamento no que se refere a utilização e significado do dinheiro.

Os resultados desta pesquisa também podem trazer às pessoas e famílias que buscam auxílio quanto aos seus sofrimentos e desejos de mudanças, uma melhor

compreensão do profissional pós-moderno que poderá junto e na relação com estas famílias, realizar uma intervenção considerando sua complexidade, instabilidade e intersubjetividade; considerando variáveis do processo, de como possa ter acontecido, não mais se prendendo a causa, o por quê tenha acontecido.

A pesquisadora, por meio desta pesquisa, considerou a proposta do Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático como um contributo direto e uma oportunidade para compreender a força da intergeracionalidade e repetição de padrões, e que após esta pesquisa concluiu ser de extrema importância para uma terapeuta familiar sistêmica, uma vez que tudo também se dá por meio de sua relação com as pessoas e famílias atendidas. Esta acredita no homem como um ser que realiza a sua vida apesar de seu “destino”.

Esta pesquisa proporcionou à área a ampliação da compreensão de mulheres, neste caso específico com filhas primogênicas, sendo uma filha única, de três gerações de uma família, numa visão que foi além de suas constituições, abarcou suas construções por meio de sua intergeracionalidade, nas formas de interações que possibilitaram suas construções. Ressaltou também a importância da contextualização quando se trata de compreender o ser humano, quanto às suas crenças, atitudes e valores. Aos profissionais de Intervenção Familiar uma visão sistêmica pode trazer acréscimos às suas práticas. Outros recortes para o estudo do tema podem ser interessantes, como estudar as relações entre homens de três gerações de uma família.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. Pesquisa Científica: Noções Introdutórias. In: ANDRADE, M. M. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**: elaboração de trabalhos. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 121-127.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: 70 Edições, 2010.

CARDOSO, L. B. S. A. **O Casal e a Distribuição de Recursos Financeiros em Diferentes Fases do Ciclo de Vida Familiar**. 2017. 147f. Dissertação (Mestrado), Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2250>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. e Colaboradores. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARVALHO, M. do C. B. de. **O Lugar da Família no Contexto Social**. In: CARVALHO, M. do C. B. de. (Org.) A Família Contemporânea em Debate. 7ª ed. São Paulo: EDUC, 2006.

CENCI, C. M. B. et al. Dinheiro e Conjugalidade: uma revisão sistemática da literatura. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 385-399, mar.2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100020&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 fev. 2018.

CERVENY, C. M. de O. **A Família como Modelo**: desconstruindo a patologia. 2. ed. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2011a.

_____. Pensando a Família Sistemicamente. In: CERVENY, C. M. de O. **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011b. p. 15-27.

_____. Família e Intergeneracionalidade. In: CERVENY, C. M. de O. (Org.) **Família e...: Intergeneracionalidade. Equilíbrio econômico. Longevidade. Repercussões. Intervenções psicossociais. O tempo. Filhos cangurus. Luto. Cultura. Terapia familiar. Desenvolvimento humano e social. Afetividade. Negociação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 13-45.

ESTRELA, C.; MARCELO, V. C.; SABINO, G. A. Trabalho Científico. In: ESTRELA, C. **Metodologia Científica**: Ciência. Ensino. Pesquisa. 2. ed. São Paulo: Artes Médicas, 2005. p. 151-183.

GALANO, M. H. Família e o Tempo. In: CERVENY, C. M. de O. (Org.) **Família e...: Intergeneracionalidade. Equilíbrio econômico. Longevidade. Repercussões. Intervenções psicossociais. O tempo. Filhos cangurus. Luto. Cultura. Terapia familiar. Desenvolvimento humano e social. Afetividade. Negociação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 117-139.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANDESSO, M. A. Família e Narrativas: histórias, histórias e mais histórias. In: CERVENY, C. M. de O. (Org.) **Família e...: Narrativas. Gênero. Parentalidade. Irmãos. Filhos nos divórcios. Genealogia. História. Estrutura. Violência. Intervenção sistêmica. Rede social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 13-29.

MACEDO, R. M. S. de. Família e Gênero. In: CERVENY, C. M. de O. (Org.) **Família e...: Narrativas. Gênero. Parentalidade. Irmãos. Filhos nos divórcios. Genealogia. História. Estrutura. Violência. Intervenção sistêmica. Rede social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 31-46.

_____. Reflexões sobre o Conceito de Psicologia Clínica na Contemporaneidade e Métodos de Pesquisa. In: MACEDO, R. M. S. de; Kublikowski, I.; MORÉ, C. L. O. O. (Org) **Pesquisa Qualitativa no Contexto da Família e Comunidade: experiências, desafios e reflexões**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2018. p. 15-24.

MANFREDINI, A. M. N. **Pais e Filhos: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15634>>. Acesso em 16 fev. 2018.

MCGOLDRICK, M. As Mulheres e o Ciclo de Vida Familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. e Colaboradores. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 30-64.

_____. Etnicidade e o Ciclo de Vida Familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. e Colaboradores. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 65-83.

MEIRELLES, V. M. **Lado a Lado: prática clínica e sucesso financeiro.** Curitiba: Appris, 2017.

_____. **Atitudes, Crenças e Comportamentos de Homens e Mulheres em Relação ao Dinheiro na Vida Adulta.** Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15216>>. Acesso em 16 fev. 2018.

OLIVEIRA, A. L. de. Utilizando a Grounded Theory Methodology nas Pesquisas com Famílias. In: MACEDO, R. M. S. de; Kublikowski, I.; MORÉ, C. L. O. O. (Org) **Pesquisa Qualitativa no Contexto da Família e Comunidade: experiências, desafios e reflexões.** 1ª ed. Curitiba: CRV, 2018. p. 61-82.

OSORIO, L. C. Novos Rumos da Família na Contemporaneidade. In: OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. P. do. e Colaboradores. **Manual de Terapia Familiar [recurso eletrônico]: volume II. Dados eletrônicos.** Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 17-26.

PISZEZMAN, M. L. R. M.; MANFREDINI, A. M. N.; GOMES, M. M. Família e a Busca do Equilíbrio Econômico. In: CERVENY, C. M. de O. (Org.) **Família e...: Intergeneracionalidade. Equilíbrio econômico. Longevidade. Repercussões. Intervenções psicossociais. O tempo. Filhos cangurus. Luto. Cultura. Terapia familiar. Desenvolvimento humano e social. Afetividade. Negociação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 47-64.

POLETTO, A. L.; MANFREDINI, A. M. N.; GRANDESSO, M. A Responsabilidade relacional como recurso para o uso do dinheiro nas relações familiares. **Revista Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, v.24, n.52, p. 52-63, ago.2015. Disponível em: <<http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/158/116>>. Acesso em 16 fev.2018.

SEVERINO, A. J. Diretrizes para a Leitura, Análise e Interpretação de Textos. In: SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed.; 2ª reimp. São Paulo: Cortez, 2008. p. 49-66.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. Ver. Atual., Florianópolis: UFSC, 2005.

TOBIAS, A. M. N. M.; CERVENY, C. M. de O. **Educação Financeira na Família: como falar de dinheiro com crianças.** São Paulo: ROCA, 2012.

WAGNER, A. **A Família e a Tarefa de Educar: algumas reflexões a respeito das famílias tradicionais frente a demandas modernas.** In: FÉRES-CARNEIRO, T. Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

VASCONCELLOS, M. J. E. de. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência.** 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

APÊNDICE A – Formulário Sócio-demográfico

Qual o seu gênero? _____

Qual a sua idade? _____

Em qual cidade você reside? _____ UF _____

Qual seu estado civil? _____

Qual é seu grau de instrução? _____

Qual é sua profissão? _____

Qual sua ocupação? _____

Você tem filhos? _____ Se sim, quais as idades? _____

Quem mora com você? _____

Podemos desenhar um genograma da sua família atual e de origem? _____

Quantas pessoas têm renda em sua casa? _____

Qual a faixa de renda familiar per capita:

() de 1½ salário mínimo até 3 salários mínimos

() de 3 salários mínimos até 5 salários mínimos

() de 5 salários mínimos até 10 salários mínimos

() de 10 salários mínimos até 20 salários mínimos

() acima de 20 salários mínimos

Como você avalia a condição financeira da sua família atual? _____

Você tem religião? _____ Se sim, qual? _____

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista Semi Estruturada

Crenças, Atitudes e Valores quanto ao Significado e Uso do Dinheiro Pessoal e da Família de Origem

1. O que significa o dinheiro para você?
2. O que significou e/ou significa o dinheiro para os seus pais?
3. O que seus pais diriam sobre sua situação financeira atual?
4. O que seus pais diriam sobre a sua forma de usar o dinheiro?
5. Quais as frases que você mais escutou em sua família sobre o dinheiro?
6. Qual o dito popular sobre dinheiro lhe vem à mente agora?
7. Você acredita neste dito popular? Por quê?
8. Como o assunto dinheiro interfere nas suas relações familiares?
9. Você possui dívidas? Se sim, por que você acredita que tenha se endividado?
E como se sente?
10. Você tem ou teve medo de passar por dificuldades financeiras?
11. Qual seria o ideal de ganho para você? Para quê?
12. Em negociações que envolva dinheiro, em geral você acredita que tenha vantagens ou desvantagens?
13. Você acredita que o dinheiro possa ser usado como forma de controle, vingança ou gratidão? Você se lembra de ter ocorrido algum fato destes na sua família de origem?
14. Qual a relação de dinheiro e poder para você?
15. Qual a sua avaliação quanto ao manejo financeiro de sua família de origem?
16. Qual a sua avaliação quanto ao seu manejo financeiro?
17. Qual o ditado que você sempre diz sobre o dinheiro?
18. Qual é a história da sua família sobre o dinheiro?
19. O que você acredita que sua religião diz sobre o dinheiro? (Se tiver religião)
20. Na sua percepção, qual a crença da sociedade quando o assunto é dinheiro?
21. Você acredita que homens e mulheres lidam da mesma forma com o dinheiro?
22. Como estas questões, gênero e dinheiro, se processaram na sua família de origem?
23. Como as mesmas questões, gênero e dinheiro se atualizaram para sua família atual? Ou para você? (Caso seja solteiro(a))

24. Qual o seu grau de satisfação com os seus recebimentos financeiros hoje?
25. Se você tivesse mais recursos financeiros, o que você faria com ele?
26. Você poupa ou investe recursos financeiros?
27. Você investe ou investiu em aposentadoria?
28. O que você compra à vista e à prazo? Por quê?
29. Você tem algum tipo de educação financeira? Se sim, por quem?
30. Como você age com quem te deve dinheiro?
31. De modo geral você utiliza a maior parte do seu dinheiro para saúde, educação, alimentação, moradia, lazer, vestuário ou outros?
32. Em que você utiliza seu dinheiro e não se arrepende?
33. Em que você utiliza seu dinheiro e se arrepende?
34. O que você sente quando compra coisas que não precisa?
35. Você prefere ter tempo ou dinheiro? Por quê?
36. Qual o significado do dinheiro para você?
37. No decorrer da sua vida houve mudanças sobre o significado do dinheiro para você? Qual?
38. Pensar sobre dinheiro ocupa quanto tempo da sua vida?
39. Como você se sente quando está com alguém que tem maior condição financeira que você?
40. Como você se sente quando está com alguém que tem menor condição financeira que você?
41. Você empresta dinheiro para os outros? Por quê?
42. Você empresta dinheiro dos outros? Por quê?
43. Na sua percepção, qual o valor que a sociedade atribui ao dinheiro atualmente?
44. Qual ensinamento sobre o dinheiro você gostaria de passar para as próximas gerações?
45. Gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o tema?

ANEXO A – Carta Convite

Caro(a) Entrevistado(a)

Meu nome é Cláudia Monti Duque Rodrigues, sou aluna de Pós Graduação do curso Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação da Universidade de Taubaté – UNITAU.

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre as heranças intergeracionais e o significado e uso do dinheiro. O objetivo do meu trabalho é explorar e compreender as possíveis influências das heranças intergeracionais quanto ao significado e uso do dinheiro.

Preciso de famílias voluntárias que tenham no mínimo três gerações, consangüíneas, tendo como entrevistados uma pessoa de cada geração que poderá ser do gênero masculino ou feminino com no mínimo dezoito anos de idade e renda per capita mínima de 1 (um) salário mínimo e ½ (meio), que residam no Vale do Paraíba no estado de São Paulo.

A participação de cada pessoa será primeiramente através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após de um formulário sóciodemográfico e um roteiro de entrevista individual com gravação de voz.

O local da entrevista poderá ser em sua residência ou no meu consultório particular de psicologia. Contudo em momento algum esta pesquisa terá intenção terapêutica.

Desta forma o(a) convido a colaborar com minha pesquisa. A adesão é livre e voluntária, podendo retirar-se a qualquer momento da pesquisa.

Os participantes e as informações coletadas ficarão sobre sigilo.

Se você se enquadra nestas solicitações, poderá entrar em contato através:

Celular / WhatsApp - (12) 99101-7139

Email – claudiamontidduque@hotmail.com

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Agradeço sua atenção e possível participação,

Cláudia Monti Duque Rodrigues

ANEXO B–Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: HERANÇAS INTERGERACIONAIS E O SIGNIFICADO E USO DO DINHEIRO.

1. Natureza da pesquisa: Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como objetivo explorar e compreender as possíveis influências das heranças intergeracionais quanto ao significado e uso do dinheiro.

2. Participantes da pesquisa: Famílias que tenham no mínimo três gerações cada, sendo entrevistada uma pessoa de cada geração que poderá ser do gênero masculino ou feminino.

3. Envolvimento na pesquisa: Ao se integrar neste estudo você deve participar de um procedimento para a coleta de dados que será conduzido por Cláudia Monti Duque Rodrigues, aluna de Pós Graduação do curso de Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação. O procedimento consiste nas seguintes etapas: Você deverá responder algumas perguntas por meio de entrevista, deverá responder um formulário sócio demográfico e um roteiro de entrevista semiestruturada com gravação de voz. Você terá tempo livre para responder ao solicitado e eventuais dúvidas serão esclarecidas no momento da aplicação.

É previsto um único contato com cada participante, que deve durar aproximadamente 1 hora e 30 minutos, entretanto, caso o participante se sinta cansado e assim desejar, a coleta de dados poderá ser dividida em dois encontros. Você tem a liberdade de recusar a sua participação, sem qualquer prejuízo para você. Solicitamos sua colaboração garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa entrando em contato com a Pesquisadora responsável Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira através do telefone (12) 981326333 (inclusive ligações a cobrar) ou com a aluna Cláudia, através do telefone (12) 991017139 (inclusive ligações a cobrar).

4. Riscos: A pesquisa apresenta risco mínimo. O possível risco que a pesquisa poderá causar é que o (a) Sr. (a) se sinta desconfortável emocionalmente, inseguro ou não deseje fornecer alguma informação pessoal solicitada pela pesquisadora. Com vistas em prevenir possíveis riscos gerados pela presente pesquisa ficam-lhe garantidos os direitos de anonimato, de abandonar a pesquisa a qualquer momento, de deixar de responder qualquer pergunta que julgue por bem assim proceder, bem como solicitar para que os dados fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução n. 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Os procedimentos utilizados não oferecem riscos à sua dignidade.

5. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os dados serão identificados com um código, e não com o nome. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

6. Benefícios: Você terá a oportunidade de ampliar a sua compreensão quanto a temática e refletir sobre a questão do dinheiro.

7. Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação do (a) mesmo (a).

9. Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou

modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você pode a qualquer momento, retirar seu consentimento, excluindo a sua participação.

10. Após a conclusão estará à disposição na Biblioteca do Campus do Bom Conselho da Universidade de Taubaté, uma monografia contendo os resultados.

11. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Portanto, preencha os itens que seguem:

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**HERANÇAS INTERGERACIONAIS E O SIGNIFICADO E USO DO DINHEIRO**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura

Taubaté, _____ de _____ de _____.

Cláudia Monti Duque Rodrigues
CRP. 06/116901 – Pesquisador Responsável